

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GABRIELA SILVA TRINDADE

**MULHERES DO SALGUEIRO: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL DESDE O CHÃO DAS PERIFERIAS**

RIO DE JANEIRO

2021

GABRIELA SILVA TRINDADE

MULHERES DO SALGUEIRO: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL DESDE O CHÃO DAS PERIFERIAS

Dissertação de Mestrado apresentada em junho de 2021 ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira

Rio de Janeiro

2021

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

T832 Trindade, Gabriela Silva
Mulheres do Salgueiro: construindo uma Educação Ambiental desde o chão das periferias / Gabriela Silva Trindade. -- Rio de Janeiro, 2021.
100 p

Orientador: Celso Sánchez.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Educação Ambiental. 2. Movimentos Sociais. I. Sánchez, Celso, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Programa de Pós-Graduação em Educação

**ATA DA 416ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM EDUCAÇÃO**

Aos vinte e nove dias do mês de junho de dois mil e vinte um, no prédio do Centro de Ciências Humanas e Sociais, de forma remota via videoconferência, às quatorze horas, teve início a Defesa de Dissertação para obtenção do grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO intitulada **“Mulheres do Salgueiro: construindo uma Educação Ambiental desde o chão das periferias”**, defendida pela mestranda **Gabriela Silva Trindade**, regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira - orientador (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO), Profª. Drª. Adrienne Ogêda Guedes (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO) e Profª. Drª. Tatiana Galieta Nascimento (Faculdade de Formação de Professores – FFP-UERJ). A Dissertação foi apresentada em sessão pública. Após sua apresentação, a candidata foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Em reunião reservada a Banca Examinadora:

__Considera o trabalho aprovado, destacando sua qualidade acadêmica, seu caráter inovador, seu compromisso social e sua contribuição com o campo da educação ambiental de base comunitária. Recomenda-se sua publicação na forma de livro e artigos e ressalta-se a importância da pesquisa realizada no território escolhido para a realização da mesma.

A Banca Examinadora atribuiu à dissertação o seguinte **PARECER FINAL: Aprovado**

APROVADA NÃO APROVADA

Em conformidade com a Resolução nº 5.257 de 25/03/2020 e a Ordem de Serviço PROPGPI nº 3 de 02/07/2020, esta ata vai somente por mim assinada, atestando que a defesa ocorreu com a participação dos componentes abaixo listados.

Na forma regulamentar, esta ata vai lavrada e assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira
(orientador)

Profª. Drª. Adrienne Ogêda Guedes
(avaliadora interna)

Profª. Drª. Tatiana Galieta Nascimento
(avaliadora externa)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe Mônica, meus avós Lêda e José, meu tio Marcelo e minha irmã Natália, por serem minha aldeia desde o meu nascimento e a melhor família que eu poderia ter. Obrigada por tanto. Sempre. Por toda minha vida...

Agradeço também ao Centro Acadêmico de Biologia UFRJ, à Entidade Nacional de Estudantes de Biologia e a todos os amigos que fiz nesses espaços por terem lutado comigo no movimento estudantil e terem me ensinado a importância de se estar *em movimento*...

Ao Coletivo Negro Ebí e a todos os seus membros por acolhermos uns aos outros, ajudarmo-nos, aprendermos juntos e sermos uma família...

Ao precioso meu mestre *zen* Celso Sánchez, por ser muito mais que um orientador. Obrigada por me escolher, me apoiar e me guiar ao longo dessa jornada...

Ao Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur pela paciência e diálogo. Talvez vocês não saibam, mas as palavras e o incentivo de vocês foi um divisor de águas em vários momentos...

À CAPES pelo auxílio financeiro, sem o qual eu não teria conseguido cursar o mestrado...

Aos amigos do GT Mureta, obrigada por tornarem esse processo mais fácil. Sempre me disseram que o mestrado era uma jornada muito solitária, mas minha vivência foi justamente o oposto. Agradeço pelos surtos coletivos, pelo apoio, pela amizade, pelas conversas, pelas cervejas pós-aula na Urca, pelas chamadas de vídeo durante a pandemia e tantas outras coisas...

Às Mulheres do Salgueiro, por me receberem de braços abertos e serem minhas parceiras nessa pesquisa...

À professora Francine Pinhão, minha coorientadora e “técnica de futebol”, pelas conversas nos treinos, pelos incentivos nos pré-jogos e pelas orientações à beira do campo...

Aos queridos membros da Comunidade de Práticas em Educação, Ambiente e Saúde, pela acolhida no grupo, inserção no campo e ajuda na pesquisa...

À Natálha Sant' Anna, agradeço simplesmente por ser a pessoa mais linda desse mundo. Obrigada por estar ao meu lado, por me dar tanto amor e força e por me permitir transcender em seu abraço. Obrigada pelas pequenas alegrias da vida adulta. Isso é por nós!

E, finalmente, um agradecimento profundo aos meus orixás e entidades, que me acompanham, me protegem e tornam os momentos possíveis. Obrigada por estarem comigo mesmo antes d'eu conhecer vocês. Odoyá! Ora iê iê ô!

Cantares

*Todo pasa y todo queda
pero lo nuestro es pasar,
pasar haciendo caminos,
caminos sobre el mar.*

*Nunca perseguí la gloria,
ni dejar en la memoria
de los hombres mi canción;
yo amo los mundos sutiles
ingrávidos y gentiles
como pompas de jabón*

*Me gusta verlos pintarse
de sol y grana, volar
bajo el cielo azul, temblar
súbitamente y quebrarse...*

Nunca perseguí la gloria.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.*

*Al andar se hace camino
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.*

*Caminante no hay camino
sino estelas en la mar...*

*Hace algún tiempo en ese lugar
donde hoy los bosques se visten de espinos
se oyó la voz de un poeta gritar
'Caminante no hay camino,
se hace camino al andar...'*

Golpe a golpe, verso a verso...

*Murió el poeta lejos del hogar.
Le cubre el polvo de un país vecino.
Al alejarse le vieron llorar.
'Caminante no hay camino,
se hace camino al andar...'*

Golpe a golpe, verso a verso...

*Cuando el jilguero no puede cantar.
Cuando el poeta es un peregrino,
cuando de nada nos sirve rezar.
'Caminante no hay camino,
se hace camino al andar...'*

Golpe a golpe, verso a verso.

- Poema de Antonio Machado

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar as experiências de vida de mulheres do Complexo do Salgueiro inseridas no movimento social Mulheres do Salgueiro, bem como seus cotidianos e experiências sociais, em busca de elementos que subsidiem a construção e sistematização de uma Educação Ambiental de Base Comunitária. Para alcançar tal objetivo, considerei para a metodologia a Investigação Ação Participante, a Hermenêutica e a Análise Temática. As informações sobre as Mulheres do Salgueiro e o território foram coletadas por meio de conversas, observações, levantamento bibliográfico e atuação no espaço através do projeto de extensão “A construção de comunidade de prática no contexto de formação de professores de Ciências e Biologia de São Gonçalo” (FFP/UERJ). Como resultado, identifiquei nas Mulheres do Salgueiro uma pedagogia popular pautada na integração entre a vida, o trabalho e o afeto; que por sua vez se misturam em meio a natureza, contribuindo assim para uma territorialidade particular. A partir desse entendimento, considero que uma EABC desde o chão do Salgueiro precisa considerar a centralidade do trabalho na estruturação da vida, o papel formador do movimento social, a importância do afeto e a faceta pluridimensional da natureza. Os achados incluem o ideal de uma sociedade com a natureza, em oposição a sociedade *contra* a natureza vigente. As Mulheres do Salgueiro não parecem querer dominar a natureza e viver em disritmia com o meio ambiente, mas sim alcançar um ecossistema com equilíbrio dinâmico.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Movimentos Sociais.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the life experiences of women from Complexo do Salgueiro inserted in the a social movement called Mulheres do Salgueiro, in search of elements that support the construction and systematization of a Community-Based Environmental Education (CBEE). To achieve this goal, I considered Participatory Action Research, Hermeneutics and Thematic Analysis for the methodology. Information about Mulheres do Salgueiro and the territory was collected through conversations, observations, bibliographic research and local action through the extension project “The construction of a community of practice in the context of training Science and Biology teachers in São Gonçalo” (FFP/UERJ). As a result, I identified in Mulheres do Salgueiro a popular pedagogy based on the integration between life, work and affection; which are contextualized in nature, thus contributing to a particular territoriality. Based on this understanding, I believe that a CBEE developed from Salgueiro needs to consider the centrality of work in the structuring of life, the formative role of social movement, the importance of affection and the multidimensional facet of nature. The findings include the ideal of a society with nature, as opposed to the prevailing society against nature. The women from Salgueiro do not seem to want to dominate nature and live in arrhythmia with the environment, but rather to achieve an ecosystem with dynamic balance.

Keywords: Environmental Education; Social movements.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es investigar las experiencias de vida de mujeres del Complexo do Salgueiro insertas en el movimiento social Mulheres do Salgueiro en busca de elementos que apoyen la construcción y sistematización de una Educación Ambiental Basada en la Comunidad (EABC). Para lograr este objetivo, consideré la Investigación Acción Participativa, la Hermenéutica y el Análisis Temático para la metodología. Se recolectaron informaciones sobre las Mujeres Salgueiro y el territorio a través de conversaciones, observaciones, pesquisa bibliográfica y acción en el espacio a través del proyecto de extensión “La construcción de una comunidad de práctica en el contexto de la formación de profesores de Ciencias y Biología en São Gonçalo” (FFP/UERJ). Como resultado, identifiqué en Mulheres do Salgueiro una pedagogía popular basada en la integración entre vida, trabajo y afecto; que a su vez se combinan con la naturaleza, contribuyendo así a una territorialidad particular. A partir de esta comprensión, creo que una EABC desde el Salgueiro necesita considerar la centralidad del trabajo en la estructuración de la vida, el papel formador del movimiento social, la importancia del afecto y la multidimensionalidad de la naturaleza. Los hallazgos incluyen el ideal de una sociedad con la naturaleza, en contraposición a la sociedad imperante contra la naturaleza. Las mujeres de Salgueiro no parecen querer dominar la naturaleza y vivir en arritmia con el medio ambiente, sino lograr un ecosistema con equilibrio dinámico.

Palabras clave: Educación Ambiental; Movimientos sociales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa geopolítico de São Gonçalo, mostrando seus distritos e bairros.

Figura 2 – Mapa das bacias hidrográficas presentes em São Gonçalo.

Figura 3 – Maciço de Itaúna, localizado no bairro das Palmeiras, ao fundo do Complexo do Salgueiro.

Figura 4 – Cartaz da campanha "Nossa cidade sem lockdown. Depende de você!", criada pela Prefeitura de São Gonçalo.

Figura 5 – Projeção tridimensional do Complexo do Salgueiro e arredores, com o Complexo do Salgueiro contido dentro da forma delimitada em amarelo.

Figura 6 – Ranking dos bairros da Região Metropolitana do Rio de Janeiro com mais tiroteios; mais tiroteios com presença de agentes de segurança; e maior número de baleados.

Figura 7 – Mapa mental sobre a dissertação “Mulheres do Salgueiro: construindo uma Educação Ambiental desde o chão das periferias”.

Figura 8 – Síntese produzida por Teresa, na qual se vê um coração sendo abraçado por dois braços e a palavra “Acolhimento” escrita dentro desse mesmo coração.

Figura 9 – Mapa do Complexo do Salgueiro, com a localização da Praia Focinho de Porco, do Lixão de Itaoca, da Subida do Pé da Serra, do Lagoão, de um valão e de um mangue.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

AT – Análise Temática

CABio – Centro Acadêmico de Biologia

CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CF88 – Constituição Federal de 1988

COMPERJ – Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro

CPII – Colégio Pedro II

EA – Educação Ambiental

EABC – Educação Ambiental de Base Comunitária

Eco-92 – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEBio – Entidade Nacional de Estudantes de Biologia

FFP – Faculdade de Formação de Professores

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

GEASur – Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur

IAP – Investigação Ação-Participante

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBTQTQA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais e outros grupos de diversidade de gênero e orientação sexual

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação

RTPD – Relatório Técnico do Plano Diretor Municipal Participativo

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – ENSAIOS SOBRE O CAMINHO.....	18
INTRODUÇÃO.....	26
CAPÍTULO I – CONTEXTOS: ENTRE TERRITÓRIOS, LUTAS E CORAÇÕES.....	30
1.1 - SÃO GONÇALO: TENDE COMPREENDER.....	30
1.2 - COMPLEXO DO SALGUEIRO: DEIXA [O FUNK] TE ENVOLVER.....	38
1.3 - MULHERES DO SALGUEIRO: AGITAM COM UNIÃO.....	43
CAPÍTULO II – LENTES TEÓRICAS.....	46
2.1 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL: QUAL?.....	46
2.1.1 - Educação Ambiental de Base Comunitária: crítica, decolonial e latino-americana.....	50
2.2 - MOVIMENTOS SOCIAIS: SACUDIR A MASSA?.....	54
2.2.1 - Movimentos Sociais na América Latina e Brasil.....	57
2.2.1.1 - A relação entre movimentos sociais e ONGs: uma questão importante.....	59
2.2.2 – A dimensão pedagógica dos Movimentos Sociais.....	61
CAPÍTULO III – CAMINHOS METODOLÓGICOS E SUAS SINUOSIDADES.....	64
3.1 - TRABALHO DE CAMPO E COLETA DE DADOS.....	65
3.1.1 - Sobre a entrada no campo e o estabelecimento de uma comunidade de prática.....	65

3.1.2 - Sobre uma coleta de dados levada na conversa.....	66
3.2 - TRATAMENTO E ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO.....	70
CAPÍTULO IV – UMA ANÁLISE SOBRE A PEDAGOGIA DAS MULHERES DO SALGUEIRO.....	76
4.1 - COMO AS MULHERES DO SALGUEIRO APRENDEM?.....	76
4.1.1 - Vida-trabalho-afeto como princípio educativo das Mulheres do Salgueiro.....	77
4.1.2 - A relação com a natureza como contexto de vida-trabalho-afeto.....	79
4.2 - QUAIS OS SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DE UMA EABC?.....	80
4.2.1 - O trabalho como eixo estruturante da vida.....	81
4.2.2 - O movimento social e comunitário como espaço de formação política e profissional.....	82
4.2.3 - A importância do afeto.....	85
4.2.4 - Natureza tem várias dimensões: humana, política, cultural e até econômica....	87
4.2.4.1 - Dimensão humana da natureza.....	88
4.2.4.2 - Dimensão política da natureza.....	89
4.2.4.3 - Dimensão econômica da natureza.....	90
4.2.4.4 - Dimensão afetiva da natureza.....	90
CAPÍTULO V – IN-CONCLUSÕES.....	92
"HIPÓGRAFE".....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

ANEXO.....100

APRESENTAÇÃO – ENSAIOS SOBRE O CAMINHO

Devagar também é pressa. Preciso de uma pausa no meu caminho para olhar para trás e contemplar tudo o que vivi até aqui. Sentada em rochas, observo junto às marcas do meu tênis alguns riscos que escrevi sem poesia na terra: “Há uma Educação Ambiental emergente a partir das periferias gonçalenses?”. Ora, eis o mote do meu mestrado. Mas como cheguei até essa parte da trilha? Pois bem, é o que desejo apreciar. Nos próximos parágrafos, escreverei sobre o que observei nas pegadas impressas desde meu ponto de partida até esta última parada, que chegou mais rápido do que eu esperava. Registrarei também as reflexões que fiz sobre minha jornada. Do meu interesse pela Biologia até a etapa de conclusão do Mestrado em Educação.

Entretanto, primeiramente, devo me anunciar. Chamo-me Gabriela Silva Trindade. Nasci, cresci e moro em São Gonçalo. Sou mulher negra, lésbica, professora, bióloga e neta de dois nordestinos do sertão, chamados Lêda e José. Meus avós vieram para as favelas do Rio de Janeiro no fim dos anos 50 em busca de uma vida melhor. Posteriormente, nos anos 70, se mudaram para São Gonçalo, visando um lugar mais tranquilo para criar minha mãe e meu tio. Sendo meus avós pessoas-referência para minha família e para a comunidade onde moro, não é exagero mencioná-los nominalmente, já que herdo deles muitos dos valores que possuo.

Devidamente apresentada, agora posso revisitar meu percurso, começando pelos primeiros passos. Sigamos.

Desde muito cedo, desenvolvi uma sensibilidade diferenciada para questões ambientais. Vivo numa área urbana ruralizada e muito do que como e bebo vem das terras que me cercam. Sempre brinquei em meio às árvores e à lama e aprendi com meus avós a plantar e a saber o momento certo de colher. Ainda, eles me alarmavam muito sobre o risco da destruição dos ecossistemas. Assim, foi fácil decidir que profissão eu seguiria: queria ser bióloga. Mais especificamente, por amor ao meu jabuti de estimação Tugui, meu papel na luta pela conservação do meio ambiente seria trabalhando com Testudines¹. E é neste ponto que meu caminho se inicia.

¹ Grupo taxonômico que inclui tartarugas, jabutis e cágados.

A confirmação deste projeto de jornada se deu em meu ensino médio no Colégio Pedro II (CPII) Campus Niterói. Ah, ao Pedro II, tudo! Foi lá que ainda no 1º ano fui selecionada pelo Programa de Vocação Científica para um estágio na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), graças à uma parceria entre as duas instituições. Foram ótimos três anos de estudo e trabalho. Em meio às oficinas de filosofia e dissecação de galinha, torneios de futsal e conversas no refeitório, construí duas certezas: uma, eu queria ser bióloga especializada em Testudines; e duas, não queria ser professora. Porém, mal sabia eu como Exu² prega peças naqueles que são obcecados pela certeza.

Ao ingressar no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), me deparei com um mundo totalmente novo. Com um brilho no olhar, eu fui descobrindo que a Biologia era muito mais do que eu pensava. Para além disso, a Universidade era mais do que eu imaginava. Em nenhum sonho meu, vislumbrava a possibilidade de tantos universos se dinamizando num mesmo espaço. É uma diversidade muito grande de pessoas, ideias e costumes, e eu decidi mergulhar e usufruir de tudo o que aquele ambiente podia me oferecer. Deste modo, fiz pesquisa, ensino e extensão; participei e organizei eventos culturais; e me envolvi com o movimento estudantil.

De um início tímido, não tardou até eu me tornar uma liderança do Centro Acadêmico de Biologia (CABio) e da Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEBio). As experiências nessas duas entidades me direcionaram para o envolvimento com a política e com a educação. Eu tinha muito prazer em colaborar na criação e organização de eventos e projetos, em elaborar cursos e encontros, em levantar nossas bandeiras e em representar meu coletivo. Eu amava ajudar as pessoas, orientá-las e inspirá-las. Assim como me impactava sentir meus horizontes sendo constantemente expandidos naquele meio, eu também era afetada ao observar e cooperar para a ampliação dos olhares de outros estudantes.

Foram seis anos e meio de dedicação aos projetos do CABio e da ENEBio – cinco anos presencialmente na UFRJ e um ano e meio à distância, em meio ao intercâmbio na Universidade de Melbourne, Austrália, pelo programa Ciência sem Fronteiras. Entretanto, apesar dessa história de amor ter se iniciado no segundo ano da graduação, foram apenas nos meus anos finais que assumi que o meu lugar não era dentro do laboratório, mas sim na sala de aula, seja esta formal ou não. Ora, sempre fui uma pessoa obstinada em seguir meus planos

² Orixá presente em diversas religiões de matriz africana e afro-brasileiras. Exu liga o mundo humano ao das divindades. É o orixá da comunicação e do movimento. É o princípio de toda a criação e está em tudo o que é criado.

à risca. Logo, foi muito difícil entender e aceitar que meus passos na militância apontavam para a docência. Apenas perto do final da graduação decidi “jogar tudo para o alto” e mudar completamente os rumos da minha formação. Optei pela Licenciatura. Escolhi a Educação. E por sempre ter me importado com a relação sociedade-natureza, me identifiquei com a Educação Ambiental. Compreendo que a alteridade é ontológica do ser humano³ – sendo o outro aqui tanto as demais pessoas quanto o meio ambiente – e que, desta forma, fazemo-nos humanos no contato holístico com o nosso corpo e com o exterior. Tão logo, acredito numa educação com base nessa ética.

Nesse ponto da caminhada, um trecho se mostra importante: a experiência no estágio supervisionado. Por estar imersa na discussão social e racial dentro do Coletivo Negro Ejb⁴, escolhi trabalhar com uma modalidade na qual as desigualdades se articulam de forma muito particular: a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A heterogeneidade de trajetórias é marca conhecida da EJA, mas vivenciar aquela diversidade e conviver com aqueles sujeitos foi muito marcante.

Encantei-me com cada história e me envolvi com aquelas pessoas de tal forma que senti meu carinho convertido em compromisso. Ao longo de um ano de estágio, os acontecimentos cotidianos me atravessaram de forma extremamente violenta, conturbando-me a alma e a mente. Dentre tantas experiências, uma, em particular, foi a gota que faltava para que eu transbordasse. Não a relatarei em minúcias por ética... Aos leitores desta apresentação, saibam apenas que por questões burocráticas, de apatia da comunidade escolar e de inexperiência da minha parte em conduzir a situação, não consegui ajudar um de nossos alunos mais vulnerabilizados. Senti como se houvessem desferido um gancho em meu queixo. Nocaute.

Golpe a golpe, verso a verso...

Sigamos.

Passado o luto emocional, decidi não morrer. “Revide!”, falei para mim mesma. O comprometimento em ser a melhor educadora possível havia se solidificado junto à ciência de que eu estava entrando conscientemente numa guerra de mundos. Neste ponto da trilha, Exu deve ter gargalhado ao ver minhas certezas do Ensino Médio completamente esculhambadas.

³ Refiro-me à alteridade enquanto o encontro e o reconhecimento de si e do outro. Entendo que existimos enquanto seres humanos por meio desse contato. Assim, a alteridade é ontológica à medida que possibilita as existências humanas (DUARTE, 2002).

⁴ Coletivo Negro estudantil, formado por estudantes e egressos do curso de Biologia da UFRJ.

Se antes eu bradava que não queria ser professora de forma alguma, tais gritos foram devidamente engolidos e expelidos do meu ser.

E foi assim que entrei na disputa por uma vaga no mestrado em Educação: carregando a vontade de contribuir com a credibilização e visibilização das vidas e presenças marginalizadas, subalternizadas e esquecidas, sem perder de vista a Educação Ambiental enquanto saída emancipatória e transformadora. Assim, meu pré-projeto propunha a discussão da Educação de Jovens e Adultos (EJA) numa perspectiva dialógica com os acúmulos da Educação Ambiental (EA) de Base Comunitária, pensando uma educação ambiental contextualizada às dinâmicas e às realidades dos sujeitos da EJA.

Destaco que me desenvolvi em meio ao coletivo e é para o povo que desejo colocar à serviço tudo o que sou. Vejo então no mestrado um passo importante para o meu desenvolvimento individual e de toda a comunidade pela qual trabalho. Mas não sigo por esta jornada sozinha: trago comigo todas as pessoas que esbarram comigo pelo caminho; todas as outras pegadas que surgem ao lado das minhas.

O tempo passou e finalmente entrei no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEDU/UNIRIO), orientada pelo professor Celso Sánchez. Após dois anos, logro os aprendizados que esta etapa me proporciona.

Antes de seguir lendo, note que a partir daqui não me aterei mais à ordem cronológica dos meus passos, sobretudo devido a algumas reflexões que tive e que modificaram o meu olhar acerca de alguns trechos do meu percurso.

No primeiro semestre do mestrado, li o artigo “O furor como método: sentidos educacionais de uma prática somática”⁵, escrito em 2017 por André Bocchetti e indicado como leitura na disciplina Temas em Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia. Nesse texto, o autor busca entender as possibilidades do furor como ato educativo. Para ele, os atravessamentos afetivos entre corporeidades e exterioridades impactam o sujeito de tal forma que ele não é o mesmo depois daquela experiência. Assim, pode-se dizer que há efeitos educacionais sendo produzidos a partir da prática somática. Importante destacar que ele entende como prática de educação somática um grupo de atividades corporais que concebe como indissociáveis o corpo, o pensamento, os afetos e as emoções; que é composto de

⁵ BOCCHETTI, A. O FUROR COMO MÉTODO: SENTIDOS EDUCACIONAIS DE UMA PRÁTICA SOMÁTICA. *Revista COCAR*, n. 4, p. 28–56, 2017.

métodos táteis específicos; e que atribui à experiência subjetiva um papel central no desencadeamento dos processos subsequentes. No artigo, Bocchetti trata especialmente da prática da Biodanza.

Para o autor, o corpo, entendido como resultante de um campo de multiplicidades, é atravessado por percepções e sentimentos gerados por um acontecimento. Tal atravessamento pode ser mais ou menos violento. Esse furor imprevisível e impensado inclusive é o que produz o nosso pensamento, uma vez que nos coloca num plano no qual precisamos lidar com aquele signo externo. A partir disso, comecei a pensar em como alguns acontecimentos recentes me impactaram e decidi revisitá-los de modo a observar o que posso aprender com eles.

Não descreverei os ocorridos por serem pessoais demais, mas preciso ressaltar os efeitos do exercício que me propus após ler o artigo, já que representou um momento no qual parei de andar em círculos. Explico: eu tenho depressão desde 2016 e fiquei trancada em meu quarto por bastante tempo. Em 2018 comecei o tratamento psicoterápico e psiquiátrico, o que me ajudou a seguir em frente. Apesar disso, vez ou outra ainda interrompo meu caminho e simplesmente retorno ao abraço escuro do meu quarto. Com o contexto da pandemia de SARS-CoV-2⁶, essas paradas se tornaram ainda mais frequentes e desestabilizadoras. Nesses momentos costumo debater com meu pensamento e tentar entender essa doença que tanto afeta meu corpo, mente e sentimentos. Nesse âmbito, Bocchetti, a partir de Michel Bernard, diz que nos momentos corriqueiros da vida esquecemos de dar atenção ao nosso próprio corpo, de nos percebermos. Esquecemos até mesmo de que temos um corpo! Apenas lembramos disso quando sentimos algum incômodo físico ou psíquico, tal como crises depressivas. Ou seja, encaramos nosso corpo então como um “eterno importuno”. Nesse sentido, a partir do acesso reflexivo às minhas memórias, notei que não estava cuidando de mim. Desse modo, atentei para a necessidade de investir em mecanismos que permitam que eu tenha uma maior sensibilidade com meu corpo. Claramente não é fácil. Trata-se de uma guerra interna contínua. Entretanto, o mestrado se transformou num importante aliado frente ao novo entendimento da depressão enquanto oportunidade de crescimento e desenvolvimento. O primeiro e mais significativo impacto da pós-graduação, portanto, foi em meu corpo e cotidiano.

⁶ Em dezembro de 2019, iniciou-se a linha do tempo da pandemia da covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2. No momento em que escrevo, primeiro semestre de 2021, a pandemia ainda não acabou e estamos há mais de um ano num contexto de isolamento social e ensino remoto.

Um segundo efeito importante veio no contato com o Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur), no qual estou inserida mediante orientação do professor Celso Sánchez. Eu estava nervosa por não saber onde seria o campo da minha pesquisa, já que a EJA em que eu estagiei na graduação tinha fechado e eu não conhecia nenhuma outra. Em meio ao meu desespero, fiquei incrédula quando Celso me aconselhou a relaxar e buscar fazer algo que eu gosto, tal como andar de bicicleta, tomar uma taça de vinho e ir à praia. Por um instante, não achei que fosse sério. Mas pensando melhor até que fazia sentido, pois o desespero não ajuda a desnevoar o pensamento. Ao contrário, nos bloqueia ainda mais.

Somado a esse conselho, outro membro experiente do grupo, Anne Kassiadou, compartilhou comigo sua estratégia de “entregar para o Universo”; a resposta que eu queria provavelmente viria de um *insight* provocado por algo inesperado, como por exemplo um desenho numa placa de trânsito ou uma palavra mencionada por alguém durante uma conversa no ônibus. De acordo com ela, eu precisava me acalmar e me abrir para as possibilidades que a própria vida me traria.

Depois de ouvir tais indicações, respirei e me tranquilizei. Esse foi o segundo efeito da pós-graduação: aprender a me acalmar. Saí da UNIRIO e fui direto prestigiar a palestra de uma grande amiga e membro do Coletivo Negro Ebí, Monique dos Santos. Ela falou sobre Darwinismo Social e as estratégias da branquidade na atualidade. Em um *slide*, ela escreveu “gentrificação”⁷ e “cidade-dormitório”⁸. Pronto. A partir daí fui tomada por uma sequência de conexões que culminou na luz que eu precisava para continuar minha pesquisa: eu queria trabalhar em São Gonçalo! O lugar em que nasci, cresci e para o qual sempre retorno.

Explico o *insight*: São Gonçalo é considerada uma cidade-dormitório; periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro. A maioria dos gonçalenses tem pouca ligação com seu território e desconhecem, ignoram ou menosprezam o que é praticado e produzido nele. Nutrirmos o sonho de melhorar de vida e sair de São Gonçalo; sucesso é se mudar para o Rio de Janeiro ou Niterói; até quando vamos passear, escolhemos visitar espaços dessas duas cidades. Pois bem, um dia lendo sobre a história de São Gonçalo, vi como o nosso território é rico de espaços e cultura; contudo, fazia parte do processo de gentrificação a marginalização

⁷ Processo espacial de reestruturação sociodemográfica da cidade, com origem em políticas econômicas, trabalhistas, imobiliárias, dentre outras, que promovem a recentralização e a fragmentação urbana, além da substituição social e funcional nos espaços da cidade (MENDES, 2011).

⁸ Termo utilizado para descrever uma cidade com uso predominantemente residencial, isto é, quando uma parte significativa da população trabalha e/ou estuda em outro município, fazendo o chamado movimento pendular, isto é, se locomovendo de uma cidade para a outra diariamente (ROSA, 2017).

dessas potências. Quando vi a Monique criticando este processo, constatei que eu queria que meu campo fosse em São Gonçalo como forma de valorizar este chão e seus moradores. De fato, tal desejo estava dentro de mim o tempo inteiro; eu só não conseguia ver!

Daí, foi só começar uma complexa articulação. Em conversa com Janete Guilherme (liderança popular gonçalense), Francine Pinhão (professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro *campus* São Gonçalo), meu orientador Celso Sánchez e o GEASur, pensamos na possibilidade de minha pesquisa sobre Educação Ambiental e EJA se dar junto às Mulheres do Salgueiro, grupo fundado por Janete e atuante há quase 15 anos no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo. É verdade que a pandemia do novo coronavírus quase inviabilizou esse projeto, pois a saúde física e mental de todos nós foi duramente afetada e alguns de nós tivemos perdas irreparáveis. Houve e ainda há também as restrições de circulação e necessidade de distanciamento social. Mas conversando conseguimos encontrar saídas para a situação e lidar com os prazos burocráticos.

Assim, é no acompanhamento da rotina das Mulheres e na conversa com elas que escrevo o mote enunciado no início deste texto. “Há uma Educação Ambiental emergente a partir das periferias gonçalenses?”. Com base em estudos como os de Júlio Vitor Costa da Silva (2016), que pesquisou a Educação Ambiental existente nas ações dos moradores do Morro da Formiga, no Rio de Janeiro⁹, eu acho provável que sim. Vejo indícios, inclusive, de como posso promover um diálogo entre a Educação Ambiental que emerge da organização desses moradores em movimentos sociais e a EJA. Entretanto, essa nova questão que me apareceu – movimentos sociais nas periferias – exigiu uma mudança na minha pesquisa. Com a entrada desse tema no meu radar, o trabalho com a EJA ficou para o doutorado. Era muita coisa para apenas dois anos...

Apartado os planos para o futuro, é nesta altura que me encontro na trilha. Sentada sobre as rochas, contemplando e revisitando todos os passos dados, entendendo melhor como cheguei até aqui. Cansada, pois a guerra interna e doentia nunca cessa, porém energizada. É sempre interessante refletir sobre nossas memórias. Não de forma pragmaticamente

⁹ Júlio Vitor Costa da Silva (2016) observou como a comunidade do Morro da Formiga construiu de forma autônoma um sistema de distribuição de água, chamado de "sociedades de águas", uma vez que o Estado não garantiu esse bem para eles. Essa gestão popular é comunitária, participativa e leva em consideração os saberes locais e a sustentabilidade. O autor escreve que o processo das sociedades é cotidiano e envolve "um sentimento e uma atitude de cuidado com o meio ambiente e com a preservação" (p. 98). Ainda, relata alguns dos conhecimentos ambientais que vem sendo passado de geração em geração por transmissão oral e constata que a educação ambiental que existe ali visa aliar natureza e ser humano, assumindo a água e a floresta como bens valiosos, a partir de um processo histórico de lutas.

descritiva, mas focando no desenvolvimento das ações de forma holística; revisitando corpo, pensamento, afetos e emoções durante cada ato. Nesse processo, elementos importantes são trazidos à tona. Desequilibramo-nos e reequilibramo-nos, apreendemos e aprendemos. Modificamo-nos. E se não há pesquisa sem a transformação do pesquisador, como Bocchetti me disse em alguma aula do mestrado, logo afirmo que esta pesquisa definitivamente está em curso. Eu estou transformando e sendo transformada constantemente ao longo deste curto tempo de formação.

Agora me preparo para voltar à minha escalada rumo ao utópico cume da montanha. Agora (tentando estar) aberta ao intempestivo e ao inesperado, receptiva às minhas emoções e mais sensível ao meu corpo. Em meu mochilão, eterno companheiro de uma bióloga em suas viagens, carrego sonhos reinventados. Nos bolsos, há ainda uma nova concepção de educação, que considera que o choque da experiência produz novas maneiras de estar no mundo; que entende que a tentativa de universalização e homogeneização dos caminhos apaga nossa inventividade e inquietude e nos violenta; que busca promover a produção de afetos em relação ao ambiente que nos cerca.

Golpe a golpe, verso a verso. Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma em meu andar até aqui. Se o caminho se faz com passadas, então devo voltar a caminhar. Sigamos!

INTRODUÇÃO

Favela vive! Favela existe!

E em São Gonçalo ela é a periferia da periferia.

Favela sabe! Favela ensina!

Só que ela ainda chega meio estranha na academia.



(- Versos da autora e ilustração de Celso Sánchez)

Meus versos acima revelam um pouco do que está registrado nessa dissertação. Nesta pesquisa, sou parte ativa na tarefa de descobrir seres e saberes encobertos, de reencantar nossos povos e de promover um cruzo entre favela e universidade. Meu objetivo é investigar as experiências de vida de mulheres do Complexo do Salgueiro inseridas no movimento Mulheres do Salgueiro, bem como seus cotidianos e experiências sociais, em busca de elementos que subsidiem a construção e sistematização de uma Educação Ambiental de Base Comunitária (EABC).

Este trabalho é fruto da minha trajetória, de muitos encontros e da minha própria inserção no campo da pesquisa. Ora, o meu entendimento das Mulheres do Salgueiro enquanto rica fonte pedagógica só me ocorreu em meio às andanças na favela, nas conversas com o grupo e no envolvimento com suas atividades. Foi essa rotina que evidenciou um solo fértil em saberes, histórias e memórias populares¹⁰, e me fez perceber algo que eu sempre soube, mas nunca tinha elaborado antes: favela vive, favela existe, favela sabe, favela ensina. Tal fato salienta a importância do campo da pesquisa no desenvolvimento dessa dissertação.

Ademais, esta pesquisa também está situada no contexto de produção do GEASur/UNIRIO. O grupo surge em 2013, sob coordenação do professor Celso Sánchez, visando discutir a Educação Ambiental numa perspectiva latino-americana e do sul global. Partindo do princípio de que a América Latina foi fundada num conflito ambiental baseado no

¹⁰ Por esse motivo se dá a escolha do título desta dissertação. Estamos olhando para uma Educação Ambiental *desde o chão* do Salgueiro; um chão do qual brotam plantas e histórias; um chão sobre o qual se constroem casas e conhecimentos.

ecogenoetnocídio (ARBOLEDA, 2019), é preciso descolonizar e desencobrir histórias apagadas pela narrativa hegemônica. Assim, o GEASur propõe uma Educação Ambiental *desde el Sur* como uma abordagem possível para a decolonialidade, dialogando não apenas com o pensamento decolonial, mas também com a geopolítica latino-americana, a Educação Popular (em especial com Paulo Freire), a Ecologia Política e a Educação Ambiental Crítica (SÁNCHEZ; STORTTI, 2018).

Nesse sentido, as pesquisas do grupo se comprometem com as lutas sociais e estudam como os setores sociais mais vulnerabilizados aprendem a resistir e resistem para aprender (STORTTI, 2019); além de buscar as pedagogias que emergem dos conflitos socioambientais, a partir da ótica dos sujeitos populares que vivem em situações limite e esperam inéditos viáveis (KASSIADOU; SÁNCHEZ, 2020). Circunscritos nessas diretrizes, se encaixam trabalhos como o do Júlio Vitor da Silva (2016), que olha para a Educação Ambiental de Base Comunitária e a gestão popular dos recursos hídricos no Morro da Formiga; como o do Daniel Renaud Camargo (2017), que pesquisa a importância dos saberes locais para uma Educação Ambiental de Base Comunitária no Vale do Jequitinhonha; ou ainda como o da Alessandra Pereira (2019), que estuda a EABC e os povos de terreiro, entendendo esses últimos como comunidades de aprendizado; dentre outros trabalhos.

E é seguindo esse fio que a presente dissertação entra em cena. Que mundos há para imaginar com populações de periferias e favelas como o Complexo do Salgueiro? Que EA é essa que floresce nesse chão a partir da ação da comunidade? O que as Mulheres do Salgueiro, movimento de moradoras que atuam no bairro de forma organizada, podem nos ensinar? Que Educação Ambiental construiremos juntos?

É importante mencionar que quando falamos em EABC, falamos da criação e construção de um diálogo para a superação e transformação das realidades locais. Dessa forma, e uma vez que essa pesquisa possui caráter de pesquisa militante¹¹, as Mulheres do Salgueiro não se inscrevem aqui como objetos. De fato, uma vez que Universidade e movimentos sociais podem atuar juntos e numa perspectiva dialógica para construir saberes, as Mulheres do Salgueiro devem ser entendidas enquanto participantes ativas na produção de

¹¹ Acerca da pesquisa militante, Jonathan Jaumont e Teresa Varela (2016, p. 433) afirmam que: “o termo pesquisa militante busca designar esse amplo espaço de produção de conhecimento orientado para a ação transformadora que busca aliar a reflexão crítica e teórica com a prática nas lutas populares em um processo multidirecional, articulando intelectuais, pesquisadores, movimentos sociais, comunidade e organizações políticas, com os objetivos de fortalecer o protagonismo popular e de contribuir para a construção de uma sociedade justa e solidária, livre de todas as opressões e dominações”.

conhecimento científico (BRINGEL; VARELLA, 2016). Cabe dizer, portanto, que todo o processo de pesquisa vem sendo elaborado e discutido junto à membros da organização Mulheres do Salgueiro, incluindo o desenho do trabalho e a metodologia. Somos parceiras!

Os objetivos específicos da presente pesquisa são: investigar a Educação Ambiental existente no movimento social Mulheres do Salgueiro; identificar os saberes das Mulheres do Salgueiro para pensar as possibilidades de uma Educação Ambiental de Base Comunitária contextualizada; e sistematizar a pedagogia que emerge das Mulheres do Salgueiro. Almejo, desta forma, colaborar para a visibilização e valorização do Salgueiro e de São Gonçalo enquanto um espaço de potências e possibilidades; para a articulação entre universidade e setores populares; e para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental ancorada nos saberes e contribuições de mulheres periféricas. Finalmente, este trabalho busca fortalecer as Mulheres do Salgueiro enquanto um espaço não-formal de produção de conhecimentos e circulação de saberes.

De modo a alcançar tais objetivos e anseios, considero para a metodologia a Investigação Ação Participante (IAP), a Hermenêutica e a Análise Temática. As informações sobre as Mulheres do Salgueiro e o território foram coletadas por meio de conversas, observações, levantamento bibliográfico e atuação no espaço através do projeto de extensão “A construção de comunidade de prática no contexto de formação de professores de Ciências e Biologia de São Gonçalo”, coordenado pela professora Amanda Lima de Almeida, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).

Esta pesquisa se mostra particularmente importante dado o contexto gonçalense. São Gonçalo é um município da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e que margeia a Baía de Guanabara. É o segundo município mais populoso do estado, com população estimada em 1.084.839 habitantes (IBGE, 2019); além de ser a maior cidade-dormitório do Rio de Janeiro e a segunda maior do Brasil (IBGE, 2010). Seu PIB per capita equivale a R\$ 16.408,34, o que faz com que seja o oitavo pior município fluminense nesse indicador (IBGE, 2017).

Se por um lado, São Gonçalo é uma das maiores e mais importantes cidades brasileiras, sobretudo devido ao seu grande contingente de moradores; por outro, é negligenciada no âmbito das políticas públicas. Exemplificando, falta abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto; há pouco incentivo à cultura, esporte e lazer; e não existe um

sistema de transporte público de uso coletivo adequado, afetando a qualidade de vida de centenas de milhares de pessoas – ora, a segunda maior cidade-dormitório do país se desloca unicamente por ônibus, não havendo sequer uma linha de metrô, trem ou barcas. Ainda, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2019) revelam que São Gonçalo é um dos 90 municípios brasileiros com maior taxa de homicídios – o detalhe é há mais de cinco mil municípios no país.

Nesse contexto, insere-se o Complexo do Salgueiro, área de atuação das Mulheres do Salgueiro. O Complexo é considerado uma das favelas mais perigosas da região e aparece frequentemente na mídia por conta da violência. Nesse âmbito, conforme explicado por Janete Guilherme (2016), as Mulheres do Salgueiro visam uma mudança social, econômica e cultural na região. Suas ações são voltadas para educação, economia solidária e sustentabilidade.

Em linhas gerais, este estudo está dividido em cinco capítulos. Ao longo de cada um deles, você acompanhará os passos que compuseram o caminho sinuoso dessa pesquisa. No Capítulo I, chamado *Contextos: entre territórios, lutas e corações*, apresento o campo do trabalho, descrevendo aspectos importantes de São Gonçalo, do Complexo do Salgueiro e das Mulheres do Salgueiro. Já no Capítulo II, denominado *Lentes Teóricas*, discuto referenciais teóricos importantes para a compreensão deste trabalho. Em seguida, no Capítulo III, intitulado *Caminhos metodológicos e suas sinuosidades*, falo sobre a metodologia percorrida na investigação. Por último, temos os capítulos IV, *Uma análise sobre a pedagogia das mulheres do salgueiro*, e V, *In-conclusões*.

CAPÍTULO I – CONTEXTOS: ENTRE TERRITÓRIOS, LUTAS E CORAÇÕES

“Morando em São Gonçalo, você sabe como é.

Hoje à tarde a Ponte engarrafou e eu fiquei a pé.”

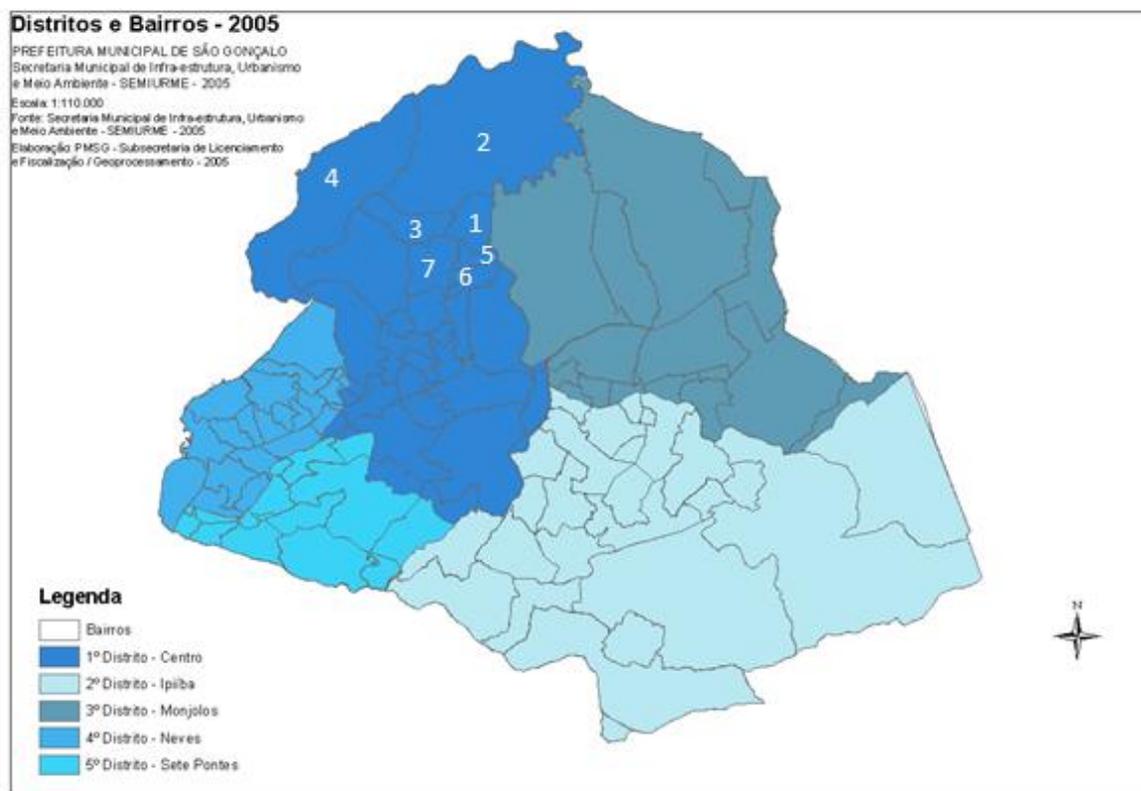
(- Seu Jorge, na música “São Gonça”, lançada em 2004)

O Complexo do Salgueiro é uma região que abrange o conjunto dos bairros Fazenda dos Mineiros, Itaoca, Itaúna, Luiz Caçador, Barra das Palmeiras, Recanto das Acácias e Salgueiro. Localizado no município de São Gonçalo, RJ, ele está inserido no processo histórico da cidade, bem como em suas questões sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. É lá que atua o movimento de moradoras chamado Mulheres do Salgueiro e é lá que esta pesquisa está sendo desenvolvida. Nesse sentido, este capítulo se dedicará a contextualizar o campo da pesquisa acerca desses aspectos. Para isso, primeiramente descreverei o município gonçalense; em seguida, falarei sobre as particularidades do Complexo do Salgueiro; e por fim, apresentarei o movimento social Mulheres do Salgueiro, composto por moradoras da região.

1.1 - SÃO GONÇALO: TENDE COMPREENDER

Porção leste da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. É lá que se encontra o precioso município que irei apresentar. Prazer, São Gonçalo. A cidade faz divisa com Itaboraí, Maricá e Niterói; e é banhada à oeste pela Baía de Guanabara. Sua área territorial é de 248.160 km² e pode ser dividida em 90 bairros, que por sua vez são agrupados em cinco distritos: São Gonçalo, Ipiíba, Monjolos, Sete Pontes e Neves (Figura 1). No último censo, a população contava com 999.728 pessoas. Apesar de ter um alto Produto Interno Bruto (PIB), calculado em R\$ 17.225.904.030, seu PIB per capita equivale a apenas R\$ 16.408,34; neste último indicador, São Gonçalo ocupa a oitava pior colocação dentre todas as cidades fluminenses. Adicionalmente, seu IDH é igual à 0,739 e a incidência de pobreza é de 39,86% (IBGE, 2017).

Figura 1 - Mapa geopolítico de São Gonçalo, mostrando seus distritos e bairros. Os bairros numerados são abrangidos pelo Complexo do Salgueiro, a saber: 1- Salgueiro; 2- Palmeiras; 3- Fazenda dos Mineiros; 4- Itaoca; 5- Recanto das Acácias; 6- Luiz Caçador; 7- Itaúna.



Fonte: Modificada pela autora a partir de <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/mbsdn.gif>

Apesar de ter sido fundado em 1579, só foi alçado à posição de município em 1890. De lá para cá, a ocupação humana foi se intensificando. Atualmente, São Gonçalo possui 1.084.839 de habitantes, sendo o segundo município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro – perde apenas para a capital – e o 16º do Brasil (IBGE, 2017). Contudo, uma parcela significativa da população se desloca diariamente de São Gonçalo para outros municípios a fim de trabalhar e/ou estudar, retornando então para suas casas apenas para dormir. De acordo com o IBGE (2017), trata-se de 171.597 moradores se locomovendo para o seu município de trabalho todos os dias, além dos 34.462 habitantes que estudam fora da cidade. Tais números conferem à São Gonçalo o título de maior cidade-dormitório do estado e de segunda maior do país. Destaco que isto significa um contingente de 206.059 pessoas indo e vindo de São Gonçalo. Para comparar, é como se toda a população de Angra dos Reis/RJ (203.785 habitantes) ou mesmo de Rio Claro/SP (206.424 habitantes) se deslocasse para outra cidade

rotineiramente. Ressalto ainda que, dos 5.570 municípios brasileiros, 5.418 possuem tamanho populacional inferior ao deslocamento gonçalense (IBGE, 2017).

A cidade está situada numa zona de Mata Atlântica, com presença de manguezais e baixa declividade, o que faz com que seja uma área inundável. Com a ocupação desordenada de encostas, manguezais e margens de rio, e a ausência de políticas efetivas de habitação, de abastecimento de água, de esgotamento sanitário, de drenagem pluvial e de planejamento e fiscalização do uso do solo, temos um problema socioambiental crônico em São Gonçalo (ANDRADE *et al.*, 2010). De fato, a cidade sofre muito com enchentes e outras questões. Mendonça. Moraes e Oliveira (2016, p. 13) completam:

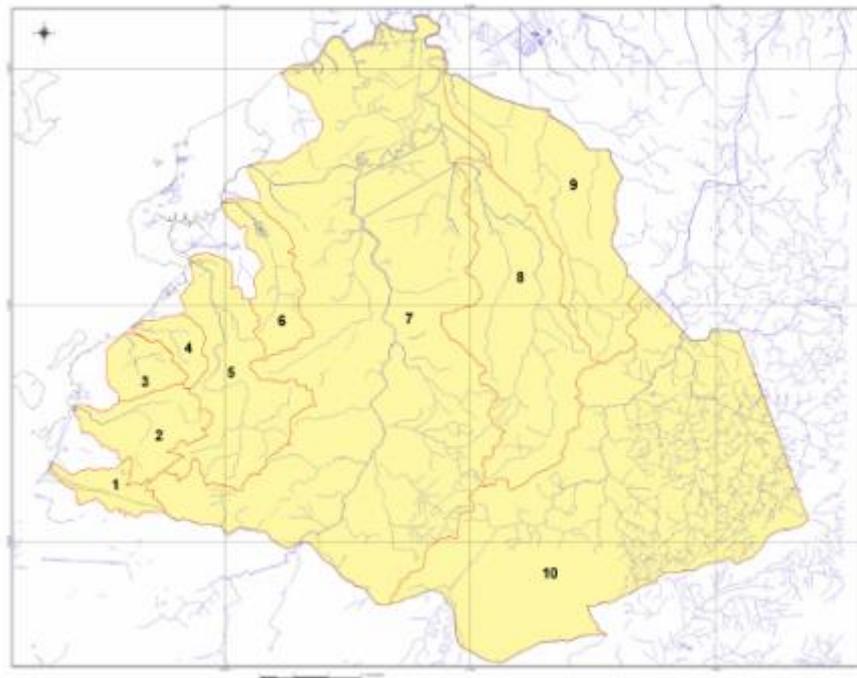
Conforme descrito no PMRRSG, a ocupação urbana irregular modifica significativamente as características originais do meio ambiente devido aos desmatamentos, cortes inadequados no solo, execução de aterros impróprios, lançamento de águas servidas, ausência de sistema de drenagem e redes de esgotamento sanitário, vazamento nas tubulações de água e de esgoto e construção de sumidouros ou fossas. A ausência de drenagem, a falta de manutenção e de fiscalização das FMP e a ausência de mata ciliar também potencializam os riscos de desastres.

Em relação à presença de unidades de conservação, há quatro Áreas de Proteção Ambiental (APAs) municipais, a saber: APA do Engenho Pequeno, APA Estâncias de Pendotiba, APA Alto do Gaia e APA Ilha de Itaoca. Há ainda a APA de Guapimirim, que é de administração federal.

Já sobre a questão hídrica, Andreza Gouveia (2017) explica que os 26 rios presentes em São Gonçalo estão poluídos e grande parte assoreado. A informação é corroborada por Iomara de Sousa (2014, p. 23), que afirma que “todas as bacias hidrográficas do município se encontram em média a alto índice de degradação de suas águas, o que tem afetado a qualidade de vida da população e também a fauna e flora local”. Nenhuma das bacias é própria para o abastecimento de água, nem mesmo a do Rio Alcântara, que é a maior de todas as que abrange a cidade. Por isso, São Gonçalo é abastecida pelos rios Macacu e Guapi. A água é captada e distribuída pela Estação de Tratamento de Água do Sistema Imunana-Laranjal, que também abastece o município de Niterói e a Ilha de Paquetá.

Ainda sobre os corpos hídricos gonçalenses, Andrade et al. (2010) investigaram as condições do Canal do Porto do Rosa e de nove rios importantes na cidade, são eles: rio Bomba, rio Brandoas, rio Marimbondo, rio das Pedrinhas, rio Imboacú, rio Alcântara, rio Guaxindiba, rio Goiana e rio Aldeia (Figura 2). Desses dez corpos d'água analisados, nove – exceto o rio Aldeia – possuem ocupação intensa nas margens, com presença de construções, despejo de lixo e esgoto, e muito mato. Em alguns pontos, o esgoto é tanto que nem conseguimos ver a lâmina d'água. Em outros, os rios passam por baixo de residências, comércios e indústrias construídos inapropriadamente ou ao lado de muros erguidos para evitar a entrada de água nas casas. Ainda, há construções que desmoronam nos corpos d'água. Além disso, os rios também tiveram seu curso desviado. Cabe uma menção às nascentes do rio Imboaçú, que ficam localizadas na APA do Engenho Pequeno e estão bem preservadas. O restante do curso do rio, entretanto, tem muito lixo, esgoto e construções no entorno, assim como os demais corpos d'água.

Figura 2 - Mapa das bacias hidrográficas presentes em São Gonçalo. Cada uma delas está delimitada com linhas vermelhas. 1- Bacia do rio Bomba; 2- Bacia do rio Brandoa; 3- Bacia do rio Marimbondo; 4- Bacia do rio das Pedrinhas; 5- Bacia do rio Imboaçú; 6- Bacia do canal do Porto do Rosa; 7- Bacia do rio Alcântara; 8- Bacia do rio Guaxindiba; 9- Bacia do rio Goianá; 10- Bacia do rio Aldeia.



Fonte: ANDRADE et al., 2010.

Em relação à exceção mencionada acima, o rio Aldeia, ele fica ao leste na cidade, numa região com ocupação ainda pouco intensa. O rio Aldeia e seus afluentes não foram

muito alterados e há pouco lançamento de esgoto e lixo, se comparado aos demais rios da cidade.

Acerca da parte cultural, temos muitos locais de interesse na cidade, embora turismo não seja seu forte. Primeiramente as históricas Fazenda de Itaitindiba, Fazenda do Engenho Novo – onde há um assentamento rural –, Fazenda Colubandê, Igreja Matriz São Gonçalo do Amarante e Igreja de Nossa Senhora da Luz. Em seguida, a Casa das Artes Villa Real, o Teatro Carequinha, o Observatório do Hip Hop, a GRES Unidos do Porto da Pedra, a Sociedade de Artes e Letras de São Gonçalo, a Lona Cultural Lídia Maria da Silva, o Centro de Memória do Imigrante, o Centro de Tradições Nordestinas¹², a Biblioteca Comunitária Padaria Cultural Vovô Thodinho, a Biblioteca Comunitária Visconde de Sabugosa e a Biblioteca Pública Municipal de São Gonçalo. Há ainda o Relógio de Sol, a Praça dos Ex-combatentes e a Praça Estephânia de Carvalho. Finalmente, destaco também o Maciço de Itaúna (Figura 3), o Piscinão de São Gonçalo/Parque Ecológico da Praia das Pedrinhas, a Praia da Luz, a Praia das Pedrinhas, as Cavernas de Santa Izabel e o Alto do Gaia (KCI TECHNOLOGIES, 2016).

Figura 3 - Maciço de Itaúna, localizado no bairro das Palmeiras, ao fundo do Complexo do Salgueiro.



Fonte: Rafa Corrêa, retirado de <http://instagram.com/p/BwcUnnzntIg/> em 02 jun. 2021.

¹² O Centro de Tradições Nordestinas de São Gonçalo foi inaugurado em 25 de janeiro de 2020. Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/77873/sao-goncalo-inaugura-centro-de-tradicoes-nordestinas>

Também é importante destacar que São Gonçalo abriga a FFP-UERJ, único *campus* de universidade pública no município. Contudo, a cidade ainda tem outros estabelecimentos públicos de ensino superior, a saber: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e um polo do Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ).

Falemos agora sobre a história do município. Maria Nelma Braga (1998) explica que São Gonçalo era povoado por tupinambás e, com a ocupação portuguesa, a então sesmaria foi doada ao português Gonçalo Gonçalves em 1579. O processo de desenvolvimento da cidade foi atrelado ao ciclo econômico da cana-de-açúcar e, depois, ao do café. Também era importante a produção de laranjas. São Gonçalo era ponto estratégico no escoamento da produção agrícola, com a presença de diversos portos e uma linha ferroviária que a conectava com Niterói e o interior do estado. Porém, a partir da década de 30, o capital é redirecionado para o crescimento da indústria. Assim, em 1940, um parque industrial foi instalado no município, o que o fez ser conhecido na época como “Manchester Fluminense”, dada a sua relevância. Eram fábricas de cimento, cerâmica, produtos químicos, metalurgia e alimentos.

O processo de industrialização e modernização atraiu muitos migrantes, que buscavam trabalhar nas fábricas e nas obras de infraestrutura – por exemplo, na construção de trechos da RJ-104, RJ-106, BR-101 e Ponte Rio Niterói. Esses migrantes vinham não apenas do interior do estado do Rio de Janeiro, mas principalmente das regiões Norte e Nordeste do país. Ainda, devido à sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro e terras mais baratas, muitas pessoas que não conseguiam se fixar no núcleo da metrópole optaram por morar em São Gonçalo. Outros buscavam a cidade por ser um lugar mais sossegado, comparado ao Rio de Janeiro. De todo modo, a passagem de um município rural para urbano foi acontecendo à medida que as fazendas eram loteadas para a criação de residências e que vilas operárias eram construídas (GEIGER, 1956; ROSA, 2010).

Todavia, a partir dos anos 1970, a atividade industrial no município declinou devido à novos interesses estatais e do setor privado, que deixaram São Gonçalo fora dos grandes projetos industriais. Restou então uma cidade-dormitório, voltada para o suprimento de mão-de-obra em municípios vizinhos e para o setor de comércio e serviços, com opções de lazer majoritariamente concentradas em Niterói (ROSA, 2010). O resultado dessa evolução urbana se mantém até os dias de hoje, com problemas crônicos nos equipamentos coletivos, na política de habitação, na captação de recursos financeiros, na adequação tecnológica, no

planejamento e gestão urbanos, dentre outras áreas, conforme apontado em pelo Relatório Técnico do Plano Diretor Municipal Participativo (RTPD) (TECHNUM CONSULTORIA, 2008)¹³ e por Daniel Rosa (2017).

Em 2006, foi anunciada a construção do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (COMPERJ) em São Gonçalo e Itaboraí. Essa novidade fez o município se preparar para receber o empreendimento, visando a geração de 212 mil vagas de empregos diretos e indiretos durante sua construção e mais de 50 mil durante sua operação. Assim, abriram-se novas estradas, expandiu-se a infraestrutura de internet, aumentou-se o número de condomínios e prédios residenciais, dentre outros investimentos (TECHNUM CONSULTORIA, 2008) (ROSA, 2010). Contudo, em 2015 o projeto COMPERJ foi suspenso e, depois, cancelado em decorrência da crise político-econômica que se instaurou no Brasil, protagonizada pela Operação Lava Jato. Atualmente, a PETROBRAS ainda estuda o que fazer com a área (PAMPLOMA, 2020).

Acerca do cenário político gonçalense, chama atenção a participação das igrejas evangélicas, embora segundo o último censo do IBGE (2010), a maioria dos moradores sejam católicos – são mais de 325 mil pessoas se declaram evangélicas no município e pouco mais de 400 mil católicos. Por exemplo, o vereador com mais votos nas eleições de 2020 foi Claudinei Siqueira, que é pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, a mesma igreja que foi homenageada inúmeras vezes no plenário da Câmara Municipal (AZEVEDO BORGES, 2018; BORGES, 2020) Outro exemplo é a eleição de Aparecida Panisset como prefeita e sua reeleição ao cargo em 2008. Borges (2018) assinala que sua campanha tinha apoio das igrejas evangélicas e contou com showmícios de artistas do gênero gospel, além da própria se declarar evangélica. Ao longo de seus dois mandatos, não apenas favoreceu muito sua religião como acirrou o racismo institucional contra religiões de matriz africana. Alguns exemplos incluem a inauguração da Praça da Bíblia onde é a Praça Chico Mendes, em Alcântara,

¹³ Esse relatório aponta que “o município possui grandes redes de supermercados, contudo, encontra-se fora de São Gonçalo o comércio varejista que atende à maioria da população assim com as opções de entretenimento e lazer. Tal demanda satisfaz-se principalmente em Niterói e cria um quadro pouco vantajoso na medida em que a renda deste consumo é deixada em outras cidades” (p. 30) e que “a população gonçalense que faz viagens diárias a outros municípios para trabalhar e estudar se vê obrigada a fazer viagens também para satisfazer às suas necessidades de lazer” (p. 39). Para enfrentar essa questão, a Prefeitura investiu na construção de dois *shopping centers*. É demonstrado também uma preocupação com a identificação do gonçalense com sua cidade ao citar que o desenvolvimento urbano atual “não cria no cidadão o vínculo com o espaço físico, ou seja, o orgulho de ser e de morar em São Gonçalo” (p. 42).

próxima a vários templos e igrejas evangélicas¹⁴; demolição da casa onde foi fundada a umbanda; e desapropriação de um outro terreno para a construção de uma Vila Olímpica.

Um outro exemplo é a influência que missionária Flordelis tinha na cidade, que era seu grande reduto eleitoral. Machado (2020) relata que ela foi pré-candidata à prefeitura de São Gonçalo em 2016 e foi cotada para ser candidata à prefeita nas eleições de 2020. Seu filho, conhecido como Misael da Flordelis, era vereador da cidade e chegou a presidir a Comissão de Justiça e Redação da Câmara Municipal. Ele foi estratégico ao travar um projeto para tornar a umbanda e o candomblé patrimônios imateriais do município, além de facilitar a realização da Marcha para Jesus e do Congresso Internacional de Missões em São Gonçalo. Esse último evento contava com a presença de diversos políticos, tais como Arolde de Oliveira, Silas Malafaia, Marcos Feliciano e Índio da Costa. Todavia, atualmente o Ministério Flordelis foi desmantelado após Flordelis ser indiciada como mandante do assassinato de seu marido, Anderson do Carmo.

Um último aspecto a ser destacado é a cidade em tempos pandêmicos. Embora a vacinação esteja ocorrendo, a atuação da prefeitura foi e é alvo de críticas. A atual gestão encabeçada pelo prefeito Capitão Nelson, alinhada ao governo federal, chegou a ser notificada pelo Ministério Público por problemas graves na vacinação¹⁵, além de demorar para aderir ao consórcio de municípios para compra de vacinas¹⁶. Hoje, em 2021, a gestão está empenhada na campanha “Nossa cidade sem lockdown, depende de você”¹⁷ (Figura 4).

¹⁴ Na inauguração da “Praça da Bíblia” teve um grande show gospel. Mas também houve protesto, encabeçado especialmente por skatistas e outros esportistas que usavam a praça. No palco, a então prefeita e outros presentes rezaram para exorcizar os “demônios manifestantes”, tratando os opositores como endemoniados. O discurso misturava política com pregação religiosa. Como resultado dos embates, hoje continuamos chamando o lugar de Praça Chico Mendes e o ocupando com esporte e cultura.

¹⁵ Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/rio/secretario-de-saude-de-sao-goncalo-notificado-pelo-mp-para-respeitar-vacinacao-24872792.html>. Acesso em 02 jun. 2021

¹⁶Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/as-diferencas-entre-marica-sao-goncalo-no-combate-pandemia-de-covid-19-24933768.html>. Acesso em 02 jun. 2021.

¹⁷ Link para o vídeo oficial da campanha: <https://fb.watch/611cNTCZWu/>

Figura 4 - Cartaz da campanha "Nossa cidade sem lockdown. Depende de você!", criada pela Prefeitura de São Gonçalo.

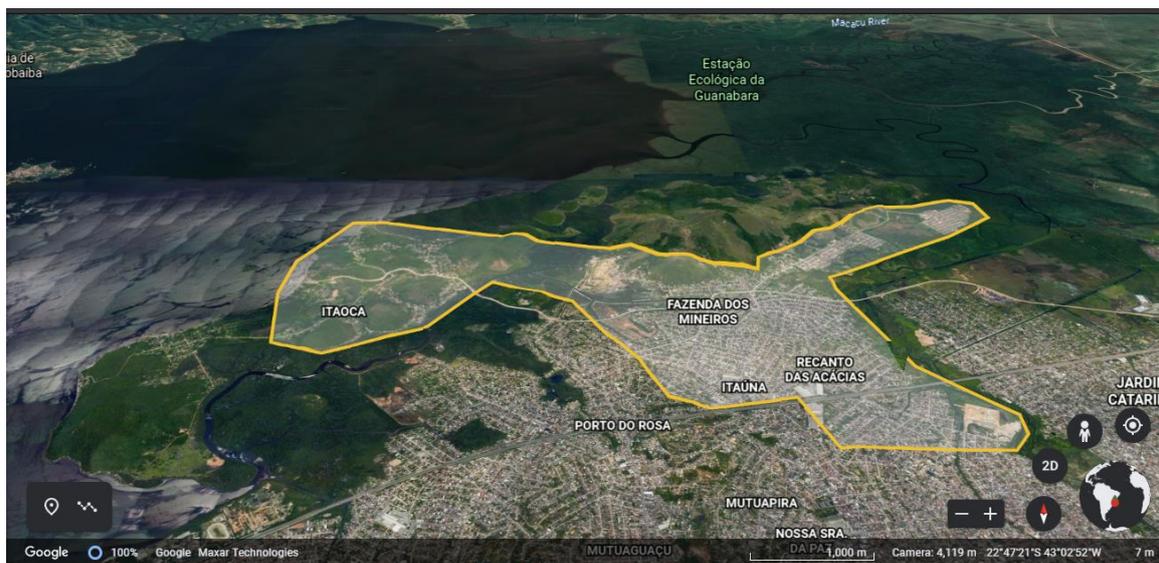


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CO5MvpUjxZa/>, acesso em 02 jun. 2021.

1.2 - COMPLEXO DO SALGUEIRO: DEIXA [O FUNK] TE ENVOLVER

Complexo do Salgueiro é o nome dado para um conjunto de favelas abrangendo os bairros do Salgueiro, Fazenda dos Mineiros, Itaoca, Itaúna, Barra das Palmeiras, Recanto das Acácias e Luiz Caçador, além de dois sub-bairros não oficiais conhecidos como Conjunto da PM e Conjunto da Marinha (Figura 5). É uma região próxima da Baía de Guanabara e que abriga a APA da Ilha de Itaoca e parte da APA de Guapimirim. É também uma área inundável, com larga extensão de manguezal.

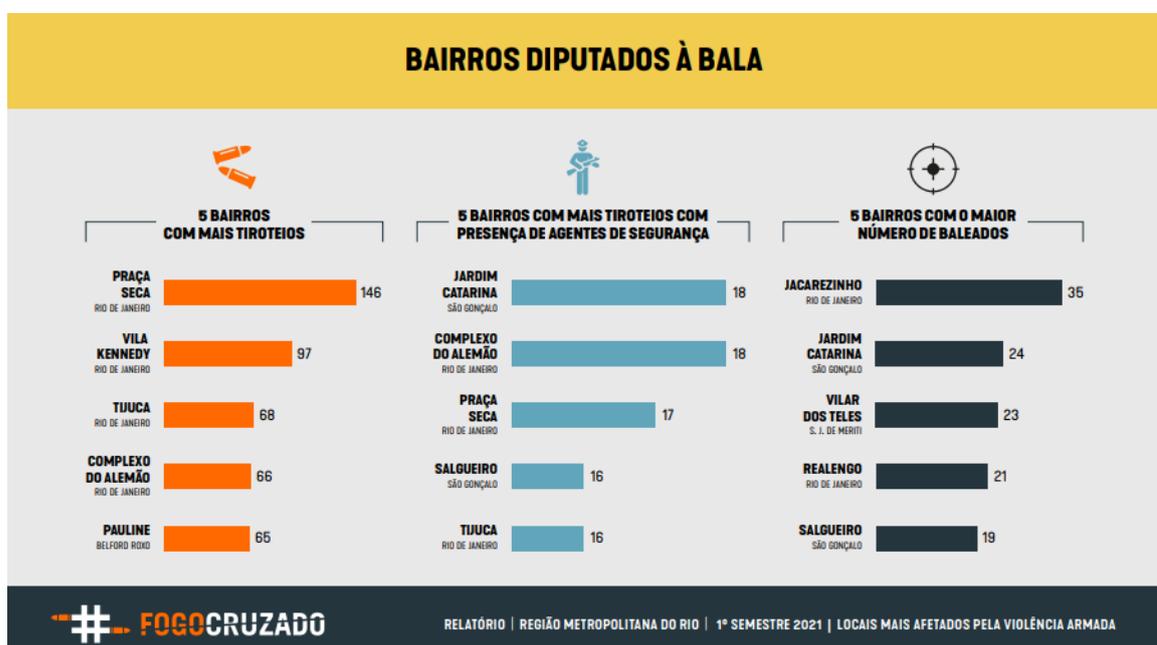
Figura 5 - Projeção tridimensional do Complexo do Salgueiro e arredores, com o Complexo do Salgueiro contido dentro da forma delimitada em amarelo.



Fonte: Projetado pela autora no Google Earth.

O Salgueiro é conhecido por ser uma das áreas mais perigosas do Rio de Janeiro, com forte atuação do narcotráfico. Uma rápida busca no *Google* e somos conduzidos a uma infinidade de notícias sobre operações policiais e atuações criminosas. Dentro da região metropolitana do Rio de Janeiro, o bairro foi o que mais registrou mortos por arma de fogo no primeiro semestre de 2021 (Instituto Fogo Cruzado, 2021). Ainda, é uma das localidades mais ameaçada pela violência policial e com maior registro de baleados (Figura 6).

Figura 6 – Ranking dos bairros da Região Metropolitana do Rio de Janeiro com mais tiroteios; mais tiroteios com presença de agentes de segurança; e maior número de baleados. Todos os dados são relativos ao primeiro semestre de 2021.



Fonte: Instituto Fogo Cruzado (2021).

De acordo com Robson Campaneruti (2013), em 2011 eram mais de 11 mil famílias em situação de vulnerabilidade social, além de uma população majoritariamente negra e feminina. A região também seria beneficiada com diversas obras do Projeto de Aceleração do Crescimento, como contrapartida feita pela PETROBRAS e o COMPERJ devido ao potencial impacto socioambiental e de mobilidade. Entretanto, apenas uma obra foi realizada – embora não tenha sido concluída: a abertura do “Pistão”, estrada que liga o píer da praia da Beira, em Itaoca, ao COMPERJ em Itaboraí.

Apesar do tom negativo e uniforme que comumente é dado ao Salgueiro, Campaneruti (2013) chama atenção para a heterogeneidade de localidades existentes ali. Ele assinala que dentro do Complexo há locais que os moradores chamam de favela, de bairro e de condomínio, sendo esses últimos ruas nas quais os moradores instalaram cancelas na intenção de destacá-las da vizinhança. Há localidades mais bem vistas que outras ou menos vulnerabilizadas que outras. Segundo conversas com moradoras locais, um dos lugares de

maior vulnerabilidade socioambiental é o antigo Lixão de Itaoca¹⁸, no qual muitas famílias vivem em condições precárias. Há ainda os Conjuntos da PM e da Marinha, que foram construídos em cima de manguezais e, conseqüentemente, sofrem com severas enchentes.

Contudo, o Salgueiro é mais do que a violência e vulnerabilidade que enxergamos à primeira vista. Numa conversa com moradoras locais que colaboraram com essa pesquisa, pedi que elas me apresentassem o Complexo do Salgueiro. Assim, elas indicaram pontos que consideram mais importantes e que traduzem a forma como elas usam o território. Apresentaram-me escolas e creches; unidades de saúde; pontos finais de ônibus, garagens e pontos de mototáxis; centros religiosos; mercados, armarinhos e lojas de materiais de construção; valões, manguezais e áreas verdes; áreas de lazer e prática esportiva; sedes de projetos sociais; e estradas e outros tipos de pontos de referência, como o Bitinho¹⁹.

Por fim, a dupla Claudinho e Buchecha, cria do Salgueiro, eternizou a comunidade nos versos do Rap do Salgueiro²⁰, composta por eles em 1996 (Quadro 1). Essa música tornou o Salgueiro famoso nacionalmente e revela o olhar de dois então moradores do Complexo sobre o local, exaltando a alegria e a vida.

¹⁸ O lixão foi oficialmente desativado em 2012, mas o descarte clandestino de lixo continua. (<https://diariodorio.com/lixao-desativado-em-sao-goncalo-despeja-131-040-000-de-litros-de-chorume-por-ano-na-baia-de-guanabara/>)

¹⁹ Bitinho é o apelido de um falecido morador, conhecido por ser o dono do Bar do Bitinho. Esse bar ficava num cruzamento na Estrada das Palmeiras e tudo que está em torno daquele local ficou conhecido como sendo “do Bitinho”, tal como: o cruzamento do Bitinho, a barricada do Bitinho, o ponto de ônibus do Bitinho e o quebramolas do Bitinho. Embora o bar não exista mais, ele segue sendo uma referência importante no imaginário da comunidade.

²⁰ Link para apresentação da dupla: <https://www.youtube.com/watch?v=iN9ZxfjR0>.

Quadro 1 - Letra da música "Rap do Salgueiro", da dupla Claudinho e Buchecha.

Eu sou pobre, pobre, pobre, pobre de marré	Faz bem curtir a vida com a razão de ser
Mas sou rico, rico, rico, rico de mulher	Zoa na moral, deixa o funk te envolver
Eu sou pobre, pobre, pobre de marré de si	Por isso agora quero ver animação
Eu sou Mc Claudinho, sou Buchecha, estou aqui	Trazendo a alegria de viver com emoção
Olé, olá, Salgueiro vem com Pira e a Força vai chegar, iê	Um homem consciente age sempre na moral
Eu quero ver, abalar, sacudir a massa, arrepiar	Com uma mina do lado, num clima divinal
Agitar o mundo, vamos navegar	É hora do funkeiro demonstrar o seu valor
O Salgueiro, Força e Pira, ninguém pode parar	Anunciar ao mundo a nobreza do amor
A curtição do Funk, cada vez melhor	As galeras irão se unir diante do prazer
A massa se reúne em um motivo só	Solte essa riqueza que existe em você
Dançar a dança do canguru e da cabeça	A massa acha resposta quando encontra um negão
E dançar a dança da bundinha não se esqueça	Zoando, rebolando, suado no salão
Salgueiro, Força e Pira aplaudem essa emoção	Neste exato momento me aproximo da razão
De corpo e alma, na palma da mão	No escuro levo a paz como iluminação
Levando as galeras a lutarem com firmeza	Menina me envolve com o seu febril olhar
Pela paz nos bailes que curtir é uma beleza	Balança teu corpinho no salão que eu vou passar
As mulheres lindas que têm no Brasil	Boassú, Boa vista e Young Flu,
Fonte de riqueza, quem provou já viu	Vianna e Madama, Paiva, Trovão Azul
Que não existe nada igualável no país	Martins, Catarina, Jóquei, Arsenal
Nem ouro nem a prata, faz o homem mais feliz	Cruzeiro, Pecado, Caçador, Central
No jogo do pecado eu vou arrebentar	Respostas do outro lado que provocam eclosão
Nesse trem fantasma eu vou me acabar	Irmãos lá da Mineira, Salgueiro é sangue bom
E cada momento nesse dia eu lembrarei	Galeras que agitam com união
Toda importância, eu vou me sentir um rei	Massa Funkeira arrebentação

Fonte: Buchecha e Claudinho (1996).

1.3 – MULHERES DO SALGUEIRO: AGITAM COM UNIÃO

O movimento das Mulheres do Salgueiro tem seu embrião na luta das creches comunitárias no Salgueiro e em outros bairros de São Gonçalo. Algumas lideranças dessas lutas, até então relativamente isoladas, foram convidadas pela organização não-governamental (ONG) CAMPO – Centro de Assessoria ao Movimento Popular, para algumas reuniões. O objetivo desses encontros era potencializar a mudança social, econômica e cultural da região. É importante mencionar que no bairro de Itaoca, no Complexo do Salgueiro, há o antigo Lixão de Itaoca e muitas mães das creches comunitárias da localidade trabalhavam catando lixo lá (GUILHERME, 2016).

Desse coletivo de movimentos, formou-se um grupo autogestionado formado por homens e mulheres que ocupavam aquele território. Nas reuniões desse grupo, discutia-se muito e principalmente as condições de subemprego ao qual as mulheres estavam submetidas no lixão e em outros lugares. Em meio a conflitos e ao fim do projeto da ONG CAMPO, o grupo se desfez, mas a rede felizmente já havia sido tecida: as moradoras do Complexo do Salgueiro, antes mais isoladas, agora estavam mais próximas e canalizando suas ações para superar o lugar de exploração e opressão ao qual o sistema social vigente as coloca (GUILHERME, 2016).

Inicialmente, o principal objetivo das Mulheres do Salgueiro é viver. Para isso, precisam de uma fonte de renda e encontram na costura uma saída viável, já que ela estava presente na vida da maioria das mulheres que compunham o movimento. Mas além disso, como os resíduos sólidos eram parte cotidiana de seus dias, elas passam a costurar com materiais reutilizáveis e recicláveis que catavam e/ou recebiam. Como estratégia de captação de recursos, elas decidem fundar o Empreendimento Solidário Mulheres do Salgueiro. Assim, poderiam não apenas realizar projetos sociais, mas também participar de editais e licitações que demandassem serviços de costura (informação verbal)²¹. Janete Guilherme (2016) ressalta que o nome “Mulheres do Salgueiro” busca reafirmar a presença da mulher e o pertencimento ao lugar, que é visto como motivo de vergonha por muitos moradores.

Hoje o grupo Mulheres do Salgueiro se entende enquanto um coletivo, uma união de mulheres diversas que lutam pelo direito à vida, focadas especialmente nas questões da mulher e da criança. Se organizam de forma horizontal, com decisões tomadas em reuniões

²¹ Informação obtida através de conversas informais com Janete e outras integrantes do Mulheres do Salgueiro no ano de 2020.

com as militantes, com o destaque de algumas pessoas designadas para cuidar de assuntos burocráticos e/ou urgentes.

Elas atuam nos seguintes pilares: geração de renda; formação em cidadania; e capacitação profissional, conforme explicado por Janete²² em conversa informal:

E aí para a gente alcançar essa missão, que é o direito à vida, aí a gente vai pensar que a mulher precisa gerar renda, aí é um pilar. Ela precisa ter formação de cidadania, porque ela precisa pensar a sua situação enquanto cidadão nessa história toda. Ela precisa de uma capacitação profissional, porque, para ela gerar renda, ela precisa ter alguma habilidade ou desenvolver alguma habilidade para gerar renda. (informação verbal)²³

Atualmente, com a pandemia de covid-19, outras frentes passaram a ser importantes para o povo da favela permanecer vivo. Primeiramente, a campanha de arrecadação e distribuição de alimentos e material de limpeza para as famílias do Complexo do Salgueiro. Segundamente, a produção e distribuição de máscaras de pano e de sabão feito com óleo de cozinha reciclado. Terceiramente, atendimento psicológico a preços populares. E finalmente, a busca de parcerias, como a realizada com a fundação Viva Rio, que garantiu 100 cartões-alimentação para serem distribuídos na comunidade²⁴. Janete ressalta que é muito trabalho e que por vezes é enlouquecedor. Os conflitos sempre marcaram o corpo e sempre foi difícil, mas, com a pandemia, o número de mortes e de pessoas passando fome aumentou.

Transversalizando a luta, aparece a temática do meio ambiente e sustentabilidade, que afloraram ainda mais durante a pandemia, já que um dos espaços geridos pelas Mulheres é um quintal no qual elas mantem uma horta. O plantio funciona como uma terapia, ajudando na saúde mental e física, além de ser um espaço de convívio, aprendizado e troca de saberes. Uma referência popular importante ali é uma senhora conhecida como Tia Baixinha, que faz parte do coletivo e é a principal liderança à frente do quintal, com vasto conhecimento sobre plantas. Outras questões que também aparecem, de forma direta ou indireta, são violência, fé, história do Brasil e questões afro. De fato, viver é uma ação multidimensional, por isso tantos temas são abordados. É como Janete diz: por “direito à vida, eu estou falando da questão da violência contra a mulher, de falta de emprego, da mulher ganhar menos, da falta de oportunidade, da polícia que entra atirando” (informação verbal)²⁵ e por aí vai.

²² Janete Nazareth Guilherme é integrante e fundadora do Mulheres do Salgueiro.

²³ Entrevista concedida por GUILHERME, Janete Nazareth. Entrevistadora: Gabriela Silva Trindade. São Gonçalo, maio, 2021.

²⁴ Para mais informações sobre o coletivo, suas campanhas e ações, acesse: <https://www.instagram.com/mulheresdosalgueiro/>.

²⁵ Entrevista concedida por GUILHERME, Janete Nazareth. Entrevistadora: Gabriela Silva Trindade. São Gonçalo, maio, 2021.

Chamo atenção para o caráter “em movimento” do Mulheres do Salgueiro, conforme Janete explica:

Quando a gente começou, a gente estava muito focada em gerar renda. Mas de uns anos para cá, porque estamos em movimento, a gente foi percebendo que gerar renda é uma consequência daquilo que a gente está fazendo. Antes de gerar renda, precisamos de outras coisas, e aí vem a questão do direito a vida. Não adianta a gente gerar renda se a gente não está vivo, por exemplo, se a polícia entra atirando e a gente não consegue trabalhar, como que se gera renda? Então a gente foi se percebendo nesse universo. (informação verbal)²⁶

Temos então que, conforme a conjuntura muda, o movimento social também muda. Ele não é e nem pode ser engessado. Assim, daqui a alguns anos, nada impede que novas formas de atuar e de pensar possam surgir no Mulheres do Salgueiro.

²⁶ Entrevista concedida por GUILHERME, Janete Nazareth. Entrevistadora: Gabriela Silva Trindade. São Gonçalo, maio, 2021.

CAPÍTULO II – LENTES TEÓRICAS

Neste capítulo escrevo sobre literaturas que busquei para dar suporte a essa pesquisa. O capítulo está dividido em três partes. Primeiramente, trago o campo da Educação Ambiental, discorrendo sobre sua diversidade e heterogeneidade, abordando suas principais macrotendências no Brasil e dando um enfoque especial à Educação Ambiental *Desde El Sur* e de Base Comunitária. Em seguida, na segunda seção, discorro sobre Movimento Social, trazendo algumas teorias e definições importantes para o campo, que avançou muito desde o século XIX²⁷. Discutirei também a história dos movimentos sociais, focando especialmente no cenário latino-americano e brasileiro; além de fazer uma relação acerca dos movimentos sociais enquanto princípio educativo.

2.1 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL: QUAL?

A Educação Ambiental antes de tudo é Educação. O adjetivo “ambiental” surge para enfatizar a diferença para uma Educação que não atenta para as relações socioambientais (BRÜGGER, 1994, *apud* LAYRARGUES, 2002). Assim, a EA se insere tanto na esfera não-formal da educação quanto na dimensão escolar.

Os debates sobre a educação ambiental na sociedade ocidental contemporânea emergem em meados dos anos 1960, quando a diminuição da qualidade ambiental causada pelo modelo de produção industrial impulsiona uma série de estudos científicos que culminam na publicação do relatório “Os Limites do Crescimento: um relatório para o projeto Clube de Roma sobre o dilema da humanidade”. No livro, publicado em 1972 e conhecido também como Relatório do Clube de Roma, Meadows et al. (1972) alertavam para a finitude dos recursos naturais e projetavam um futuro no qual haveria o esgotamento de todo o patrimônio natural caso as taxas de consumo deste não diminuíssem.

No mesmo ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) convocou a primeira Conferência Mundial do Meio Ambiente Humano, sediada em Estocolmo, na Suécia. Nessa reunião, a educação para a preservação do meio ambiente foi apontada como essencial para a

²⁷ Em 1850, Lorenz von Stein lançou o livro “História do Movimento Social Francês de 1789 até o presente”. Este marco é reconhecido como o primeiro registro do uso do termo “movimento social” na academia. Von Stein escreveu seu livro dois anos após o Manifesto Comunista de Marx e Engels.

resolução dos problemas ambientais, conforme divulgado no documento “Declaração de Estocolmo sobre o ambiente humano – 1972” (ONU, 1972). A partir desse registro, iniciam-se esforços regionais e internacionais para discutir a educação ambiental, tais como o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental (ocorrida em Belgrado, na então Iugoslávia, em 1975) e a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (sediada em Tbilisi, na então União Soviética, em 1977).

No contexto brasileiro houve uma série de iniciativas para definir um conceito universal de Educação Ambiental. Entretanto, à medida que seus atores começaram a disputar conceitos e concepções políticas, pedagógicas e epistemológicas, se percebeu a pluralidade do campo (LAYRARGUES, 2002). Assim, a EA brasileira deixa de ser vista como monolítica para se tornar um campo multifacetado, formado por diversas correntes político-pedagógicas que buscam a hegemonia do campo. Layrargues e Lima (2014) identificam três macrotendências político-pedagógicas da EA praticadas no país, a saber: conservacionista, pragmática e crítica. Importante destacar que cada macrotendência abriga um leque de perspectivas e que não se exclui a possibilidade de as tendências conviverem num mesmo projeto de educação ambiental, embora seja fundamental explicitar a vertente com a qual se está trabalhando no âmbito de uma reflexão teórica.

De acordo com Layrargues e Lima (2014), é possível analisar a Educação Ambiental enquanto um campo social. A ideia de Campo Social é explorada por Bourdieu (2004) e designa um microcosmo relativamente autônomo e com normas próprias. Tal noção pressupõe uma pluralidade de agentes sociais que se traduzem em forças que lutam para conservar ou transformar valores, cultura e regras de funcionamento do campo.

Nas palavras de Layrargues e Lima (2014, p. 1), o campo social de Bourdieu pode ser resumido como “um conjunto de relações de dominação, subordinação e adesão associado a estratégias ideológicas de conservação ou subversão da ordem estabelecida dentro deste espaço social”. Importante ressaltar que os agentes sociais são ativos e se inserem na estrutura do campo, em posições altamente dependentes do capital simbólico que possuem. Isso significa dizer que as relações de poder não são simétricas.

Deste modo, com o amparo da teoria do Campo Social, Layrargues e Lima (2014) realizaram uma análise da Educação Ambiental no Brasil, caracterizando e classificando seus processos, bem como identificando suas diferenças internas e motivações envolvidas. Com efeito, produziram um retrato analítico, político e didático da EA brasileira, que embora seja

constituída de uma multiplicidade de elementos “que compartilham um núcleo de valores e normas comuns” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 25) e, portanto, possa parecer um campo homogêneo, é na verdade um espaço extremamente complexo. Ainda, os autores apontam que a EA é um campo parcialmente autônomo, uma vez que é fortemente relacionado com o campo ambientalista ao mesmo tempo em que é dotado de práticas, teorias, objetivos, epistemologias e cultura próprias. Destaco que diversos outros autores tentaram classificar as semelhanças e diferenças internas da Educação Ambiental brasileira, tais como Marin (2000) e Sorrentino (1995). Contudo, escolho me referenciar por Layrargues e Lima (2014) dada a relevância desse estudo para a EA.

Layrargues e Lima (2014) enunciam que o início da EA no Brasil é predominantemente conservacionista, ou seja, as práticas e teorias educativas buscam fomentar no ser humano uma sensibilidade à natureza e uma consciência ecológica. Prega-se uma mudança cultural legítima para corrigir os erros da modernização que acarretam na crise ambiental, embora questione-se apenas os comportamentos individuais e não a totalidade da estrutura social em vigor. É possível dizer, inclusive, que esse fator colaborou para sua popularização, uma vez que esse debate coincide temporalmente com o período de ditadura militar, época não-favorável à propaganda de ideais questionadores do *status quo*. Essa corrente tende a buscar a conservação da natureza de forma prístina, com contato restrito com o ser humano. De fato, na tendência conservacionista a sociedade não é entendida como parte integrante do meio ambiente.

Já nos anos 1990, sob impacto da redemocratização e da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Eco-92), sediada no Rio de Janeiro (Brasil), a macrotendência conservacionista perde espaço para duas correntes emergentes. Por um lado, o fortalecimento do neoliberalismo impulsiona uma vertente urbano-industrial a qual denominamos “pragmática”. Por outro, movimentos sociais veem na crise ambiental uma crise da civilização capitalista e assim a macrotendência nomeada “crítica” desponta como uma alternativa às outras duas anteriormente mencionadas, que são consideradas conservadoras por não colocarem em xeque a ordem social, política e econômica (LAYRARGUES; LIMA, 2014).

A tendência pragmática é ligada aos princípios da Economia Verde e da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Não há aqui uma preocupação com as dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais da questão ambiental, mas objetiva-se o individualismo e apela-se para que a população se sacrifique em nome de um bem geral.

Enquanto isso, a macro Tendência crítica, inspirada pela Educação Popular e pela Teoria Crítica, inclui no debate ambiental o entendimento de que relações socioculturais construídas historicamente mediam a interface ser humano-natureza. Essa compreensão implica em os problemas ambientais não poderem ser concebidos de modo descolado de seu contexto social, político, econômico e cultural. Na verdade, como caracterizado por Layrargues e Lima (2014), a corrente crítica percebe a questão ambiental como uma adversidade originada no modelo de produção, desenvolvimento e consumo vigentes. Um esquema comparativo das três macro Tendências brasileiras pode ser observado no Quadro 2.

Quadro 2. Esquematisação das macrotendências da Educação Ambiental no Brasil, segundo Layrargues (2002) e Layrargues e Lima (2014).

Macrotendência Conservacionista	Macrotendência Pragmática	Macrotendência Crítica
<ul style="list-style-type: none"> • Busca desenvolver a consciência ecológica • Lógica do "conhecer para amar e amar para preservar" • Problemas ambientais são consequência de erros no projeto inevitável de modernização • Expressa-se por meio de correntes conservacionistas, comportamentalistas, da Alfabetização Ecológica, do autoconhecimento e por meio de atividades de senso-percepção ao ar livre • Princípios: ecologia, valorização afetiva do meio ambiente, mudança do comportamento individual e relativização do antropocentrismo • Público-alvo: escola e turismo • Conceitos-chave: biodiversidade, unidade de conservação, biomas, ecoturismo, experiências ecológicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Busca resolver problemas ambientais locais • Lógica do "cada um faz a sua parte" • Problemas ambientais podem ser resolvidos pela lógica do mercado • Expressa-se por meio de correntes da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e para o Consumo Sustentável, além do ambientalismo de resultados, do pragmatismo contemporâneo e do ecologismo de mercado • Princípios: dominância da lógica do mercado sobre as outras esferas sociais, ideologia do consumo como principal utopia, preocupação com a produção crescente de resíduos sólidos, revolução tecnológica como última fronteira do progresso e inspiração privatista • Público-alvo: escola e criança • Conceitos-chave: economia e consumo verde, responsabilidade socioambiental, certificação, mecanismos de desenvolvimento limpo, ecoeficiência produtiva 	<ul style="list-style-type: none"> • Busca o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental • Concepção complexa da questão socioambiental • Problemas ambientais decorrem dos modelos de desenvolvimento e sociedade • Expressa-se por meio de correntes populares, emancipatórias e transformadoras • Princípios: educação popular, teoria crítica, ecologia política • Público-alvo: comunidade e trabalhadores • Conceitos-chave: cidadania, democracia, participação, emancipação, conflito, justiça ambiental e transformação social

Fontes: Layrargues (2002); Layrargues e Lima (2014)

2.1.1 – Educação Ambiental de Base Comunitária: crítica, decolonial e latino-americana

A Educação Ambiental Crítica também é um campo heterogêneo, composto por múltiplas concepções e práticas. Por vezes, as inúmeras correntes contra-hegemônicas se

somam e por outras tantas, divergem. Nesse contexto, emerge a Educação Ambiental de Base Comunitária, que bebe de fontes da Decolonialidade e das pedagogias latino-americanas, sem deixar de lado a luta pela emancipação humana.

Nos anos 1980, ganham forças nos EUA e na Inglaterra críticas feitas por intelectuais caribenhos, latino-americanos, africanos e indianos, tais como Gayatri Spivak, Aníbal Quijano, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Albert Memmi e Edward Said. Denunciavam a perspectiva eurocêntrica das ciências e da política, bem como apontavam especificidades dos países do sul global²⁸. É a partir dessa identificação da relação antagônica entre colonizado e colonizador (diferença colonial) que falamos em Giro Decolonial, com um argumento comprometido com a superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade (BALLESTRIN, 2013).

Walter D. Mignolo (2008) aponta que a decolonialidade é uma das três expressões da Modernidade, junto à face do mito salvacionista e da colonialidade. O mito salvacionista é a ideia de “salvar os selvagens” através de uma “guerra justa colonial” que impõe um modelo de civilidade, progresso e desenvolvimento. Já a colonialidade é a herança colonial deixada pela colonização opressora e avessa ao diálogo. E finalmente temos a decolonialidade, que representa a resistência e o questionamento radical a esse pensamento e à opressão da modernidade/colonialidade.

No contexto da América Latina, a decolonialidade é caracterizada, de acordo com Ballestrin (2013) em seus estudos sobre o grupo de pesquisa Modernidade/Decolonialidade²⁹, pelo reconhecimento do continente americano enquanto continente fundacional do colonialismo e laboratório de teste para o racismo à serviço do colonialismo; pelo reconhecimento da diferença colonial; pela denúncia da opressão do tripé colonialidade do poder, do ser e do saber; e pelo subsídio à novas utopias radicais para o alcance da emancipação humana.

Seguem algumas chaves da decolonialidade: (1) compreensão da América Latina enquanto fundada a partir da violência do esquema colonial/imperial moderno; (2) raça como conceito essencial, já que a criação de uma hierarquia étnico-racial fundamenta a guerra, o

²⁸ Grupo de países geopoliticamente localizados ao sul do planeta Terra e interligados pela história de colonialismo.

²⁹ O grupo Modernidade/Colonialidade foi criado nos anos 1990 e fizeram parte diversos intelectuais latino-americanos. Esse grupo criou a noção de “giro decolonial” e defende a decolonialidade enquanto uma opção epistêmica, teórica e política. Em 2013, a pesquisadora Luciana Ballestrin fez um apanhado das contribuições deste grupo, sintetizando sua história e pensamento.

genocídio e a conquista das Américas; (3) relações de exploração, dominação e conflitos ordenados em função das relações de raça, gênero e trabalho; (4) colonialidade do poder (QUIJANO, 1992), produzida pelas culturas coloniais e estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial, envolvendo o controle da autonomia, da autoridade, da natureza, do gênero e da sexualidade; (5) colonialidade do saber, enquanto dimensão epistêmica da opressão colonial, estabelecendo o eurocentrismo e decretando o epistemicídio, isto é, a desvalorização e morte de outros conhecimentos; e (6) colonialidade do ser, explorada principalmente a partir de Frantz Fanon e seus escritos sobre a introjeção da psiquê do colonizador no colonizado (BALLESTRIN, 2013). Catherine Walsh (2009) acrescenta também nesse a colonialidade da Natureza, definida como a imposição de uma forma eurocêntrica de lidar, valorar e conceber a natureza, apagando (ou tentando apagar) quaisquer outros modos de relação entre ser humano e natureza.

Inspirado nesse referencial teórico, é fundado em 2013 o Grupo de Estudos em Educação Ambiental *Desde El Sur* (GEASur), primeiro grupo brasileiro dedicado a analisar os diálogos possíveis entre as demandas populares e os debates ambientais a partir dos referenciais da decolonialidade no contexto do sul global, com destaque especial para a Latino América. Celso Sánchez e Marcelo Storti (2018) explicam que o grupo alia a EA crítica às ancestralidades do território e aos sujeitos em luta pelos bens naturais e comuns, tais como a água e a terra, a partir do diálogo com a Ecologia Política, Justiça e Racismo Ambiental, Pensamento Decolonial; Legado e Geopolítica da América Latina; e Pesquisa Militante. Dessa forma, possibilita-se uma leitura da EA desde a América Latina, que, segundo Enrique Dussel (1993), foi destinada ao extrativismo e à espoliação desde a sua fundação; possibilita-se uma EA atenta para vozes das resistências, das lutas antirracistas, do povo negro, dos povos originários, das mulheres, dos LGBTTQIA+, etc.; vozes que falam de meio ambiente de uma forma ampla, sociocultural, política e holística. É nesse âmbito que o GEASur pensa, tão logo, uma educação ambiental *desde El Sur*³⁰.

Para o GEASur, a “educação ambiental não basta ser crítica, ela deve incorporar a vibração dos viventes que contrariam a lógica colonial” (RUFINO; RENAUD CAMARGO; SÁNCHEZ, 2020, p. 6). Ou seja, a perspectiva *desde el sur* concebe uma educação ambiental que luta pela descolonização. Atentando para isso, autores desse grupo olham para a educação ambiental no sentido do contexto comunitário. Nesse sentido, é cunhado o termo “Educação

³⁰ Sánchez e Storti (2018) elucidam que a expressão “Desde El Sur” não é traduzida para o português de propósito, pois, ao manter o bilinguismo, o grupo propõe reafirmar o Brasil como parte da América Latina, parte de Abya Yala, como o continente é referido pelo povo Kuna, situado onde atualmente é a Colômbia e o Panamá.

Ambiental de Base Comunitária” para designar uma educação ambiental elaborada a partir de povos e grupos que produzem saberes em suas relações com o território. Uma educação ambiental “que parte da comunidade e é construída com a comunidade para a comunidade” (RENAUD CAMARGO; SÁNCHEZ PEREIRA, 2019, p. 63).

Júlio Vitor Costa da Silva discutiu a Educação Ambiental de Base Comunitária da seguinte forma (2016, p. 99):

Portanto, entendo a educação ambiental de base comunitária como sendo a educação promovida no âmbito das comunidades populares, tradicionais, subalternas, indígenas e quilombolas, que tenha como objetivo a promoção de uma sociedade ambientalmente e socialmente mais justa, capaz de incorporar a ecologia de saberes e promover a alteridade epistemológica, ou seja, o encontro com o outro e suas formas de ver, conhecer e vivenciar o mundo.

Mais tarde, Daniel Renaud Camargo (2017, p. 88) expandiu e sistematizou a EABC como:

1) o contexto geopolítico latino-americano; 2) o Legado das lutas sociais da América Latina como base político-teórico-metodológica para pensar uma Educação Ambiental não-norte-eurocêntrica; 3) Histórias de Vida, memória oral, cultura popular e saberes locais como elementos estruturantes das propostas educativas, bem como a visão de uma educação ambiental capaz de auxiliar na proteção do patrimônio imaterial das comunidades; 4) as perspectivas da Decolonialidade, Interculturalidade e Ecologia de Saberes como eixos estruturantes; 5) uma concepção de Educação Ambiental Crítica articulada à Educação Popular, por meio do uso de metodologias participativas; 6) a visão da Educação Ambiental enquanto uma ferramenta de gestão popular dos recursos naturais; 7) Paulo Freire como referencial teórico-metodológico-político para a práxis de Educação Ambiental; 8) Educação Ambiental para a Justiça Socioambiental; 9) Pesquisa Sentipensante, investigação comprometida com a realidade social; 10) uma proposta Educativa que articula concepções de Educação Não Formal, Educação Formal e Educação Informal; 11) a dimensão Humana-Cultural-Política-Dinâmica do Meio Ambiente, ou seja, entendendo o Meio Ambiente como um processo, uma elaboração constante, produto das relações entre o ser humano e seu meio; 12) Importância da Dimensão Imaterial das relações entre Humanos e Natureza, com destaque à Espiritualidade e à Transcendência como elementos dialogantes com o campo da Educação Ambiental.

A partir das duas definições acima, entendemos então que a EABC busca o cruzo entre conhecimento acadêmico e popular, centrando-se no direito de existir e valorizando as lutas dos movimentos sociais. A organização comunitária é central nos saberes populares e na luta pela vida; é uma estratégia importante frente a uma situação-limite. E no mundo ocidental moderno/colonial capitalista, onde o ideal hegemônico é individualista e violento, descobrir modos de vida calcados na solidariedade é anunciar o que Paulo Freire (2000) chama de inéditos viáveis, isto é, sonhos possíveis.

Ainda sobre a EABC, Renaud Camargo (2017, p. 184) também afirma que:

Neste sentido, entendo por Educação Ambiental de Base Comunitária aquela que se constrói com/para as comunidades, considerando as conjunturas locais e atenta as especificidades dos territórios. [...] Deste modo, torna-se possível reconhecer e valorizar a cultura popular, os saberes locais, as memórias bioculturais e a história ambiental das comunidades, atentando para aspectos culturais, históricos e sociais (políticos) do meio ambiente.

No trecho acima, reparemos na importância que se dá ao território. Considerando-o como um espaço socialmente construído, Stephanie Salgado, Anne Menezes e Celso Sánchez (2019) afirmam que não existe território sem um sentido de ser e estar no mundo, sem processos de apropriação do espaço geográfico. Por isso a atenção especial ao conceito e a importância de uma educação territorializada, atenta aos processos invisibilizados de uma população oprimida.

Em Abya Yala, entram em conflito diversos sentidos de mundo. Na sangrenta fundação da América Latina, os colonizadores impuseram a ideia, hoje hegemônica, da natureza como subalterna, como um objeto passível de ser explorado e destruído. Essa visão se choca com a cosmogonia dos povos originários e africanos e os penaliza. A ruptura entre sociedade e natureza e entre mundo biofísico e espiritual fere a existência e a vida. Mas apesar dos ataques e das mais violentas tentativas de aniquilação, os povos vulnerabilizados reagem e lutam pelo direito de existir com dignidade. Daí o crucial papel da EABC nessa luta: fortalecer os conhecimentos, as existências, as pessoas, os ecossistemas.

2.2 - MOVIMENTOS SOCIAIS: SACUDIR A MASSA?

Falamos muito até aqui sobre a importância de aproximar academia e movimentos sociais, além de descobrir as formas de resistir e existir em meio à organização comunitária. Mas não há apenas uma teoria sobre Movimentos Sociais. De fato, há inúmeras abordagens possíveis, adaptando-se conforme tempo e espaço de análise. Maria da Glória Gohn (2011, p. 335) entende movimentos sociais enquanto “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. A mesma autora também aponta, em um artigo de 2008, que há um amplo leque de abordagens quando o tema é Movimento Social e explicita quatro eixos analíticos gerais, a saber: teorias construídas a partir de eixos culturais; teorias focadas no eixo da justiça social;

teorias que destacam a capacidade de resistência dos movimentos sociais; e teorias que olham para os processos de institucionalização das ações coletivas.

No primeiro grupo de análise, temos abordagens que olham para o processo de construção de identidades, para a subjetividade e os sentimentos de pertencimento. Entende-se que as ações nascem a partir dos sentidos construídos pelos sujeitos a partir do agir coletivo. Já no segundo grupo teórico definido por Gohn (2008), estão teorias que conversam sobre o reconhecimento das desigualdades e diferenças, além de questionar a redistribuição como meio de compensação de injustiças.

Gohn também identifica um terceiro grupo, que foca nas questões da resistência, autonomia e formas de luta dos movimentos sociais. Há uma ênfase na crítica à cooptação das pautas emancipatórias pelo Estado e sua tentativa de tutelar os movimentos. Por último, a autora cita as teorias que atentam para os processos de institucionalização das ações coletivas e se preocupam com os vínculos, redes e desempenhos pessoais em organizações. São essas duas últimas abordagens que privilegiarei neste estudo.

Em meio a tantas possibilidades de análise e entendimentos, o estadunidense Charles Tilly (2010) se preocupa com a possibilidade de usarmos de forma errada o termo “movimentos sociais”. Para ele, nem toda ação coletiva popular, organização e/ou rede se encaixam no conceito. Segundo Tilly (2010, p. 142), um movimento social precisa ter um programa, uma identidade e uma posição. Ainda, necessita de três coisas para ser denominado como tal. São elas:

- 1) campanhas de reivindicações coletivas dirigidas a autoridades-alvo;
- 2) um conjunto de empreendimentos reivindicativos, incluindo associações com finalidades específicas, reuniões públicas, declarações à imprensa e demonstrações;
- 3) representações públicas de valor, unidade, números e comprometimento referentes à causa.

Portanto, em sua visão, uma organização defensora do meio ambiente, por exemplo, não necessariamente se caracteriza como movimento ambientalista, ou mesmo parte dele.

Em relação ao conceito, é importante pontuar, entretanto, que “ninguém é dono do termo ‘movimento social’” (TILLY, 2010, p. 141). Não é possível uma definição rígida tal como uma lei newtoniana. Contudo, Charles Tilly apresenta uma consideração importante ao dizer que a banalização do termo pode prejudicar a compreensão acerca dos movimentos sociais, sua importância, sua situação na história e seu funcionamento.

Um autor que corrobora com os dizeres acima é o sociólogo francês Alain Touraine. Ele afirma que é importante não aplicar a ideia de movimentos sociais a toda e qualquer ação coletiva. Touraine (2006, p. 18) diz que:

O essencial, aqui, é reservar a ideia de movimento social a uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada. Entendo que uma relação social de dominação só pode suscitar uma ação que mereça o nome de movimento social se atuar sobre o conjunto dos principais aspectos da vida social, ultrapassando as condições de produção em um setor, de comércio ou de troca ou, ainda, a influência exercida sobre os sistemas de informação e de educação.

Assim, para Touraine (2006), só há movimento social se a ação coletiva visa a ruptura do sistema social, econômico e político de dominação vigente. Dessa forma, o pesquisador define movimento social como um ator social envolvido num conflito sociocultural contra um adversário social organizado, de modo que esses dois lados antagonizam em campos de batalha completamente distintos. No entanto, esse conflito não necessariamente é armado ou embebido de ideologias muito elaboradas. Tampouco ele obrigatoriamente envolve algo material; o conflito pode ser de ordem simbólica³¹.

Contudo, é fundamental entender que o movimento não é um ator singular e homogêneo. Há constantes realinhamentos em seu interior a partir da interação entre seus componentes, aliados, rivais, dentre outros sujeitos envolvidos direta ou indiretamente no conflito (TILLY, 2010). Os movimentos sociais são, então, heterogêneos.

Outra definição possível de movimentos sociais é a enunciada por John McCarthy e Mayer Zald (1977, p. 1217). Essa dupla de autores estadunidenses conceitua movimentos sociais enquanto um “conjunto de opiniões e crenças comuns a uma população que representa preferências pela mudança de alguns elementos da estrutura social e/ou pela distribuição de recompensas numa sociedade”. Para eles, as redes e organizações que apoiam a ação coletiva dos movimentos são essenciais para seu sucesso, que também depende da captação de recursos econômicos e simbólicos. Nessa definição, está explícito a noção de movimentos sociais enquanto um conjunto no qual diferenças coexistem.

Já para o brasileiro Carlos Walter (1999), movimento social é um conjunto de identidades coletivas pertencentes a um determinado grupo social que recusa a posição marginal a qual outros setores dominantes o tentam impor. Assim, essas identidades se

³¹ Por esse motivo, Touraine prefere utilizar o termo “movimentos culturais” ao invés de “movimentos sociais”, promovendo um deslocamento da ordem do conflito. Para mais, ver https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922006000100003&script=sci_arttext

mobilizam, portando uma nova ordem em potencial. Ele ressalta a pluralidade dos sujeitos sociais e populares.

Finalmente, por mais que as diversas teorias do campo do Movimento Social tenham enfoques diferentes em suas análises e interesses, há algo em comum: a noção de movimento social como ações coletivas específicas que se opõem ao sistema hegemônico político, econômico, social, cultural e, adicione, ambiental. Ou seja, movimentos que apoiam e defendem o *status quo* não podem ser caracterizados enquanto movimentos sociais. É com esse entendimento que trabalharei nessa dissertação.

2.2.1 – Movimentos Sociais na América Latina e Brasil

De 1970 a 1980 houve na América Latina um forte crescimento de movimentos sociais contra os regimes militares. No Brasil, esses movimentos contribuíram para assegurar que os direitos conquistados fossem incluídos na Constituição Federal de 1988 (CF88). Mas no final dos anos 80, após a promulgação da CF88, as manifestações de rua começaram a diminuir e na década seguinte outros modos de organização popular mais institucionalizados começaram a emergir, tais como os Fóruns Nacionais de Luta pela Moradia, a Central dos Movimentos Populares e diversas parcerias entre o Estado e a sociedade civil objetivando a aproximação entre a população e a gestão pública (GOHN, 2011).

À medida que o neoliberalismo foi avançando nos anos 1990, outros movimentos sociais foram surgindo. Por exemplo, o movimento estudantil ressurgiu com os “caras-pintadas”, ao atuar pelo impeachment do então presidente da República Fernando Collor. Ainda, insurgem movimentos de mulheres, movimentos culturais, movimentos contrários a reformas estatais, dentre muitos outros. Maria da Glória Gohn (2011) destaca ainda três movimentos em especial, são eles: o dos indígenas, dos funcionários públicos e o dos ecologistas. Os primeiros são ressaltados devido à luta pela demarcação de suas terras; já os segundos, por causa da organização em sindicatos contrarreformas estatais que retiravam direitos sociais; e os terceiros pelo crescimento que tiveram após a Eco-92.

Os anos 90 marcam também a origem de inúmeras organizações não-governamentais, tanto das que atuam no campo ambiental quanto no campo da educação, da saúde e quaisquer outros nos quais os serviços sociais do Estado são poucos ou ausentes. De acordo com Gohn (2011), o surgimento das ONGs, associações e outras organizações do terceiro setor foram

favorecidos pelas políticas neoliberais. Esse favorecimento ocorreu por dois motivos. Primeiramente, por conta da descentralização da área social, com a possibilidade de parcerias com ONGs e a multiplicação de programas sociais. Segundamente, porque as reformas neoliberais obrigaram muitas pessoas a escolher entre ter um emprego e manter suas atividades militantes. Assim, muitos criaram a estratégia de institucionalizar seu ativismo e fazer dele o seu ganha-pão. Falaremos mais sobre essa relação no tópico 2.2.1.1 – A relação entre movimentos sociais e ONGs: uma questão importante.

Continuando nossa linha do tempo, no início do novo milênio, segundo sinaliza Gohn (2008), entraram em cena novos tipos de movimentos com novas demandas, identidades e novos meios de organização, inclusive pluriclassistas e transnacionais, renovando as lutas sociais. Os anos 2000 marcam em toda a América Latina um certo enfraquecimento de movimentos comunitários de base aliados aos governos de esquerda que ascendem ao poder. Ao mesmo tempo, novos movimentos sociais surgem recriando formas tradicionais de relação; emergem com força organizatória movimentos que antes estavam à sombra, como os zapatistas nos México e os cocaleiros peruanos; e articulações em rede ganham ainda mais força, ampliando e fortalecendo movimentos já existentes como a Via Campesina e o Movimento dos Sem-Terra. Finalmente, temos a retomada do movimento de bairros, sobretudo no México e na Argentina (GOHN, 2008).

Enfim, chegamos na década atual, na qual os movimentos sociais apresentam um amplo repertório de atuações e ideologias. Há desde movimentos inspirados no anarquismo e que pregam a desobediência civil até organizações de cunho mais assistencial, passando por movimentos com perfil mais associativista. Independente das diferenças, todos têm em comum a crítica radical à miséria, à exclusão e à exploração. Outra característica bem marcante é a importância das redes sociais, que trazem uma nova estratégia de luta e comunicação. E com a intensificação da globalização, os movimentos passam também a apresentar propostas alternativas para esse advento, baseadas na solidariedade e interculturalidade. Esse cenário traz desafios para a produção teórica acerca do tema “movimentos sociais” (GOHN, 2008).

Num esforço quase taxonômico, Maria da Glória Gohn (2011) descreve 12 eixos temáticos de movimentos sociais no Brasil, a saber: (1) movimentos sociais por questões urbanas, tais como por moradia e contra violência; (2) movimentos em torno de estruturas de participação na gestão da cidade; (3) movimentos por saúde; (4) por direitos humanos e culturais; (5) movimentos sindicais por direitos trabalhistas e contra o desemprego; (6) por

questões religiosas; (7) movimentos de sem-terras e pequenos agricultores; (8) movimentos contra políticas neoliberais; (9) fóruns de mobilização da sociedade civil organizada; (10) movimentos de cooperativas populares; (11) movimentos dos atingidos por barragens; (12) e movimentos sociais no setor das comunicações.

É essencial enfatizar ainda a importância da categoria “território” numa atualidade globalizada. Essa chave já foi explorada ao falarmos sobre Educação Ambiental *Desde El Sur* e se mostra fundamental outra vez, ao estudarmos os movimentos sociais mais a fundo. Gohn (2008) explica que essa categoria vem sendo concebida com um novo significado, que a afasta de ser apenas um sinônimo da expressão “espaço físico”. Território, hoje, está intimamente ligado a ideia de pertencimento, raízes e ancestralidade, bem como associada aos direitos e conflitos. Quando olhamos para um território, vemos as relações sociais e produtivas, vemos as classes, as raças, os gêneros, as etnias, a infraestrutura, as políticas. Desse modo, movimentos sociais do novo milênio disputam esse território e oferecem a perspectiva da solidariedade e da cooperação.

2.2.1.1 - A relação entre movimentos sociais e ONGs: uma questão importante

É muito fácil confundir ações coletivas organizadas por ONGs com movimentos sociais. De fato, um mesmo grupo pode estar inserido tanto no contexto das ONGs quanto dos movimentos, ou seja, pode apresentar as duas faces ao mesmo tempo. No mundo real, os conceitos por vezes se misturam de acordo com as condições conjunturais. Como a linha é tênue e pode até ser sobreposta, é preciso então sempre analisar os atores, os repertórios de atuação e a conjuntura. Além disso, é necessário ter em mente as definições que explanei no início dessa seção: movimentos sociais têm identidades, têm rivais e se opõem ao *status quo*, articulando um novo projeto social.

Gohn (2011, 2013) argumenta que nos anos 2000, as ONGs e outras entidades do terceiro setor ganharam força e saíram do papel coadjuvante de apoio aos movimentos sociais para atuar na dianteira da organização deles e, conseqüentemente, da população. Lá na década de 70 e 80 as ONGs cidadãs e militantes se prestavam como apoio aos movimentos populares contra a ditadura militar e a favor do estabelecimento de um regime democrático. A autora aponta que os movimentos precisaram se reinventar frente à nova conjuntura e ser menos reivindicativos e mais propositivos. Assim, muito passaram a participar de projetos das

ONGs. Posteriormente, quando as políticas neoliberais foram se intensificando, aparecem em cena ainda as fundações e organizações sociais. Esses atores, que são articulados e financiados por bancos, empresas, dentre outros órgãos ou pessoas físicas, também começam a mobilizar as pessoas e a fazer parcerias com o poder público.

Essas entidades do terceiro setor passam a atuar em áreas carentes de serviço público, com grupos pequenos e em situação de vulnerabilidade, a partir de projetos com prazos determinados. Trabalham conceitos como empoderamento, desenvolvimento sustentável e responsabilidade social. Esse cenário impulsiona especialmente ações como as cooperativas populares de, por exemplo, materiais recicláveis. Inclusive, as entidades se orgulham de mostrar os resultados das ações (GOHN, 2011).

Todavia, é importante dizer que muitos movimentos sociais se transformaram e se institucionalizaram em ONGs como estratégia de sobrevivência (GOHN, 2004). Há algumas complicações nesse modelo de organização, visto que trabalhar com projetos envolve prazos e resultados. Porém, se torna uma alternativa viável para captação de recursos, algo que McCarthy e Zald (1977) consideram fundamental para o sucesso dos movimentos.

Também é essencial mencionar que na atualidade dos movimentos sociais, observa-se que há uma mudança no entendimento acerca da autonomia. De forma que,

Autonomia não é ser contra tudo e contra todos, estar isolado ou de costas para o Estado, atuando à margem do instituído; ter autonomia é, fundamentalmente, ter projetos e pensar os interesses dos grupos envolvidos com autodeterminação; é ter planejamento estratégico em termos de metas e programas; é ter a crítica, mas também a proposta de resolução para o conflito que está envolvido [...]. Finalmente, ter autonomia é ter pessoal capacitado para representar os movimentos nas negociações, nos fóruns de debates, nas parcerias de políticas públicas. (GOHN, 2013, p. 239)

Reparemos, por fim, que a relação entre movimentos sociais e ONGs é complexa e muda conforme os anos, de acordo com a conjuntura política, social e econômica. Atualmente, é aceitável dizer que um mesmo grupo é uma ONG e também um movimento social. Adicionalmente, o campo teórico sobre Movimento Social tem sido muito enriquecido com a entrada de militantes e assessores de movimentos no ensino superior, sobretudo nas pós-graduações, produzindo pesquisas que perpassam suas próprias vivências.

2.2.2 A dimensão pedagógica dos Movimentos Sociais

Educação é um processo amplo de formação e, portanto, não se limita ao espaço formal escolar. Para Miguel Arroyo (2003, p. 31), esse processo não pode ser separado da “produção mais básica da existência, do trabalho, das lutas condições materiais de moradia, saúde, terra, transporte, por tempos e espaços de cuidado, de alimentação, de segurança”. Nesse sentido, é possível afirmar que espaços como movimentos sociais promovem produção de conhecimentos e aprendizagens.

Há, então, um processo educativo na participação em lutas sociais, tanto para os componentes dos movimentos quanto para a sociedade em geral. Ainda, os saberes que emergem dessa importante fonte que são os movimentos sociais possuem caráter político-social e não insurgem por meio de um processo isolado. Dessa forma, para compreender esse conhecimento é imprescindível olhar para as articulações cotidianas enredadas na prática por esses movimentos, bem como situar essas articulações na conjuntura socioeconômica, política e cultural no qual estão imersos. Assim entenderemos os fatores que produzem valores, conhecimentos e aprendizagens (GOHN, 2011).

Arroyo (2003) destaca que o papel pedagógico dos movimentos se dá a partir das lutas por humanização; pela humanização das suas condições de vida. O processo educativo ocorre menos via discurso conscientizador e mais via mobilização pela sobrevivência e pela inclusão, que adquire a centralidade da formação. A luta pela vida educa e, nesse processo, os sujeitos em movimento se formam continuamente.

De fato, a Educação Popular já aborda desde os anos 1960 a importância de aprender com os movimentos sociais e focar nos sujeitos sociais em formação. O próprio Paulo Freire construiu sua práxis educativa a partir dos movimentos camponeses, culturais, de libertação dos povos do sul global, dentre outros. Em sua pedagogia do oprimido (FREIRE, 2005), desloca a atenção pedagógica dos métodos, dos objetos, dos conteúdos e das instituições, para os sujeitos. Ensina-nos que os esfarrapados do mundo são sim sujeitos de educação e produção de conhecimentos. Sujeitos sociais em formação. Pedagogia em movimento (ARROYO, 2003).

Nessa direção, Roseli Caldart (2001) estuda o movimento social como princípio educativo a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da formação dos sem-terra. Ora, o MST é um movimento que coloca em xeque o modo de ser da sociedade capitalista atual e sua cultura. E não sabemos disso apenas por suas falas públicas, mas por

todo um conjunto do que fazem na educação de suas crianças, jovens e adultos, nos seus assentamentos, ocupações, marchas etc. Por mais contradições que possam apresentar, o movimento desses sujeitos representa um processo de humanização. Caldart (2001, p. 212) continua:

Afirmo, então, que este processo também pode ser interpretado como um processo de formação humana, e mesmo como a materialização de um determinado modo de produção da formação humana, cuja matriz é o próprio Movimento como sujeito e princípio educativo. Isto porque, se fazemos o esforço de buscar compreender o sentido mais profundo da experiência humana de ser Sem Terra, ou ser do MST, nos encontramos com um movimento pedagógico de formação de sujeitos sociais e de seres humanos, que nos remete às questões de origem da própria reflexão pedagógica, ou da reflexão da educação como formação humana: como nos humanizamos, ou nos formamos como humanos? Como se educa uma pessoa para que se desenvolva em sua condição humana? Quais os valores que movem nossa intencionalidade educativa? Para que postura diante da sociedade nossa prática tem educado?

Reafirmo então que há uma pedagogia nos movimentos sociais e que essas lutas educam. Adiciono que, ao passo que os sujeitos em movimento o transformam em parte da história, a luta é ainda mais educativa e, corroborando com Caldart (2001), tem um maior peso formador.

Conforme discutido por Gohn (2011, p. 352), “o aprendizado ocorre quando as informações fazem sentido para os indivíduos inseridos em um dado contexto social”. Nessa linha, há múltiplas aprendizagens possíveis dentro de um movimento social: aprendizagem prática, por exemplo, sobre como se organizar e se unir; aprendizagem teórica; técnica instrumental; política; cultural; linguística; sobre economia; simbólica, como quais as representações sobre eles mesmo que existem; social; cognitiva; reflexiva; ética; dentre outras. No caso dos componentes do MST, esse aprendizado e essa educação ocorrem à medida que seus sujeitos participam das lutas pela terra e outras lutas sociais integradas à agenda do movimento. Ocorre também à medida que eles trabalham – trabalho como formador, e não como deformador (ARROYO, 2003).

Paulo Freire e Adriano Nogueira (1993) concluem que os movimentos populares funcionam como uma escola: é um processo educativo no qual pessoas aprendem e exercitam os saberes aprendidos. Ainda, é uma escola que rompe com a noção tradicional de educação enquanto transmissão de conhecimentos ao convidar todos e todas a somarem esforços para resolver dificuldade. E assim os movimentos sociais formam pessoas de diversos lugares.

Destaco, finalmente, que a discussão sobre movimentos sociais é fundamental para a EABC, já que esta corrente se encharca da sabedoria dos territórios populares e acredita que a

EA precisa ser construída com a comunidade e para a comunidade. Por esse motivo, busquei articular o campo da EA com o Movimento Social, relacionando a EABC com um conjunto de sujeitos oprimidos, esperançosos e *em movimento*.

CAPÍTULO III – CAMINHOS METODOLÓGICOS E SUAS SINUOSIDADES

Esta é uma pesquisa qualitativa e de caráter militante, construída a partir da abordagem Investigação Ação-Participante (IAP). O objetivo central é investigar as experiências de vida, saberes, práticas e cotidianos de integrantes do Mulheres do Salgueiro em busca de elementos que subsidiem a construção e a sistematização de uma Educação Ambiental de Base Comunitária a partir de sua práxis.

Numa pesquisa militante, busca-se unir a reflexão crítica e teórica à práxis das lutas sociais, articulando pesquisadores, Universidade, comunidades e movimentos sociais numa perspectiva dialógica para construir saberes e fortalecer o protagonismo popular (BRINGEL; VARELLA, 2016). Nesse sentido, as Mulheres do Salgueiro são participantes ativas na produção de conhecimento. São parceiras da pesquisa, e não objetos. Cabe dizer, portanto, que todo o processo de pesquisa vem sendo elaborado e discutido junto à membros da organização Mulheres do Salgueiro, incluindo o desenho do trabalho e a metodologia.

Adicionalmente, na construção dessa metodologia, considerei a IAP. Este método pressupõe o retorno sistemático das informações para a comunidade e a produção de uma proposta formativa contextualizada à realidade daquelas pessoas, valorizando suas histórias de vida, desejos e necessidade, identificadas através de observação, conversas, entrevistas e imersão naquele cotidiano. Ademais, a IAP preza pelo pluralismo epistemológico e epistêmico, visando superar a colonialidade do saber e considerar os saberes populares. Ainda, tem-se a aproximação entre o investigador e a realidade social a partir do diálogo. Por fim, as ações não podem ser impostas à comunidade, mas devem partir de suas histórias, desejos e necessidades (ORTIZ; BORJAS, 2008).

A partir dessas considerações, destrincharei o caminho de investigação que percorri em duas etapas: a primeira, de trabalho de campo e coleta de dados; e a segunda, de análise do material coletado no campo.

3.1 - TRABALHO DE CAMPO E COLETA DE DADOS

3.1.1 - Sobre a entrada no campo e o estabelecimento de uma comunidade de prática

Minha inserção no campo se deu por meio da proximidade com Janete Guilherme, que é membro fundadora do Mulheres do Salgueiro, e Francine Pinhão, que é professora da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).

Num primeiro momento, para estabelecer contato direto e ativo com as Mulheres do Salgueiro, me inseri no projeto de extensão universitária “A construção de comunidades de prática no contexto de formação de professores de Ciências e Biologia de São Gonçalo” (ALMEIDA, 2019), coordenado pela professora Amanda Lima, da FFP/UERJ e dos quais fazem parte o Empreendimento Solidário Mulheres do Salgueiro, a UNIRIO e a própria FFP/UERJ. Esse projeto foi e é fundamental para a aproximação entre a universidade e o coletivo Mulheres do Salgueiro, bem como para o estabelecimento do meu contato com essas mulheres. Inclusive, o desenho da pesquisa e especialmente da metodologia foi elaborado conjuntamente com as Mulheres do Salgueiro e demais membros da comunidade de prática estabelecida pelo projeto de extensão.

Comunidade de Prática é um termo elaborado por Jean Lave e Etienne Wenger (1991), que, ao observarem os processos de aprendizagem em diferentes grupos, como artesãos e parteiras, elaboraram uma teoria da aprendizagem que coloca este processo não apenas como uma questão cognitiva, mas também afetiva e social. No centro dessa teoria está a ideia de comunidade³² como base da nossa vida social e nosso principal contexto de referência. Nesse sentido, os autores abordam o conceito “comunidade de prática” enfatizando a partilha dos sentidos das experiências cotidianas, isto é, das práticas ao longo do tempo, além da ligação da prática com seus agentes e o mundo com as ações e os conhecimentos.

Wenger (1998) identifica três dimensões interdependentes que caracterizam uma comunidade de prática, a saber: compromisso mútuo, iniciativa conjunta e desenvolvimento de um repertório compartilhado. A primeira dimensão, do compromisso mútuo, implica que todos os participantes da comunidade de prática precisam se comprometer com as ações, práticas e processos. A comunidade não seria então um mero agregado de pessoas, mas sim

³² Comunidade pode ser definida como um conjunto de pessoas numa certa área que interagem e compartilham entre si obrigações, experiências e formas de vida (ILLERA, 2007).

composta por membros comprometidos com o grupo. Já a segunda dimensão, a da iniciativa conjunta, estabelece que as respostas que a comunidade dará aos dilemas e condições enfrentadas será conjunta. A prática é compartilhada e moldada pelas demandas, recursos e condições, e de acordo com as constantes negociações de sentidos feitas dentro da comunidade. Quanto à terceira dimensão, desenvolvimento de um repertório compartilhado, Wenger (1998) afirma que para caminhar sempre junta, a comunidade de prática acaba produzindo ou adotando ao longo de sua história uma série de rotinas, palavras, ferramentas, protocolos, gestos, símbolos, ações, histórias e conceitos. Todo esse repertório se torna parte de sua prática e esta deve ser entendida junto a seu tempo. Isso porque as práticas não são estáveis. Elas vão evoluindo, se desenvolvendo e mudando com o tempo. Até descontinuidades podem acontecer.

Dessa forma, enquanto participante da comunidade de prática estabelecida entre Mulheres do Salgueiro, UERJ e UNIRIO, participei de reuniões, oficinas e rodas de conversa, o que também me possibilitou conversas informais. Tudo foi registrado num diário de campo.

A abordagem da Comunidade de Prática enquanto uma metodologia foi um caminho importante para a inserção no Complexo do Salgueiro e para a aproximação com as minhas parceiras de pesquisa.

3.1.2 Sobre uma coleta de dados levada na conversa

Num segundo momento, que foi realizado durante a pandemia do novo coronavírus, fiz duas rodas de conversa com cinco membros do Mulheres do Salgueiro; cinco mulheres que seguiram com as atividades presenciais no empreendimento. O áudio das rodas foi gravado para posterior análise. O método foi escolhido de forma a não atrapalhar a rotina de trabalho das Mulheres e a captar o que havia de mais intempestivo em suas memórias e pensamentos. As rodas seguiram o protocolo de distanciamento social de pelo menos 1 m, uso de máscaras e disponibilização de álcool em gel. As cinco militantes em questão moram no Complexo do Salgueiro.

A primeira roda de conversa foi realizada no dia 25 de setembro de 2020, com duração de três horas, e com o seguinte planejamento:

- 1) apresentação do projeto de pesquisa;

2) abertura da conversa com uma fala sobre a possibilidade de uma EA a partir do chão do Salgueiro e das histórias de vida e saberes das Mulheres do Salgueiro;

3) rodada de apresentação individual com dados como nome, há quanto tempo está no Mulheres do Salgueiro, e o que o Salgueiro e o Mulheres do Salgueiro representam para cada uma delas;

4) perguntas suleadoras, a saber: qual o objetivo do Mulheres do Salgueiro e de cada uma de vocês? Por que estão no Mulheres do Salgueiro e porque ficam nele? Como acham que o trabalho de vocês muda a relação de vocês com o meio ambiente? Como vocês aprenderam e aprendem o trabalho de vocês? Quem lhes ensinou sobre costura e reciclagem? Como vocês foram se envolvendo com isso?

5) dinâmica de exploração das memórias bioculturais³³;

6) registro livre e pessoal que sintetizasse a experiência da roda de conversa.

Acerca da dinâmica 5, esta foi realizada a partir do princípio de que nos fazemos humanos a partir do nosso contato com o meio ambiente e consistiu em uma meditação que estimulasse a lembrança de um som, um cheiro e uma textura, seguida do compartilhamento das memórias suscitadas a partir das lembranças sensórias³⁴.

A segunda roda de conversa foi realizada nos dias 02 e 09 de outubro de 2020, com duração aproximada de duas horas e meia por dia, e teve como tema a Educação Ambiental e o território gonçalense. O ponto de partida da conversa foram as seguintes indagações:

- Quem somos?
- De onde viemos?
- Para onde vamos?
- O que entendemos como Educação Ambiental?
- O que São Gonçalo e o Salgueiro são para nós?

Em seguida, com o auxílio de uma apresentação de *slides*, introduzi as macrotendências da Educação Ambiental, apresentei o GEASur e abordei a noção de Educação Ambiental de Base Comunitária que desenvolvemos. Depois, discutimos a história

³³ Memórias bioculturais são um produto da relação entre a cultura e o meio ambiente. Elas revelam as relações entre cultura e natureza. (RENAUD CAMARGO, 2017)

³⁴ Aprendi essa dinâmica numa aula da disciplina “Temas em Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologia”, ofertada pelo PPGEdU/UNIRIO para a turma de mestrado em 2019 e ministrada pela professora Adrianne Ogêda. Na aula em questão, a professora fez essa dinâmica.

de São Gonçalo, utilizando mapas como recurso para contar a história do município, a relação com a região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, a divisão geopolítica dos bairros e distritos gonçalenses, o uso e a cobertura do solo e as bacias hidrográficas presentes na região. Para a discussão, também levei manchetes de jornal envolvendo o município e fotografias da região tiradas pelo fotógrafo Rafa Corrêa³⁵, que o mesmo disponibiliza publicamente via redes sociais. Ao final da roda, começamos a elaboração de um mapa participativo utilizando a ferramenta Google Earth, de modo a trabalhar as apreensões do território realizadas pelas seis militantes do Mulheres do Salgueiro.

O mapeamento participativo é uma estratégia muito utilizada em experiências de gestão coletiva e comunitária de Unidades de Conservação, dada sua utilidade em mobilizar a população local e gerar debates. Em linhas gerais, consiste na elaboração de um mapa com pontos importantes apontados e discutidos em conjunto pelos participantes, reconhecendo assim o conhecimento espacial e ambiental da comunidade (ACSELRAD; COLI, 2008). O objetivo desta atividade é compreender e refletir sobre as percepções que um grupo tem sobre o território em questão. Entende-se território a partir das obras de Milton Santos, que indicam a necessidade de considerar o território a partir do seu uso e em conjunto com quem o utiliza (SAQUET; SILVA, 2008).

A partir da elaboração do mapa, iniciamos uma discussão orientada pelas seguintes expressões: “O que existe neste ponto?”, “O que mais podemos ver?”, “Como?”, “Quando?”, “Onde?”, “Para quê?”, “Por quê?”, “Quanto?” e “Sempre foi assim?”. Dessa forma, foi possível debater os usos e conhecimentos que as seis moradoras e militantes possuem sobre o território do Complexo do Salgueiro.

Abaixo, uma breve apresentação de cada uma das voluntárias³⁶ dessa pesquisa.

- Colaboradora I:

Teresa tem 36 anos, é mãe de quatro filhos e avó de um neto. Tem ensino fundamental completo e sonha em voltar a estudar. Mora no Salgueiro desde os 19 anos e entrou no coletivo Mulheres do Salgueiro em 2014 (ou 2015, ela não sabe ao certo...). Conheceu o coletivo por meio dos cursos de corte e costura oferecidos pelo mesmo. Em suas palavras, “Mulheres do Salgueiro, para mim, representa tudo. Antes de eu vir para cá, minha vida era

³⁵ Confira seu trabalho em: <https://www.instagram.com/rafacorreafoto/>.

³⁶ Conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido descrito no Anexo desta dissertação e assinado pelas voluntárias, o nome de todas elas foi substituído por um nome fictício.

parada, minha mente era parada. Depois que eu vim para cá, minha mente abriu, o horizonte abriu.”

- Colaboradora II:

Janaína tem 56 anos, é mãe de dois filhos, avó de cinco netos e bisavó de um bisneto. Tem ensino médio completo e faculdade de teologia incompleta. Sonha em ter um diploma de faculdade. Mora no Salgueiro desde que nasceu. Inclusive, Janaína nasceu em casa e segue morando no mesmo quintal. Ela entrou no Mulheres do Salgueiro no final de 2013, após fazer um curso de costura com elas. Nas palavras dela,

Vim pr'aqui numa época em que estava muito complicada na minha vida, eu tinha acabado de perder minha mãe. Estava muito deprimida e o Mulheres do Salgueiro foi muito bom, porque aí eu consegui distrair, espairar, dar um novo sentido à vida, não esquecendo o que tinha acontecido, mas dando um novo sentido.

- Colaboradora III:

Rita tem 46 anos, dois filhos e três netos. Tem ensino médio completo. Nasceu no Salgueiro, em casa, pelas mãos de uma parteira, e está no Mulheres desde que participou de uma oficina de costura, em 2011. Hoje é responsável pela contabilidade do grupo. Ela diz: “Descobrir a ONG foi bem interessante na minha vida porque eu realmente nunca tinha trabalhado fora, mas quando cheguei em 2011 os meus filhos tinham acabado de se casar... Num momento de vazio, acabei preenchendo com o Mulheres do Salgueiro”.

- Colaboradora IV:

Mariana, 46 anos, dois filhos e seis netos, nasceu na Paraíba e veio para o Rio de Janeiro com três anos de idade. Mudou-se para o Salgueiro após casar-se, aos “vinte e tantos anos”. Não se lembra exatamente quando entrou no Mulheres do Salgueiro, mas o conheceu por meio de um projeto parceiro que ocorreu na sede do Mulheres. Num momento de desemprego, recebeu a oportunidade de trabalhar como agente comunitário junto à ONG e desde então faz parte do coletivo.

- Colaboradora V:

Isabela tem um filho e é pedagoga. Não quis revelar sua idade. Nascida em São Gonçalo, mora em Santa Izabel, mas trabalha no Salgueiro. Ela é uma das fundadoras do Mulheres do Salgueiro e sua história com o Complexo é anterior a esse marco, já que ela

atuava no coletivo de teatro Periferia em Ação. Ela define o Mulheres do Salgueiro como “luta de classe” e “desenvolvimento social”.

3.2 - TRATAMENTO E ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO

Esta foi uma investigação hermenêutica, tendo como material base os áudios transcritos das rodas de conversa realizadas com as voluntárias e os desenhos e mapa por elas elaborados como parte das atividades descritas anteriormente. Para tratar os dados, além dos princípios da hermenêutica, me vali de noções da Análise Temática. É preciso destacar que esta metodologia não foi definida *a priori*, mas sim ao longo do processo analítico. Cabe também dizer que este foi uma jornada de autoconhecimento e confronto com noções prévias de Ciência. Adiante, relatarei brevemente a sinuosa metodologia de análise.

Para examinar todo o material coletado junto às Mulheres do Salgueiro e conseguir responder à pergunta do meu trabalho de dissertação, lancei mão da hermenêutica. Lawrence K. Schmidt (2012, n.p.) diria que a “hermenêutica é a arte da compreensão”, ou seja, trata-se de compreender a linguagem oral e escrita, assim como o próprio enunciador da linguagem. A hermenêutica implica em se conectar com o outro, com a natureza, com o mundo, com o contexto e até consigo mesmo. Nesse método, o pesquisador e a pesquisa são intermediadores e intérpretes do real.

Trata-se, portanto, de um grande choque com a minha bagagem adquirida nas Ciências Naturais. Ao longo de nove anos trabalhando com Parasitologia, Biologia Molecular e Genômica Evolutiva, lidei com um método científico fundado nos critérios de neutralidade, distanciamento do pesquisador e seu objeto/sujeito de pesquisa, objetividade e reprodutibilidade. No item “Materiais e Métodos” de um trabalho publicado por um certo grupo em certa parte do mundo, eu deveria ser capaz de ler o passo-a-passo e chegar ao mesmo resultado experimental (ou a um resultado diferente, o que levaria a um debate acerca das falhas naquela determinada hipótese).

Todavia, nas Ciências Sociais, as coisas não funcionam da mesma forma. De fato,

Nas ciências humanas não é permitido tomar distância em relação ao seu objeto, como exige o método das ciências naturais. A objetividade, a neutralidade e o distanciamento do sujeito em relação a seu objeto, pretensão das ciências naturais, torna-se alienação se aplicados no estudo dos fenômenos humanos. O distanciamento não permitiria conhecer o objeto em toda a sua riqueza, no seu contexto histórico. A razão é que o cientista dos fatos culturais, pertencendo tanto ele como seu objeto estudado a uma determinada tradição, só terá acesso adequado a

seu objeto, se dele não se afastar, se permanecer dentro desse universo em estudo. Se nosso pesquisador, neste trabalho, tomasse uma atitude de distanciamento, estaria ele falsificando seu estudo. Para Gadamer (1997), seria um distanciamento alienante, pois haveria um rompimento da relação primordial de pertença, sem a qual não se respeitaria a relação do histórico enquanto tal. A exigência de objetividade e de neutralidade isolam as variáveis estudadas de seu contexto histórico, provocando uma atitude de distanciamento do sujeito em relação a seu objeto estudado. No estudo das ciências humanas é muito difícil separar o sujeito de seu objeto pesquisado. É próprio das ciências humanas essa íntima ligação entre sujeito e objeto. (GHEDIN, 2004, p.8)

A partir do trecho acima, tem-se a possibilidade de buscar a totalidade e ser sensível a alteridade dos sujeitos e contextos sem, no entanto, precisar esquecer de mim mesma e ser neutra. É possível chegar à objetividade por meio da subjetividade. E para tal, me inspirei em algumas noções da Análise Temática (AT).

A AT é uma forma de análise interpretativa que consiste na busca de padrão de significados num banco de dados. Apresenta as vantagens de ser um método flexível, acessível para pesquisadores com pouca experiência em pesquisa qualitativa, acessível ao entendimento do público geral, útil para pesquisa nas quais os voluntários também são colaboradores da análise, permite elencar aspectos-chave mesmo com um grande volume de dados, pode gerar insights não previstos pelo pesquisador (SOUZA, 2019).

Dessa forma, eis as fases da presente análise:

- Fase 1: Familiarização com os dados

Os áudios transcritos e imagens produzidas nas rodas de conversa foram organizados num único documento e lidos exaustivamente. Foram feitas constantes anotações de reflexões, de pontos importantes e de articulações com a revisão bibliográfica realizada e com notas do meu diário de campo. As conversas com meu orientador também foram essenciais.

- Fase 2: Gerando códigos iniciais

A partir da Fase 1, organizei os dados por assuntos que emergiram nas rodas de conversa. Embora eu tenha elaborado perguntas-motoras previamente, a roda foi muito além delas e as próprias voluntárias também fizeram perguntas e comentários uma para a outra – o que, de fato, era a intenção ao usar tal metodologia. Dessa forma, ao abraçar o intempestivo, não seria possível definir categorias *a priori*; mas sim determiná-las posteriormente, a partir das falas de cada mulher combinadas com meu esforço de pesquisadora.

- Fase 3: Buscando temas

A partir do elenco de assuntos identificados, classifiquei-os em temas. Cada tema foi combinado em temas mais abrangentes, que identifiquei como questões importantes. A cada um dos assuntos, associei seu respectivo compilado de extratos de áudio e imagens relacionados. Cabe mencionar que alguns extratos embasaram mais de um assunto, assim como um assunto também foi classificado em mais de um tema.

Os assuntos listados foram:

- O que o Mulheres do Salgueiro representa:
 - Expansão de horizontes
 - Reorganização da vida
 - Preenchimento do tempo
 - Acolhimento
 - Trabalho e Formação
 - Objetivos do Mulheres do Salgueiro:
 - Objetivos ligados a Trabalho
 - Objetivos ligados a Acolhimento
 - Objetivos ligados ao reaproveitamento de resíduos sólidos
 - Aprendizado a partir da integração entre prática e teoria e a partir da observação cotidiana.
 - Como aprendemos a costurar:
 - Sozinhas
 - Em cursos externos
 - Em cursos e cotidianos do Mulheres do Salgueiro
 - Com a família.
 - Importância do trabalho na organização da vida
 - O local da Universidade
 - Mulheres como espaço de formação e certificação
 - Importância da memória afetiva: natureza + família
 - O que é Educação e o adjetivo "Ambiental"?
 - Percepção de meio ambiente
 - Percepção de território
-
- Fase 4: Revisando os temas

Nessa fase, filtrei e refinei os temas e questões elaborados na fase anterior, conforme apresentado na Tabela 3.1. Ao analisar a tabela, é importante perceber que há assuntos incluídos em mais de um tema. Isso ocorre pois os temas não são excludentes, mas fortemente conectados.

Tabela 3.1 - Questões, temas e assuntos elaborados a partir dos dados coletados nas rodas de conversa com as colaboradoras da pesquisa.

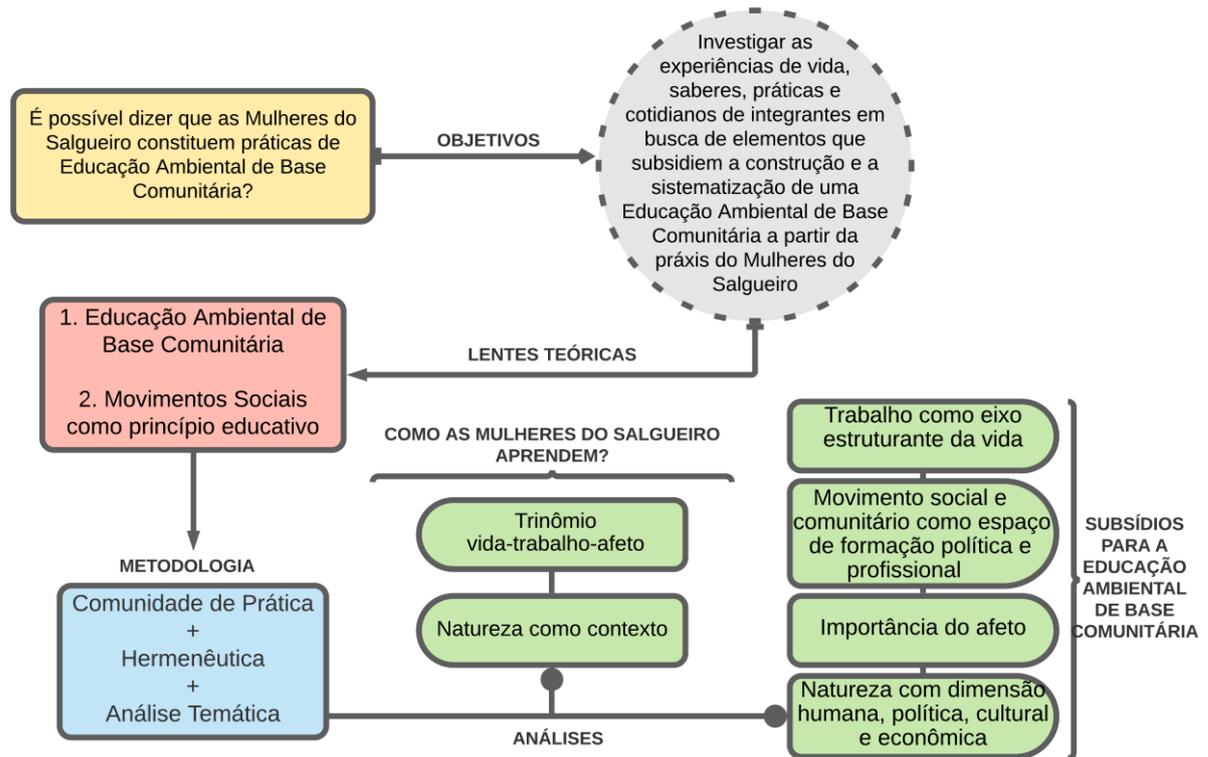
Questões	Como as Mulheres do Salgueiro aprendem		Subsídios para a EABC			
Temas	MS aprendem por meio do trinômio vida-trabalho-afeto	Natureza como contexto	Trabalho como eixo estruturante da vida	Movimento social e comunitário como espaço de formação política e profissional	Importância do afeto	Natureza com dimensão humana, política, cultural e econômica
Assuntos	MS como espaço de formação e certificação	MS tem objetivos ligados ao reaproveitamento de resíduos sólidos	MS como espaço de formação e certificação	MS como espaço de formação e certificação	MS tem objetivos ligados a Acolhimento	MS tem objetivos ligados ao reaproveitamento de resíduos sólidos
	Importância do trabalho na organização da vida	Importância da memória afetiva: natureza + família	Importância do trabalho na organização da vida	MS tem objetivos ligados a trabalho	Acolhimento	Importância da memória afetiva: natureza + família
	Como aprendem a costurar	Percepção de meio ambiente	MS tem objetivos ligados a trabalho	Como aprendem a costurar	Importância da memória afetiva: natureza + família	Percepção de meio ambiente
	Aprendizado a partir da integração entre prática e teoria e a partir da observação cotidiana	Percepção de território	Trabalho e Formação	Trabalho e Formação		Percepção de território
	MS tem objetivos ligados a acolhimento					
	MS tem objetivos ligados a trabalho					
	Trabalho e Formação					
	Acolhimento					
	Reorganização da vida					
Preenchimento do tempo						
Expansão de horizontes						

Fonte: A autora.

- Fase 5: Definindo e nomeando os temas

Aqui, foram feitas análises detalhadas de cada tema, identificando a essência de cada um e associando com os extratos de áudio e imagens. A partir da definição e nomeação final dos temas, elaborei o mapa mental da presente pesquisa, conforme Figura 7.

Figura 7 – Mapa mental sobre a dissertação “Mulheres do Salgueiro: construindo uma Educação Ambiental desde o chão das periferias”.



Fonte: A autora.

- Fase 6: Produzindo o relatório

Finalmente, a última fase consistiu na análise final e escrita do capítulo IV, de forma a narrar a história dos dados e da investigação.

Destaco que todas as fases envolveram extensas conversas com meu orientador Celso Sánchez. Ainda, foi um intenso vai-e-vem ao banco de dados, aos trechos codificados e à análise dos dados para enfim produzir essa escrita.

CAPÍTULO IV – UMA ANÁLISE SOBRE A PEDAGOGIA DAS MULHERES DO SALGUEIRO

“Há uma Educação Ambiental emergente a partir das periferias gonçalenses!”, bradei aos quatro ventos ao chegar ao fim da trilha. Após um longo caminho, ora ensolarado e ameno, ora nublado com tempestades, enfim chegamos ao topo da montanha. Método significa caminho. E o caminho se fez ao caminhar. Golpe a golpe. Verso a verso.

Após o relatado nos capítulos anteriores, nos aproximamos de algumas elaborações. Sistematizei pontos importantes da pedagogia do Mulheres do Salgueiro e encontrei subsídios para uma Educação Ambiental de Base Comunitária a partir da práxis do grupo. Sim, é real. Estamos construindo juntos uma EABC desde o chão de uma periferia de São Gonçalo. Favela e Universidade. Para o campo da Educação Ambiental e para o GEASur, tal feito é muito agregador, pois fundamentamos a EABC na prática; temos um exemplo prático de como ela ocorre dentro de um contexto de favela. Para as Mulheres do Salgueiro, temos uma ferramenta importante para a luta em diversos níveis e uma base para futuros cursos e materiais pedagógicos. Já para mim, a interlocutora que vos fala, mal posso mensurar o quanto esse processo me transformou.

A partir daqui, detalharei então uma análise da pedagogia das Mulheres do Salgueiro, dividida em dois pontos principais: (1) como as Mulheres do Salgueiro aprendem e (2) quais os subsídios para a construção e sistematização de uma EABC.

Sigamos.

4.1 - COMO AS MULHERES DO SALGUEIRO APRENDEM?

Identifico que as Mulheres do Salgueiro aprendem por meio do trinômio vida-trabalho-afeto. Na práxis delas, um termo não existe sem o outro. Como contexto desse trinômio está a natureza, percebida como algo vital e indissociável do ser humano, e o território. Ou seja, vida-trabalho-afeto é territorializado e contextualizado na natureza.

4.1.1 Vida-trabalho-afeto como princípio educativo das Mulheres do Salgueiro

A elaboração desse trinômio se deu a partir da constatação da importância do cotidiano vivido, do trabalho e do afeto no aprendizado dessas mulheres; além da verificação do quão permeável esses conceitos são para elas. De fato, é impossível, na prática, dizer onde acaba um termo e onde começa o outro. Os limites se misturam. Um ocorre dentro do outro.

Nas nossas rodas de conversa, essa intensa ligação entre vida, trabalho e afeto ficou muito explícito quando elas conversavam sobre o que o Mulheres do Salgueiro representa para elas. Janaína, por exemplo, falou:

Vim pr'aqui numa época em que estava muito complicada na minha vida, eu tinha acabado de perder minha mãe. Estava muito deprimida e o Mulheres do Salgueiro foi muito bom, porque aí eu consegui distrair, espairer, dar um novo sentido à vida, não esquecendo o que tinha acontecido, mas dando um novo sentido. E aqui também a gente consegue até esquecer um pouco os nossos problemas, porque aparece tanta gente, pessoas às vezes com problemas iguais aos seus, ou menor, ou maior.

A fala de Janaína retrata a importância do movimento Mulheres do Salgueiro enquanto um espaço de reorganização da vida, de preenchimento do tempo e de expansão de sentidos, horizontes e utopias. O movimento comunitário ressignificou sua vida. Na mesma linha, Rita comentou que “quando cheguei em 2011 os meus filhos tinham acabado de se casar... Num momento de vazio acabei preenchendo com o Mulheres do Salgueiro”.

As duas falas anteriores trazem também a importância do acolhimento que tiveram no Mulheres do Salgueiro. Sobre esse caráter, fica mais evidente ao ouvirmos de Mariana as seguintes palavras: “Tem a Janete que está aí como uma mãezona para todo mundo e para mim foi um tempo que mudou... Uma oportunidade que eu tive de crescer, crescer um pouco, tem mais pra crescer, aprender, é isso... Eu sou alegre de conhecer vocês.”. De fato, em meu diário de campo eu já havia anotado a relevância do acolhimento para elas.

A senhora moradora que ouviu falar da oficina [de percussão, realizada na sede do Mulheres do Salgueiro] e resolveu ir conhecer tinha perdido a irmã há um tempo e estava depressiva desde então. Mas ela sempre foi muito animada. Quando soube da oficina, resolveu ir pra tentar se reerguer. No final da oficina ela compartilhou isso com a gente e agradeceu, dizendo que fazia muito tempo que ela não sorria. Tem noção??? Todos nós ficamos muito emocionadas e tocadas. Momentos como esse fazem tudo valer à pena, sabe. Nós a escutamos e a acolhemos. Isso fez bem a ela e a nós. Criou um vínculo. (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 22 nov. 2019)

As falas e relatos mencionados acima evidenciam o quanto o amor, o afeto e o acolhimento são centrais na nossa vida e no nosso corpo. O amor cura, fortalece a nossa saúde mental e nos aproxima de nós mesmos e dos outros. Paulo Freire o coloca, inclusive, como

algo indispensável à prática educativa. Em uma célebre citação, afirma que “Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. [...] Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita” (1979, p. 15).

Além de ser um espaço de afeto e de ressignificação de sentidos de vida, o Mulheres do Salgueiro também representa trabalho e formação. Essa formação é não apenas técnica, mas também humana. Seguem alguns trechos de interesse:

Aqui a gente acaba aprendendo tanto e acaba também ensinando. A gente tem uma troca de saberes e está pronta cada dia para um desafio, a gente sabe quando vai chegar aqui, mas não sabe como vai sair. Todo dia um desafio, não tem uma rotina... [...] Ensina as meninas a usar a máquina industrial, que foi a necessidade que surgiu no comecinho [...] Então a gente transforma uma calça em bolsa... Às vezes é tão cotidiano que a gente faz sem sentir e acaba fazendo essa parte de sustentabilidade muito natural [...]. (RITA)

Aqui a gente é tudo: aluno, professor, psicólogo, a gente acaba ajudando um monte de gente. Faço parte do Mulheres do Salgueiro e gosto muito. Tento contribuir naquilo que eu posso... (JANAÍNA)

A gente não quer formar só pessoas que saibam cortar e costurar. A gente quer ir além, falar de empoderamento. A gente vai conversando, cortando e costurando. Quando você vai falar sobre direitos às vezes tem uma certa estranheza, a gente vai conversando devagarinho. (ISABELA)

Nas falas acima, as mulheres deixam claro que não realizam uma atividade laboral alienada. Não se trata de uma mera venda de sua mão-de-obra. Em suas costuras, elas não só tecem vestidos, bolsas e outros itens, como também produzem humanidade. No Mulheres do Salgueiro, em meio a linhas e agulhas, elas aprendem e ensinam; se emancipam e se formam; tudo em comunhão.

A tese de que as Mulheres do Salgueiro aprendem em meio à vida e ao trabalho no movimento comunitário encontra apoio na literatura também. Lave e Wenger (1991), por exemplo, em sua teoria social de aprendizagem, destaca a interligação dos conceitos aprendizagem, prática, comunidade, contexto e mundo do trabalho. Ao observar a aprendizagem de ofícios em diversos grupos, como artesãos e parteiras, observaram a importância da integração entre prática e agente, entre mundo e ação. O autor conclui que a aprendizagem se dá em meio a práticas socioculturais, ao longo do curso da vida e a partir das organizações de produção desenvolvidas; juntando novatos e veteranos; atividades, identidades e artefatos; comunidade de conhecimento e prática.

Para a EABC é fundamental levar em consideração tanto as questões dos vínculos quanto as da dimensão do trabalho e sua centralidade na vida das mulheres. Sobre esse último, penso que são necessários futuros trabalhos aprofundando o tema e acredito que a perspectiva marxista poderá ser útil. Entretanto, para o campo da EABC ficou explícito que o trabalho ocupa um papel constitutivo na vida dessas mulheres e por isso “vida-trabalho” aparece como um binômio, acrescido do afeto que as une e que as estimula a prosseguir. Dessa forma, o afeto é também uma dimensão fundamental na construção das ações pedagógicas e do que fazer dessas mulheres.

4.1.2 A relação com a natureza como contexto de vida-trabalho-afeto

Uma parte importante de como as Mulheres do Salgueiro aprendem é natureza, que assinalo como contexto pedagógico. É na relação ambiental que se situa o trinômio vida-trabalho-afeto. Penso isso primeiramente por notar que questões ambientais, como reaproveitamento de resíduos sólidos, descarte de lixo, agricultura urbana, jardinagem e poluição de rios, são temas que direcionam seus objetivos enquanto coletivo. Em segundo lugar, nos relatos de memórias afetivas, a natureza sempre está presente. Além disso, à medida que elas seguem no movimento social – vivendo, trabalhando e se relacionando –, suas percepções de meio ambiente e de território evoluem.

"Inclusive foi o que me motivou a vir aqui. Eu vi no posto um cartaz “curso de costura com reaproveitamento”. Aí eu falei “Reaproveitamento?” Eu costuro há 34 anos e sempre comprei tecido, ficou ruim você joga fora. Aquilo me chamou atenção, foi na época da ECOMODA, né? O Almir trabalha com essa parte assim... Aí sentava com aquele saco de retalho e aí saía uma roupa... E eu fiquei “Gente, como isso? Um negócio que a gente joga fora?” e foi fazendo... Foi o que me motivou a vir aqui, o que chamou a atenção, o reaproveitamento. Até então para mim era novidade, sempre trabalhei com tecido novo. Achei muito interessante. E você passa a ter um outro olhar para as coisas, que é lixo, vai jogar fora... Caixa de leite... Teve um dia que nós fomos ao Rio e eu não tinha uma bolsa. Aí [um dia antes] eu fiz um macacão para eu ir, peguei o retalho do macacão, peguei a caixa de leite e fiz a bolsa... E fui com a bolsa e o macacão." (JANAÍNA)

O relato de Janaína exemplifica um dos objetivos do Mulheres do Salgueiro, que é o reaproveitamento de resíduos sólidos na costura, e como tal fato modifica sua visão sobre o descarte de lixo. A possibilidade de utilizar na costura retalhos e materiais que outrora iriam para o lixo foi o que a atraiu para o coletivo. Esse estalar, a partir de uma questão ambiental, foi o início de um processo de conscientização, reflexão e ação que sucede até hoje.

Essa observação se alinha ao extrato do meu diário de campo:

Todas elas têm plantas em casa e gostam de cuidar... Fui na casa da Mariana outro dia e ela foi me mostrando com muita satisfação todas as plantas que ela tinha, quais já tinham dado frutos, quais usava para fazer chá... A Janete falou também esses dias que, nesse momento de pandemia, cuidar das plantas tem sido algo terapêutico. Esse contato com as plantas é realmente muito importante e pode gerar muitos debates sobre saúde até... É bem o que aprendemos no terreiro: kò sí ewé, kò sí òrìsà. Sem folha, sem orixá. Sem folha, sem vida. (DIÁRIO DE CAMPO DA AUTORA, 10 dez. 2020)

Estabelecer que as Mulheres do Salgueiro aprendem por meio do trinômio vida-trabalho-afeto contextualizado na natureza e relação com o meio-ambiente foi fundamental para entender como construir uma EABC a partir de suas vivências. A partir dessa compreensão, pude elencar quatro subsídios para a EABC, os quais dissertaremos no próximo tópico.

4.2- QUAIS OS SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DE UMA EABC?

A partir do entendimento de como as Mulheres do Salgueiro aprendem e se educam, identifiquei quatro temas para uma Educação Ambiental de Base Comunitária contextualizada. São eles: o trabalho como eixo estruturante da vida; o movimento social e comunitário como espaço de formação política e profissional; a importância do afeto; e natureza com dimensão humana, política, cultural e econômica.

A definição dos pontos acima é importante, pois a EABC é uma educação ambiental construída com as comunidades e para as comunidades. Assim, precisamos identificar, junto às Mulheres do Salgueiro, as especificidades da conjuntura local e do território, além de seus sentidos de ser e estar no mundo. Dessa forma, poderemos desenvolver uma educação ambiental desde o chão do Salgueiro.

Ressalto que, para o GEASur, trabalhar com as Mulheres do Salgueiro numa EABC é uma honra. O Salgueiro é um lugar de grande vulnerabilidade social, econômica e ambiental; e elaborar uma educação atenta para as vozes de resistência presentes nesse território é a nossa missão. Nesse sentido, seguem abaixo os subsídios propostos para uma EABC desde o Salgueiro.

4.2.1 O trabalho como eixo estruturante da vida

O trabalho é uma categoria importante na vida das Mulheres do Salgueiro. De fato, elas interagem com o mundo a partir do trabalho, a ponto de vida e trabalho por vezes se confundirem. Logo, trabalho aqui não é apenas sobre gerar renda, como exemplificado pela fala de Janete:

“Antes a discussão era muito mais gerar renda. Mas vimos que gerar renda era uma consequência. Não adianta gerar renda se não está vivo. [...] vida estamos falando de falta de emprego, da polícia que chega atirando, tudo...”

Desse modo, temos que, a partir da costura com materiais reutilizáveis, as mulheres discutem cidadania, capacitação profissional, meio ambiente, violência, questões da mulher, questões do povo negro, economia, dentre outros assuntos. A partir do trabalho, elas aprendem e apreendem o mundo; modificam seu ambiente e atuam pela transformação social.

Todavia, o meu verdadeiro despertar para a importância do trabalho na organização da vida foi ao presenciar esse diálogo:

Janaína: “Hoje a gente tem liberdade, mas eu trabalhava em facção, chegava às 8 da manhã e saía às 18h, não tinha como levantar toda hora pra ir ao banheiro. Quando tinha muita coisa pra fazer era chegar 7h da manhã e sair 9h da noite. Então você acaba prendendo. Eu quase não levantava para ir no banheiro, almoçava biscoito sentada na máquina o dia todo. Consequência do trabalho. Não é legal não, você acaba adoecendo.”

Teresa: “Aí a produção dela anda, porque ela não faz xixi. Mariana faz 20, eu faço 50 e Janaína faz 100. Não come nem faz xixi.” [...] Quando eu saí de casa, caí naquele desespero de ter que sustentar as crianças sozinha. Então eu quase não dormia. Eu dormia 3 horas. De 3 às 6 da manhã. Fiquei um bom tempo assim. Hoje em dia eu já não aguento mais. Prejudicou muito a minha saúde, hoje em dia eu tomo antidepressivo. O meu desespero era sustentar eles e ter uma moradia, me prejudicou bastante. Hoje eu conquistei minha moradia. Moramos meus filhos e meu neto. Adoro cuidar do meu neto. Mas conquistei minha casinha, mas me prejudicou na cabeça.

Reparem: a desumanidade as quais Janaína e Teresa estavam submetidas em seus antigos postos de trabalho geraram consequências para sua saúde que perduram até hoje. Janaína até hoje possui o hábito de comer pouco e beber pouca água como herança de um trabalho precarizado e produtivista. Já a falta de condições materiais para criar seus filhos causou depressão a Teresa.

O cenário muda para elas a partir do momento em que passam a se organizar em autogestão, rompendo com relações de trabalho alienada. Nesse modelo, os próprios “operários” organizam sua produção e estabelecem em conjunto seus princípios e processos de decisão, eliminando a figura e a presença do patrão. Assim, as Mulheres do Salgueiro

constituem uma prática contra-hegemônica, à medida que se organizam de forma horizontal e tendo como base a atuação de mulheres das periferias urbanas (GUILHERME, 2016).

Além disso, alimenta-se o debate do trabalho enquanto formador/deformador do ser humano. Arroyo (2003) afirma que, dada a histórica e desumana divisão do trabalho, tendemos a enfatizar o trabalho como deformador, sob a ótica das relações capitalistas de produção. Contudo, o trabalho também pode ser um princípio formador e educativo. Em verdade, o aprendizado das Mulheres do Salgueiro vem da inserção no trabalho da costura, que se encontra com a luta social, promovendo a consciência dos direitos ao trabalho, à moradia, à educação, enfim, à dignidade humana. Conforme Arroyo (2003, p.31), “a consciência dos direitos se radicaliza na inserção na produção e se amplia nas lutas pela inserção nos serviços básicos para a reprodução digna da existência.”

Destaco que o elemento do trabalho é de grande valor para a EABC, em primeiro lugar, por emergir da comunidade, já que as Mulheres organizam sua produção em rompimento com princípios coloniais. Segundamente pois, retomando a síntese de Renaud Camargo (2017), é possível formular uma proposta educativa articulando a concepção do trabalho enquanto espaço de educação não-formal e o conceito da práxis freireana. Este último não apenas é um referencial das Mulheres do Salgueiro (GUILHERME, 2016), como também é compatível com seu processo educativo realizado a partir da observação cotidiana e da integração entre prática e teoria. Sendo assim, é essencial que a EABC se debruce sobre a centralidade do trabalho.

Por fim, assinalo a importância do aprofundamento no tema “O trabalho como eixo estruturante da vida”. Para tal, penso ser fundamental o estudo de perspectivas do campo do Trabalho, tal como as teorias marxistas.

4.2.2 O movimento social e comunitário como espaço de formação política e profissional

O Mulheres do Salgueiro é um movimento social. A ação dessas mulheres tem como combustível as injustiças e violências diárias as quais são submetidas, combinada a necessidade de trabalhar e gerar renda. Elas propõem discussões e novos projetos de sociedade a partir do empreendimento solidário que formaram, no qual costuram e criam

diversos produtos a partir de materiais reutilizáveis e recicláveis. Pautam-se na economia solidária, na organização autogestionada e nos princípios educativos de Paulo Freire.

Dentre os 12 eixos temáticos de movimentos sociais propostos por Gohn (2011, p. 346), o Mulheres do Salgueiro guarda similaridade com o décimo, a saber:

10 | Movimento das cooperativas populares: material reciclável, produção doméstica alternativa de alimentos, produção de bens e objetos de consumo, produtos agropecuários etc. Trata-se de uma grande diversidade de empreendimentos, heterogêneos, unidos ao redor de estratégias de sobrevivência (trabalho e geração de renda), articulados por ONGs que têm propostas fundadas na economia solidária, popular e organizados em redes solidárias, autogestionárias. Muitas dessas ONGs têm matrizes humanistas, propõem a construção de mudanças socioculturais de ordem ética, a partir de uma economia alternativa que se contrapõe à economia de mercado capitalista.

Adicionalmente, a história do Mulheres do Salgueiro, assim como na classificação de Gohn, também passa pela articulação de uma ONG humanista. Trata-se da ONG CAMPO, de atuação internacional, conforme explicado no Capítulo I.

Assim como outros movimentos sociais (GOHN, 2004), as Mulheres do Salgueiro também se institucionalizaram em ONG como estratégia de sobrevivência³⁷. Assim, elas conseguem firmar parcerias para gerar renda, promover cursos e angariar recursos, enfim, sobreviver. Estabeleceram assim uma de suas faces, o Empreendimento Solidário Mulheres do Salgueiro, o que não significa que deixaram de ser um movimento social. Na verdade, elas preferem usar “empreendimento solidário” apenas para as vendas de seus produtos, pois se veem de fato como um coletivo em movimento à defesa da vida, do trabalho e da dignidade humana.

Estabelecido nosso entendimento das Mulheres do Salgueiro enquanto um movimento social, vemos também que ele é um princípio educativo; um espaço de formação. Tal compreensão vem, em primeiro lugar, das conversas com as minhas parceiras de pesquisa, que concebem o coletivo do qual fazem parte como um local de capacitação profissional e formação humana. Ademais, uma das formas de ação do Mulheres é justamente a realização de cursos, oficinas e outras atividades educativas, tais como cursos de corte e costura, curso de mídias sociais e oficina de percussão. Seguem trechos que evidenciam que as voluntárias entendem o Mulheres do Salgueiro como, dentre outras coisas, um espaço de formação:

³⁷ Esse ponto me é caro, pois no início da pesquisa eu pensava se poderia considerar as Mulheres do Salgueiro como um movimento social ou não, dada a institucionalização como ONG. Entretanto, a história delas mostra que essa foi uma estratégia para continuar *em movimento*. Assim, as Mulheres do Salgueiro puderam seguir como um coletivo de pessoas populares e oprimidas, ainda que plurais, que lutam e resistem à política de morte imposta pelo *status quo*.

Aqui a gente acaba aprendendo tanto e acaba também ensinando. A gente tem uma troca de saberes e está pronta cada dia para um desafio, a gente sabe quando vai chegar aqui, mas não sabe como vai sair. Todo dia um desafio, não tem uma rotina... [...] Ensinava as meninas a usar a máquina industrial, que foi a necessidade que surgiu no comecinho. (RITA)

A gente não quer formar só pessoas que saibam cortar e costurar. A gente quer ir além, falar de empoderamento. A gente vai conversando, cortando e costurando. Quando você vai falar sobre direitos às vezes tem uma certa estranheza, a gente vai conversando devagarinho. (ISABELA)

Além disso, ao entender o processo de formação das Mulheres do Salgueiro, vemos que o que liga essas mulheres ao coletivo é o próprio estado de transformação permanente em que elas se encontram. Ou seja, ao buscar o sentido de ser e estar no mundo dessas mulheres, “nos encontramos com um movimento pedagógico de formação de sujeitos sociais e de seres humanos, que nos remete às questões de origem da própria reflexão pedagógica, ou da reflexão da educação como formação humana” (CALDART, 2001, p. 212). Em outras palavras, nos deparamos com o movimento social enquanto princípio educativo.

Podemos aprender muito com um movimento social e em meio a um movimento social. A EABC está particularmente interessada nisso. Enquanto uma EA Desde El Sur, a EABC está atenta aos grupos de resistência, às camadas oprimidas e encobertas pelas narrativas dominantes da modernidade.

O movimento social coloca a luta por trabalho, dignidade humana, educação, acesso a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, dentre outros, no campo dos direitos. Esse aprendizado dos direitos é uma dimensão educativa e política. E de acordo com Arroyo (2003, p. 31), “a formação humana é inseparável da produção mais básica da existência, do trabalho, das lutas por condições materiais de moradia, saúde, terra, transporte, por tempos e espaços de cuidado, de alimentação, de segurança”. Isto é dizer que a luta pela base material, pela sobrevivência e pela humanização educa. O autor acrescenta:

É importante destacar como o aprendizado dos direitos vem das lutas por essa base material. Por sua humanização. Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como tem agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao fazer pedagógicos a centralidade que tem as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação. Nos lembram quão determinantes são, no constituir-nos seres humanos, as condições de sobrevivência. A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana. (p. 32)

Em meio à luta social e comunitária, descobrimo-nos enquanto sujeitos de direitos. O foco da formação, da pedagogia, não é então o método ou o conteúdo, mas o sujeito. A

pessoa. A comunidade. Nós somos sujeitos em formação. Sujeitos de construção de conhecimentos. Sujeito de educação.

Em movimento social, temos sujeitos vivendo em torno de sua condição existencial e vivenciando situações limite. De acordo com Arroyo (2003), uma das características dos movimentos é que são multietários. “As crianças e adolescentes, as mulheres entram em movimento, se expõem, vivenciam o risco, a repressão, a morte, freqüentemente. Vivenciam as mesmas situações limite” (p. 37). De fato, isso é o que eu presenciei no Mulheres do Salgueiro.

A formação é para todos. As mulheres estão lá com suas crianças, com suas famílias. Todos participam da luta, do trabalho e das mobilizações em algum grau. Toda essa vivência deve ser considerada ao elaborar uma proposta de EABC.

Finalmente, as Mulheres do Salgueiro apontam para uma vida possível. Apontam também para um espaço de formação a partir das suas necessidades, lutas e memórias coletivas. Ao estar com elas no cotidiano, senti-me lendo livros sobre a Pedagogia dos Movimentos Sociais de Miguel Arroyo e sobre a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. As Mulheres do Salgueiro educam.

4.2.3 A importância do afeto

Quando falo em afeto, lembro imediatamente de Paulo Freire. Freire muito falava sobre a necessidade da afetividade e da amorosidade, não apenas no contexto pedagógico, mas em todas as dimensões da vida. Embora não tenha explicado exatamente os conceitos, ele expressava a importância de ambos nas vivências, nos textos e nas práticas. Tal insistência foi crucial para que hoje entendamos afetividade e amorosidade como categorias freireanas e para que diversos autores se debruçassem para entendê-las.

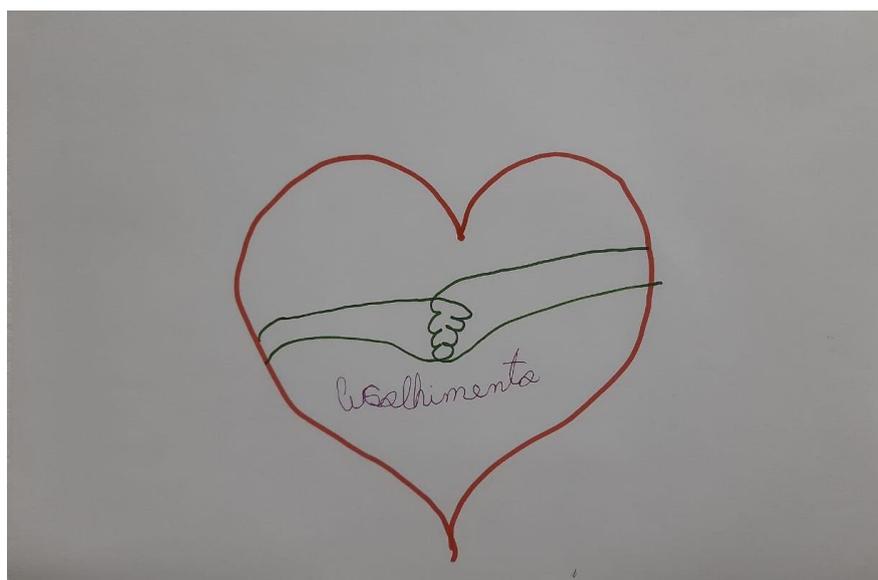
No Dicionário de Paulo Freire organizado por Danilo Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski (2010), afetividade é conceituada como uma afinidade profunda por outros seres e que origina amor, amizade e solidariedade; como algo que está na base do nosso ser e da nossa ação; que está na origem, no processo, na estrutura e no significado do conhecimento. Afinal, “a afetividade envolve a totalidade de nosso ser” (p. 27). É posto ainda que quando um grupo possui uma unidade afetiva, torna-se similar a um organismo vivo. Ainda, uma

educação dotada de afetividade é fundamental para a emancipação humana, com o afeto motivando o conhecimento e a solidariedade e fortalecendo a luta.

Em relação ao amor e a amorosidade, os autores apontam tais verbetes como potencialidade e capacidade humana. O pensamento freireano defende “uma amorosidade partilhada que proporcione dignidade coletiva e utópicas esperanças em que a vida é referência para viver com justiça neste mundo” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 37). Assim, amar é ato de coragem, é vida, é partilha, é compromisso com o outro e implica em diálogo.

Quando imergi no cotidiano das Mulheres do Salgueiro e percorri todo o caminho metodológico, percebi rapidamente a centralidade que o afeto possui em suas vidas. Isso ficou claro, por exemplo, ao Janaína dizer que “estava muito deprimida e o Mulheres do Salgueiro foi muito bom, porque aí eu consegui distrair, espairecer, dar um novo sentido à vida”; ao Mariana declarar que “eu sou alegre de conhecer vocês”; e ao descobrir que os filhos delas se conhecem, brincam juntos e se gostam. Posso citar como exemplos também as repetidas vezes em que apreciei os relatos maternos sobre seus netos, sempre com muito carinho envolvido, e o desenho feito por Teresa como síntese do que a nossa primeira roda de conversa representou para ela (Figura 8).

Figura 8 - Síntese produzida por Teresa, na qual se vê um coração sendo abraçado por dois braços e a palavra “Acolhimento” escrita dentro desse mesmo coração.



Fonte: A autora.

Ao articular a importância do afeto nas Mulheres do Salgueiro com o pensamento de Paulo Freire, formulo que as Mulheres têm na relação afetiva um vínculo, que possui relação com uma história e um destino comum. Essa amorosidade e afetividade nada tem a ver com a conquista individual amorosa, descolada da relação social. O amor e o afeto aqui estão no campo da coletividade, do “nós” e não do “eu”. Isso é politicamente diferente em Paulo Freire. Há, tão logo, uma dimensão política do afeto, do estabelecimento de vínculo e de uma tarefa social comum. As Mulheres do Salgueiro se identificam uma com as outras e têm no afeto uma estratégia de sobrevivência, como ato de amorosidade no plano coletivo.

Acrescento que o Salgueiro é um cenário de muita violência e está inserido num município no qual, no último ano, 70% das vítimas por arma de fogo foram jovens negros entre 18 e 29 anos. O Instituto Fogo Cruzado (2021) avalia que São Gonçalo é o município que possui o menor índice de empregos formais por habitante no Leste Metropolitano³⁸, sugerindo que há uma inversão de prioridades do Estado, que investe demais na repressão violenta e deixa de lado o combate à fome, à pandemia e à crise econômica. Evidencia-se, assim, a política de morte e promoção da violência a qual estamos submetidos

Diante de tanta violência, promoção da morte e penalização do cidadão, o afeto se mostra revolucionário. O carinho e o trabalho coletivo se tornam ainda mais importante para os sujeitos populares, oprimidos e que experienciam situações limite. Tão logo, o que se percebe é que a EABC precisa despertar seu olhar para a amorosidade.

4.2.4 Natureza tem várias dimensões: humana, política, cultural e até econômica

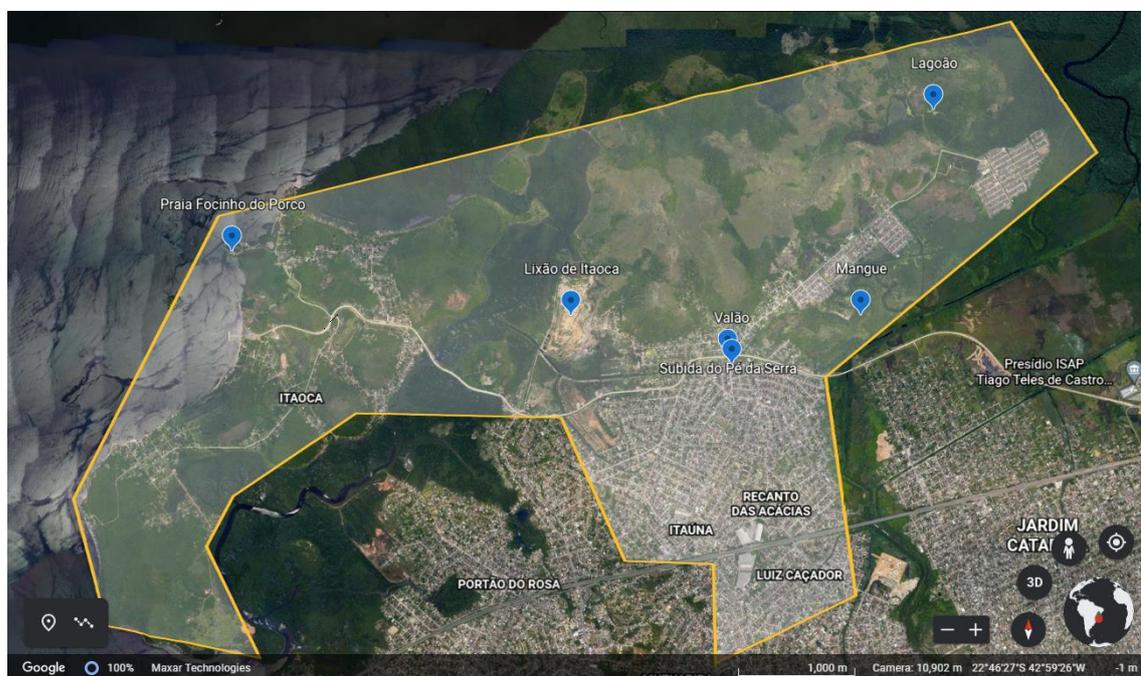
Enfim chegamos ao último subsídio encontrado ao longo dessa dissertação de mestrado. O elemento em questão é a pluridimensionalidade que a natureza tem para as Mulheres do Salgueiro. Isto significa dizer que a árvore não é simplesmente uma árvore; um rio não é apenas um rio. Os corpos da natureza representam vida, lazer, bem-estar e humanidade. Tornam-se questão social, política, econômica, histórica, de saúde, de afeto e de dignidade humana. Aí temos uma aproximação com a EABC, que considera “a dimensão Humana-Cultural-Política-Dinâmica do Meio Ambiente, ou seja, entendendo o Meio Ambiente como um processo, uma elaboração constante, produto das relações entre o ser

³⁸ Região que compreende os municípios de São Gonçalo, Niterói, Itaboraí, Cachoeiras de Macacu, Tanguá, Maricá e Rio Bonito.

humano e seu meio” e também dá destaque a “importância da Dimensão Imaterial das relações entre Humanos e Natureza” (RENAUD CAMARGO, 2017, p. 88).

A seguir, destacarei algumas das dimensões percebidas de natureza, tendo como ponto de partida seis elementos apontados pelas Mulheres do Salgueiro no processo de mapeamento participativo, a saber: Subida do Pé da Serra, o Lagoão, a Praia Focinho de Porco, o Lixão de Itaoca, o Valão e o Mangue (Figura 9). Foi a partir desses pontos, articulados com falas das parceiras ao longo das nossas conversas, que elaborei a ideia da natureza com dimensões múltiplas.

Figura 9 – Mapa do Complexo do Salgueiro, com a localização da Praia Focinho de Porco, do Lixão de Itaoca, da Subida do Pé da Serra, do Lagoão, de um valão e de um mangue.



Fonte: Projetado pela autora e as Mulheres do Salgueiro no Google Earth.

4.2.4.1 - Dimensão humana da natureza

Mergulhar no Lagoão, prestando atenção se vai aparecer algum jacaré. Parar na subida do Pé da Serra, que dá para o Maciço de Itaúna, e se lembrar dos tempos tranquilos em que subiam o morro para fazer piqueniques e ver pessoas saltando de parapente. Sentar-se na praia Focinho de Porco e apreciar a vista. (informação verbal)³⁹

³⁹ Durante a roda de conversa, enquanto fazíamos o mapeamento participativo, as colaboradoras apontaram esses locais no mapa e relataram recordações sobre eles.

Após ouvir das Mulheres do Salgueiro sobre essas três localidades, que elas apontaram como importantes para si, ousou dizer que as ações descritas acima, conforme relatado por elas, são direitos humanos. Poder contemplar a natureza, relaxar o corpo e a mente, descansar e se divertir. Acessar o meio ambiente como espaço de lazer e interagir com ele de forma terapêutica, promovendo vínculos afetivos e saúde física e mental. A relação com um meio ambiente saudável representa bem-estar e a possibilidade de sobreviver, isto é, ir além das necessidades fisiológicas mais básicas para a sobrevivência humana. É como diz aquela composição de Arnaldo Antunes, “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.

No contexto pandêmico atual, nossas parceiras encontraram refúgio na criação de uma horta com plantas alimentícias e medicinais. Elas e suas crianças plantam, colhem e planejam juntas o espaço e as atividades. Cuidar da terra e das plantas tem sido terapêutico e relaxante, além de promover a construção de saberes e afetos. A partir dessa relação com a natureza, abre-se caminho para a formação humana. Emerge-se aí, então, uma educação que leva em consideração a qualidade ambiental e o aspecto comunitário.

4.2.4.2 - Dimensão política da natureza

Esta parte da reflexão surgiu a partir do mapeamento de um valão, que é um rio ou córrego com alto grau de poluição, e de uma área de manguezal degradado. Dentre os relatos relacionados a ambos, as falas de Teresa me chamaram atenção:

“Eu moro na beira de um valão. Mas antigamente era um córrego. Antigamente o pessoal tomava banho. Aí a gente [ser humano] invadiu o espaço. Ali atrás de casa tem lagarto, jacaré, cobra. Aí hoje em dia, o lagarto entra dentro de casa e o pessoal acha que o lagarto que está errado. Eu não acho. A gente invadiu o espaço deles e a gente mata eles, isso eu acho errado. Mas e aí, já tá! Então como fica? Porque a gente já está no espaço deles. Quando chove, traz água e enche de peixe no valão. Meu vizinho tem ganso e eles ficam bicando a água. Fico pensando: como resolvemos esse problema [dos rios terem virado valões, de desmatamento, da sociedade sem natureza]?”

[...]

São os rios que hoje são valão? Eu moro num desses aí, próximo. Vira valão porque a gente caga e vai pra lá. É ruim, mas pra onde iria as coisas? O esgoto? Quase ninguém tem isso de saneamento. Nunca teve. Aí tem eleição que entra pessoas que nada vai fazer, porque ali a gente entra nas Palmeiras, enche. A água não tem para onde escoar. Niterói tudo aterro. O Rio [de Janeiro]. Entra muita gente na política que até quer fazer coisa, mas quando entra nada pode fazer. Não consegue... A população tem que ajudar também. No valão tem muita garrafa PET, que as pessoas não precisavam jogar lá. Aqui no Salgueiro chega caminhão de lixo em todo lugar.”

Essas falas evidenciam que, para Teresa, a natureza não é só “lá fora”, algo estrangeiro a ela. O meio ambiente também é onde ela está, atravessada pelas relações sociais e de poder.

4.2.4.3 - Dimensão econômica da natureza

“Nessa coisa de reaproveitamento, você acaba reaproveitando realmente tudo. Quando você não tem essa noção, mesmo pegando o tecido novo, você corta de qualquer jeito. Aqui tem todo o cuidado de molde... Às vezes uma tira que sobra é uma alça de uma bolsa... Você acaba aprendendo e aquilo vira um hábito. Hoje eu tenho uma dificuldade imensa de descartar algo lá em casa. É legal, você acaba aproveitando e ECONOMIZANDO, essa é que é a verdade. Geralmente um jeans... está apertado, não está servindo, faz uma alça de bolsa ou em casa a gente já corta e faz uma outra coisa. Então você acaba economizando e reaproveitando.” (Janaína)

Aqui destaco a fala de Janaína, na qual a natureza aparece não como simples fonte de recurso, mas de existência. O reaproveitamento de resíduos sólidos aparece a partir dos atravessamentos e dificuldades da vida. A existência no território, mediada pela relação ambiental, introduz a dimensão da natureza como uma fonte de renda.

4.2.4.4 - Dimensão cultural da natureza

Como parte da metodologia, realizei em uma das rodas de conversa uma dinâmica sensorial, na qual meditamos, relaxamos e resgatamos memórias. Ao final, cada uma das mulheres na roda compartilhou suas lembranças.

“Lembrei da minha infância. Uns 2 ou 3 anos de idade, com meu vestidinho branco. Lembro da textura dele. Eu me vi lá. Cheiro de terra molhada. Quando chovia ficava aquele cheirinho. Barulho da água caindo na telha, era bom pra dormir. Muito bom. Aqui no Salgueiro ela não sente esse cheiro. É tudo asfalto.” (Mariana)

“Eu senti o cheiro de álcool na máscara e me lembrei do nascimento do meu primeiro filho. No hospital o cheiro era de álcool, lembrei do nascimento dele. Senti quando o médico colocou ele no meu colo. O barulho até. No dia estava chovendo. Senti a textura da pele dele no nosso primeiro abraço. Eu sou muito ligada aos meus filhos. Hoje não é igual porque eles estão grandes. Quando eles crescem, eles querem seguir outros caminhos, e não o caminho que eu imaginei. O que eu queria mesmo era que eles não saíssem de perto de mim, me ligassem todo dia, nunca fizessem nada que eu acho errado. Mas eu acho lindo o nascimento e gostei de lembrar. Mas eu tinha 15 anos e fico indignada comigo às vezes, porque eu não tinha nem estrutura. Que estrutura psicológica uma menina de 14, 15 anos tem pra

ter um filho? Mas a gente só vai ver isso depois. Se você falar isso hoje pras adolescentes elas riem da nossa cara. Minha nora tem 16 anos.” (Teresa)

“Lembrei da minha casa, a minha mãe fazendo cocada. Senti o cheiro do coco. Viajei mesmo na lembrança. Minha mãe fazia cocada pra vender, mas sempre tirava um pouquinho pra gente. Aí meu irmão mais velho ia vender. Isso aqui no Salgueiro também.” (Janaína)

“Eu lembrei também da minha infância. O cheiro das rosas no quintal da mãe. Lembrei do balanço na árvore. A gente se balançava o dia inteiro naquele balanço e aí de noite a gente jogava o balanço pra cima da árvore para o meu pai não ver. Porque ele achava que era árvore velha e tinha preocupação de que a gente fosse se machucar. Mas assim, todo mundo sabia que a gente se balançava, ele sabia, porque o chão ficava sem mato justamente naquela parte. Aí quando chegava na sexta-feira, a gente tirava o balanço e colocava de volta na segunda-feira de manhã.” (Rita)

Nas falas, observamos a relação afetiva que as Mulheres estabelecem com a natureza. A terra molhada de chuva, a pele do outro, o cheiro do coco e das rosas. Há uma dimensão simbólica nesses elementos, uma rede de significados, que revelam contextos de vida.

Considerando essa natureza pluridimensional (humana, política, econômica, cultural), eu vejo na ação e no pensamento das Mulheres do Salgueiro o anseio pela emergência de uma “sociedade com a natureza” dentro da favela. Moscovici (1975) usou esse termo para se referir a uma sociedade construída a partir do conhecimento ecológico e do território, de forma a cultivar um viver não-predatório, com ritmos, tempos, gramáticas e tecnologias próprias. De fato, há nas Mulheres uma indignação com os problemas sociais e ambientais enfrentados e uma vontade de resolver tais questões. Há também uma forma própria de compreender e conviver com a natureza, sobretudo quando se recordam de seus ancestrais e dos ensinamentos que eles deixaram. Entendo que este é um caminho potente, sobretudo devido a condição precária de vida nas favelas.

CAPÍTULO V – IN-CONCLUSÕES

A trilha acabou? Parece que sim. Mas, ao mesmo tempo, já não é mais possível voltar por ela... De fato, novas montanhas se ergueram bem diante dos meus olhos e uma infinidade de trajetos se mostram possíveis de serem criados. Passo a passo. Golpe a golpe. Verso a verso. A presente dissertação chega ao fim, mas a pesquisa parece inacabada e vai ser para sempre assim, pois repensá-la é inevitável. A cada texto que leio, é um novo *insight*. A cada palavra que escrevo. A cada segundo que passo no Salgueiro. A cada miado da minha gatinha de estimação. A cada foto que vejo do sorriso do João. A cada vez que acordo. Tudo, tudo, tudo me leva a derivar outras questões ou a reformular respostas. Há sempre mais a agregar. O inacabamento é uma sina interessante de se lidar.

Digo isso, leitor – a quem incluo o meu futuro *eu*, que certamente revisitará este arquivo amanhã –, pois desejo que você não se limite as conclusões que apresentarei agora. Vá além. O conhecimento é uma construção infundável. Esta dissertação é a fotografia de um período; há muito mais por vir.

Nesta pesquisa busquei subsídios para construir uma Educação Ambiental de Base Comunitária desde o chão de uma periferia gonçalense, o Complexo do Salgueiro, de forma a obter uma fundamentação prática para a teoria da EABC e a contribuir para a valorização e visibilização do Salgueiro e de São Gonçalo. Nasci, cresci e moro nesta cidade e me é muito caro enxergá-la como um território potente e dotado de possibilidades.

Ademais, as parceiras da minha pesquisa foram as Mulheres do Salgueiro, que compõem um importante movimento comunitário e uma rica fonte de conhecimento. Com a ajuda delas, sistematizei sua pedagogia e ensaiei uma EABC contextualizada. Tal passo é importante na tarefa decolonial de desencobrir histórias apagadas pela narrativa dominante e no compromisso com as lutas sociais.

Assim, identifiquei nas Mulheres do Salgueiro uma pedagogia popular pautada na integração entre a vida, o trabalho e o afeto; que por sua vez se misturam em meio a natureza, contribuindo assim para uma territorialidade particular. A partir desse entendimento, considero que uma EABC desde o chão do Salgueiro precisa considerar a centralidade do trabalho na estruturação da vida, o papel formador do movimento social, a importância do afeto e a faceta pluridimensional da natureza. Os achados incluem o ideal de uma sociedade com a natureza, em oposição a sociedade *contra* a natureza vigente. As Mulheres do

Salgueiro não parecem querer dominar a natureza e viver em disritmia com o meio ambiente, mas sim alcançar um ecossistema com equilíbrio dinâmico.

Sociedades originárias de Afrika e Abya Yala possuíam tal encantamento, que foi quase totalmente desmantelado devido a violência colonial. Por esse motivo, a ancestralidade é crucial: reconectarmo-nos com nossas raízes, não com o objetivo de voltar no tempo, como se os últimos séculos nunca tivessem acontecido. Mas sim como meio de repensar nosso presente e imaginar outros mundos.

Dessa forma, os próximos passos a serem trilhados tão logo se dê a publicação desta dissertação serão: (1) rodas de conversa com as Mulheres do Salgueiro sobre as minhas conclusões; (2) realização de um curso de extensão em Educação Ambiental de Base Comunitária desde o Salgueiro, com e para a população do Salgueiro. Esses dois itens foram compromissos que firmei com as Mulheres e demandados por elas.

Finalmente, pretendo também aprofundar-me nos subsídios apresentados aqui e desenvolvê-los, me aproximando também da ancestralidade e da discussão de raça e gênero. Ainda, desejo pensar a Educação de Jovens e Adultos e o estabelecimento escolar com os aportes deste estudo sobre EABC e a educação não-formal. Sim, são muito anseios. Que Exú me ajude!

Sigamos.

“HIPÓGRAFE”

Mulheres à frente da tropa⁴⁰

*Ouçam, os gritos das ruas
Peito à mostra, vozes agudas
Ouçam as bombas, que caem no solo
Tremem os corpos, das crianças de colo*

*Mulheres, à frente da tropa
Mulheres, à frente da tropa*

*Jovens mulheres, adolescentes
Lutam por todos, até os descrentes
Imóveis ficamos, sem reação
Somente nos restam, os calos das mãos*

*Mulheres, à frente da tropa
Uoooh
Mulheres, à frente da tropa*

*Lala, lala, reê, rê
Lala, lala, lala, lala
Lala, lala, reê, rê, reê, rê
Lala, lala, lala, lala
Lala, lala, reê, rê, reê, rê
Lala, lala, lala, lala*

*Elas não temem, o covarde opressor
Elas não fogem do perigo da dor
Pontas de lança da revolução
Dedico à vocês, essa canção*

*Mulheres, à frente da tropa
Mulheres, à frente da tropa
Mulheres (mulheres), à frente da tropa
Mulheres (mulheres), à frente da tropa*

*Lala, lala, reê, rê
Lala, lala, lala, lala
Lala, lala, reê, rê, reê, rê
Lala, lala, lala, lala
Lala, lala, reê, rê, reê, rê
Lala, lala, lala, lala
Lala, lala, reê, rê
Lala, lala, lala, lala*

Ouçam, os gritos das ruas

(Letra de Edgard Scandurra)

⁴⁰ Assista o videoclipe em <https://www.youtube.com/watch?v=v3-hGhSuhT8>.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H; COLI, L. R. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, H. (Org.) **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 13–44, 2008.
- ALMEIDA, A. L. **A construção de comunidades de prática no contexto de formação de professores de Ciências e Biologia de São Gonçalo** [Projeto de Extensão]. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.
- ANDRADE, T. A.G. *et al.* A integração de políticas públicas na ação contra enchentes em bacias hidrográficas antropizadas: o caso do município de São Gonçalo, RJ. **VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão**, p. 1–17, 2010. Disponível em: <<http://www.linuerj.uerj.br/publico/anexos/1281057384/AintegracaodepoliticaspUBLICAS.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2021.
- ARBOLEDA, S. Rutas para perfilar el ecogenoetnocidio afrocolombiano: hacia una conceptualización desde la justicia histórica. **Nomadas**, v. 50, p. 93–109, 2019.
- ARROYO, M. G. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28–49, 2003.
- AZEVEDO BORGES, P. V. **Fé na “Política da Boa Praça”: Uma análise da relação política e religião (evangélica) em São Gonçalo-RJ**. 2018. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89–117, 2013.
- BORGES, C. São Gonçalo aposta em novos nomes na Câmara. **Plantão Enfoco**, 17 nov. 2020. Disponível em: <<https://plantaofoco.com.br/politica/sao-goncalo-aposta-em-novos-nomes-na-camara/>>. Acesso em 23 mai. 2021.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRAGA, M. N. C. **O município de São Gonçalo e sua história**. São Gonçalo: Falcão, 1998.
- BRINGEL, B; VARELLA, R. V. S. A Pesquisa Militante na América Latina hoje: reflexões sobre as desigualdades e as possibilidades de produção de conhecimentos. **Revista Digital de Direito Administrativo**, v. 3, n. 3, p. 474-489, 2016.
- BUCHECHA; CLAUDINHO. Rap do Salgueiro. In: BUCHECHA; CLAUDINHO. **Claudinho & Buchecha**. Rio de Janeiro: MCA, 1996. Faixa 12. CD. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/claudio-e-buchecha/82179/>>. Acesso em 02 jun. 2021.
- CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 207–224, 2001.
- CAMPANERUTI DA SILVA, R. **“Saindo da calçada”: mapeamento das redes sociais de lideranças femininas do bairro do Salgueiro, em São Gonçalo/RJ**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

- DUARTE, A. Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e tempo. **Natureza humana**, v. 4, n. 1, p. 157–185, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100005. Acesso em: 19 jan. 2021.
- DUSSEL, E. **1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que Fazer - Teoria e Prática em educação popular**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GEIGER, P. P. Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 18, n. 4, p. 495–522, 1956. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1956_v18_n4.pdf>.
- GHEDIN, E. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS – SIPEQ, 2. ed., 2004, Bauru. **Anais**. Bauru: Universidade Sagrado Coração, p. 1-14, 2004.
- GOHN, M. DA G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 20–31, 2004.
- GOHN, M. DA G. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, v. 21, n. 54, p. 439–455, 2008.
- GOHN, M. DA G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333–361, 2011.
- GOHN, M. DA G. Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs. **Meta: Avaliação**, v. 5, n. 14, p. 238–253, 2013.
- GOUVEIA, A. G. **Escassez hidrossocial e abastecimento de água: o caso do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro**. 2017. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- GUILHERME, J. N. **MULHERES DO SALGUEIRO: COMPREENDENDO O PAPEL DE UMA ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL**. 2016. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- ILLERA, J. L. R. Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. **Revista de Ciências da Educação**, n. 3, p. 117–124, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE [Internet]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo>. Acesso em: 8 jan. 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA/IPEA. **Atlas da Violência: retratos dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro; 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190802_atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf. Acesso em: 7 jan. 2020.

- INSTITUTO FOGO CRUZADO. **Relatório Região Metropolitana do Rio: 1º semestre 2021**. 2021. Disponível em: <<https://fogocruzado.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Instituto-Fogo-Cruzado-relatorio-semesteral-Grande-Rio-2021.pdf>>.
- JAUMONT, J.; VARELLA, R. V. S. A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. **Revista Direito & Práxis**, v. 07, n. 13, p. 414–464, 2016.
- KASSIADOU, A.; SÁNCHEZ, C. ECOLOGIA POLÍTICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DOS CONFLITOS AMBIENTAIS. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 6, n. 2, p. 09 - 25, 2020.
- KCI TECHNOLOGIES. **P02: Diagnóstico do estado da Baía de Guanabara**. 2016.
- LAVE, J; WENGER, E. **Aprendizaje situado: participación periférica legítima**. New York: Cambridge University Press, 1991. Tradução de Miguel Espíndola e Carlos Alfaro. Disponível em: <<http://www.universidad-de-la-calle.com/Wenger.pdf>>. Acesso em 12 mai. 2021.
- LAYRARGUES, P. A crise ambiental e suas implicações na educação. In: QUINTAS, J. S. (Ed.). **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: IBAMA, 2002. p. 159–196.
- LAYRARGUES, P.; LIMA, G. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente e Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23–40, 2014.
- MACHADO, C. B. FAZENDO POLÍTICA EM OUTROS CONGRESSOS: TRAMAS RELIGIOSAS, PRÁTICAS MIDIÁTICAS E A ESTÉTICA DA POLÍTICA NAS PERIFERIAS URBANAS DO RIO DE JANEIRO. **Debates do NER**, v. 20, n. 38, p. 19–59, 2020.
- MARÍN, S. Las ideologías ambientales. **Ciencias Humanas**, v. 7, n. 23, p. 91-97, 2000.
- MCCARTHY, J. D.; ZALD, M. N. Resource mobilization and social movements: A partial theory. **Social Movements in an Organizational Society: Collected Essays**, v. 82, p. 15–46, 2017.
- MEADOWS, D.; MEADOWS, D.; RANDERS, J. **Limites do crescimento: um relatório para o projeto Clube de Roma sobre o dilema da humanidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MENDES, L. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. **Cadernos Metrópole**, v. 13, n. 26, p. 473–495, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14765/10769#>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- MENDONÇA, R. E. S. G.; MORAES, T. S.; OLIVEIRA, W. S. A Aplicabilidade do Plano Municipal de Redução de Riscos do Município de São Gonçalo. **Revista Chão Urbano**, v. 16, n. 5, p. 1–11, 2016. Disponível em: <<http://www.chaourbano.com.br/visualizarRevista.php?id=120>>. Acesso em 19 jan. 2021.
- MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287–324, 2008.
- MOSCOVICI, S. **Sociedade contra a natureza**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS/ONU. **Declaração de Estocolmo sobre o ambiente humano – 1972**. Estocolmo: Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano em junho de 1972, ONU, 1972. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>. Acesso em 23/07/2019.

ORTIZ, M.; BORJAS, B. La Investigación Acción Participativa: Aportes de Fals Borda a La Educación Popular. **Espacio Abierto**, v. 17, n. 4, p. 615–627, 2008.

PAMPLOMA, N. Petrobras rebatiza Comperj para tirar “mancha de corrupção”. **Folha de S. Paulo**, 18 mai. 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/petrobras-rebatiza-comperj-para-tirar-mancha-de-corrupcao.shtml>>. Acesso em 24 fev. 2021.

PEREIRA, A. **A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DOS TERREIROS E O RACISMO AMBIENTAL: APORTES DAS LUTAS ANTIRRACISTAS À EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, 1992.

RENAUD CAMARGO, D. **LENDAS, REZAS E GARRAFADAS: EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE BASE COMUNITÁRIA E OS SABERES LOCAIS NO VALE DO JEQUITINHONHA**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RENAUD CAMARGO, D.; SÁNCHEZ PEREIRA, C. Educação Ambiental de Base Comunitária: relato de experiência no Vale do Jequitinhonha. **Revista Perspectivas Educativas**, v. 8, n. 1, p. 61–71, 2019.

ROSA, D. P. São Gonçalo, Divisão do Trabalho na Metrópole e a Formação da Nova Periferia Metropolitana. **Revista Tamoios**, v. 6, n. 1, p. 19–33, 2010.

ROSA, D. P. Consensos e dissensos sobre a cidade-dormitório: São Gonçalo (RJ), permanências e avanços na condição periférica. **Revista Política e Planejamento Regional**, v. 4, n. 2, p. 273–288, 2017.

RUFINO, L; RENAUD CAMARGO, D; SÁNCHEZ, C. Educação Ambiental desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, número especial, p. 1–11, 2020.

SALGADO, S. D. C.; MENEZES, A. K.; SÁNCHEZ, C. A colonialidade como projeto estruturante da crise ecológica e a Educação Ambiental desde el sur como possível caminho para a decolonialidade. **Revista Pedagógica**, v. 21, p. 597–622, 2019.

SÁNCHEZ, C.; STORTTI, M. A. Prefácio dos Autores. In: KASSIADOU, A. et al. (Eds.). **Educação Ambiental Desde El Sur**. Macaé: Editora NUPEM, 2018.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território. **Revista Geo UERJ**, v. 2, n. 18, p. 24–42, 2008.

SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, J. V. C. DA. **Sociedades de água do morro da Formiga: Subsídios para Educação Ambiental de base comunitária e ecologia de saberes em uma favela carioca**. 2016.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SORRENTINO, M. **Educação ambiental e universidade: um estudo de caso.** 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SOUSA, I. B. **Geotecnologias e Recursos de Multimídia no Ensino de Cartografia: Percepção Socioambiental do Rio Alcântara no Município de São Gonçalo/RJ.** 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

STORTTI, M. A. **APRENDER A RESISTIR E RESISTIR PARA APRENDER: UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL QUE EMERGEM DAS LUTAS DE ATINGIDOS PELA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO NO RIO DE JANEIRO.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed. Autêntica, 2010.

TECHNUM CONSULTORIA **Relatório Técnico do Plano Diretor Municipal Participativo.** 2008.

TILLY, C. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, p. 133–160, 2010.

TOURAINÉ, A. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, p. 17–28, 2006.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época.** Quito: Ediciones AbyaYala, 2009.

WALTER, C. A TERRITORIALIDADE SERINGUEIRA: Geografia e Movimento Social. **GEOgraphia**, n. 2, p. 67–88, 1999.

WENGER, E. **Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é Gabriela Silva Trindade e faço o curso de mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/UNIRIO). Estou desenvolvendo a pesquisa **“Mulheres do Salgueiro: construindo uma Educação Ambiental desde o chão das periferias”**, sob orientação do Professor Celso Sanchez Pereira (UNIRIO) e coorientação da Professora Francine Lopes Pinhão (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Nosso objetivo é compreender que Educação Ambiental existe no movimento social das Mulheres do Salgueiro a partir das narrativas e saberes das mulheres que o compõem. Você foi selecionada e está sendo convidada a participar dessa pesquisa por ser membro da organização Mulheres do Salgueiro. Por isso, é preciso que esteja ciente das seguintes informações:

1. Título da pesquisa: Mulheres do Salgueiro: construindo uma Educação Ambiental desde o chão das periferias.

2. Objetivo da pesquisa: O objetivo dessa pesquisa é compreender que Educação Ambiental existe no movimento social das Mulheres do Salgueiro a partir das narrativas e saberes das mulheres que o compõem.

3. Alternativa para participação na pesquisa: Você tem o direito de não participar dessa pesquisa. Estamos coletando informações para uma pesquisa sobre Educação Ambiental. Você é livre para participar ou não dessa pesquisa.

4. Como se dará a participação na pesquisa: Se você decidir integrar essa pesquisa, você precisará participar de uma roda de conversa sobre Educação Ambiental, na sede da organização Mulheres do Salgueiro, que contará como parte do objeto de pesquisa.

5. Motivo da realização da pesquisa: Pretendemos contribuir para o campo da Educação Ambiental e para o contínuo desenvolvimento da organização Mulheres do Salgueiro.

6. Sobre a sua participação quanto à obrigatoriedade, riscos, benefícios e exposição de imagem e voz:

- (a) A sua participação não é obrigatória;
- (b) Você poderá desistir a qualquer momento;
- (c) Caso você decida não participar ou desistir, não irá nos atrapalhar;
- (d) Você não terá nenhum gasto financeiro;
- (e) Você não receberá nenhum valor para participar dessa pesquisa;
- (f) Você poderá ficar um pouco cansada a depender da duração da roda de conversa;

(g) Você precisará se deslocar até a sede da Mulheres do Salgueiro para participar da roda de conversa. A sede está localizada no endereço Estrada das Palmeiras, 836, casa 04, Salgueiro, São Gonçalo, RJ, 24473-181. O valor financeiro necessário a esse deslocamento será coberto por mim;

(h) Você poderá desenvolver novos conhecimentos e aprendizados para sua vida pessoal e profissional;

(i) A coleta de dados para esta pesquisa incluirá o registro da sua imagem em foto e vídeo; a gravação da sua voz feita em áudio; e a transcrição desse áudio;

(j) Uma vez coletado os dados necessários para esta pesquisa, você poderá decidir se seu nome, imagem, voz e informações fornecidas poderão ser utilizados de forma pública para fins científicos e acadêmicos;

(l) Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, você terá direito a indenização.

7. Sobre a publicação dos resultados desta pesquisa: Afirmo por esse termo, a responsabilidade de tornar público nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada com identificação divulgada apenas nos meios e nos formatos descritos aqui. Assumo responsabilidade sobre a coleta de dados e cumprimento deste TCLE.

8. Contatos: Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine este documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável pela pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

(a) **Contatos do pesquisador responsável:** Gabriela Silva Trindade, vinculada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/UNIRIO). Telefone institucional: . Celular (21) 97142-9001. E-mail: gstrindade@live.com.

(b) Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato ao **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO**, localizado na Avenida Pasteur, 296, subsolo do prédio da Nutrição, Urca, Rio de Janeiro, RJ, 22290-240. O telefone para contato é (21) 2542-7796 e o e-mail é cep@unirio.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação nesta pesquisa, e que concordo em participar deste estudo.

São Gonçalo, ____ de _____ de _____

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Nome do pesquisador: _____

Assinatura: _____

Data: _____